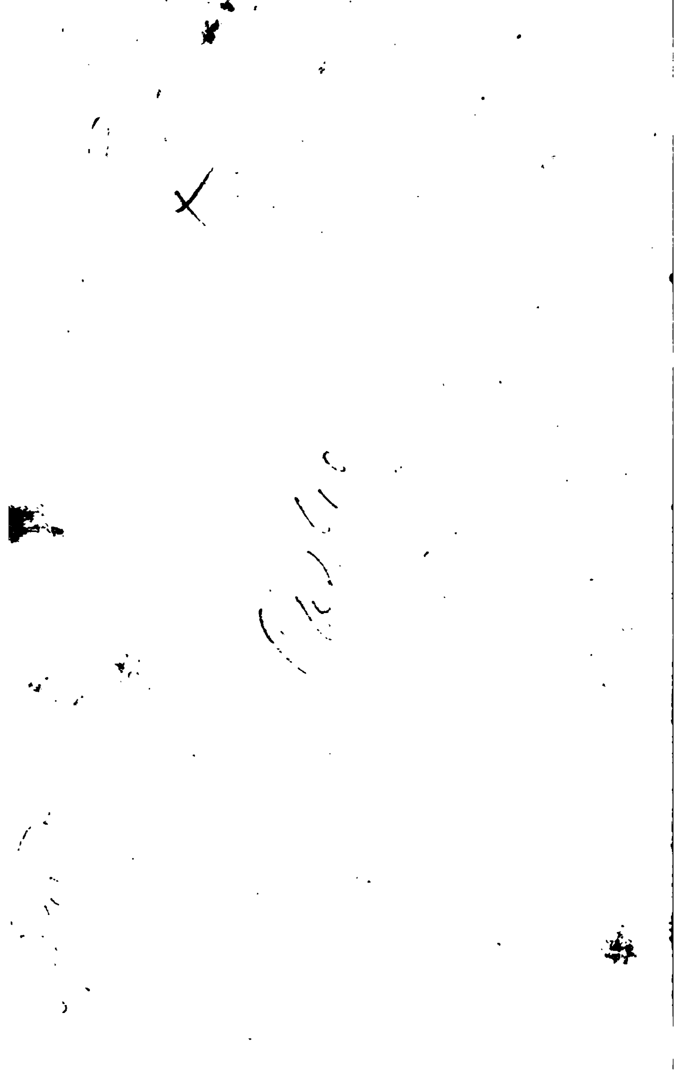




MAPPA
DE
PORTUGAL
PELO PADRE
JOAÕ BAUTISTA
DE CASTRO.

PARTE PRIMEIRA.

Comprehende a situaçaõ, etymologia, e clima do Reino; memoria de algumas povoações, que se extinguíraõ; descripçaõ circular; divisaõ antiga, e moderna; montes, rios, fontes, caldas, fertilidade, mineraes, moedas, lingua, genio, e costumes Portuguezes.

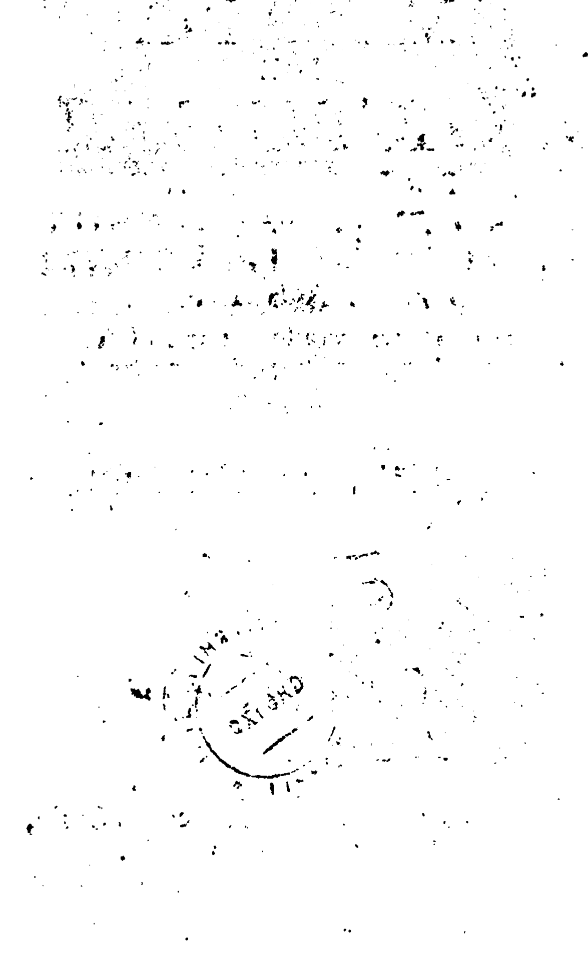


LISBOA.

Na Offic. de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Officio.

Anno M. DCC. XLV.

Com todas as licenças necessarias.





AO E.^mo E R.^mo SENHOR
CARDEAL DA CUNHA,
do titulo de Santa Anaſtaſia, do Conſelho de Eſtado, e Inquiſidor Geral de Portugal, e ſuas Conquiſtas.

E.^mo E R.^mo SENHOR.



A MESMA felicidade, que me conduzio ao acerto de achar a V. Emi-

V. Eminencia por amo, me adquire a honrosa dita de o ter agora por Mecenas. Bem póde esta circunstancia para mim taõ gloriosa desculpar a pequenhez de hum preciso tributo, que em seu offerecimento naõ o determina o arbitrio, executa-o a obrigaçaõ. A quem he subdito no animo, e na pessoa, compete que o seja tambem no tempo, e no trabalho: este, que empreguey nas horas mais livres da assistencia de V. Eminencia, comprehende huma resumida noticia de Portugal; e se o sacrificio pela materia se faz de-

decente, reſpeitando o grande zelo, com que V. Eminencia ſingularmente ennobrece o Reino; pela diſpoſiçaõ, e fórma perderá quanto tiver de indigno, conſeguindo a ventura de huma taõ grande protecçaõ. Será eſta para a Obra o mayor credito, aſſim como para a minha obediencia o mayor merecimento, vendo-me preciſado a ſupprimir os elogios ao meſmo tempo, que a elles me eſtaõ incitando naõ ſó os reſplandores da Purpura, mas as heroicas virtudes de V. Eminencia. Para exercicio dellas conſerve

Deos

Deos muitos annos a V. Eminencia, como ſeus criados deſejamos, e ha de miſter entre todos

João Bautiſta de Caſtro.

PRO-

PROLOGO.

SEguindo a boa ley do costume, que entre os Authores se observa de explicar a idéa, que tiveraõ na formatura dos seus livros, para clareza, e guia de quem houver de ler, digo, que o meu intento foy querer sucintamente reduzir a breve Mappa as principaes partes, que organizaõ o todo de Portugal; porque sendo o conhecimento do nosso Reino, e a intelligencia da sua Historia a que mais nos compete, e importa saber, achando-se toda ella desmembrada, ou separadamente inclusa em hum grande numero

de

de volumes, para cuja liçaõ se necessita de muito tempo, e trabalho, persuadi-me que facilmente com este opportuno resumo communicaria à minha memoria sufficiente instrucção de tantas especies precisas.

Com este pensamento comecey a dividir em partes as mesmas partes daquelle todo, e repartindo-as pela serie, e systema, que me pareceo mais natural, escolhi para a primeira, que agora publíco, o assumpto Geografico, ou huma concisa descripçaõ Geografica, e Hydrografica de todo o Reino. Para isto me vali naõ só dos Escritores nacionaes, mas ainda estranhos, accrescentando, diminuindo,

do, e illuſtrando o que achey ſer conveniente em beneficio do adorno, clareza, e verdade. Os Leitores, que forem doutos, a quem ſó reconheço por verdadeiros juizes, como ſcientes, e experimentados nas applicações litterarias, bem conheceráõ naõ ſó a penoſa fadiga, que requer hum tal eſtudo, mas por algumas circumſtancias a ventagem, com que procedo nelle, ſe acaſo eu me naõ engano.

Na ſegunda parte determiney referir o que toca à Hiſtoria ſecular, e politica; e aſſim indagando com a mais ajuſtada Chronologia a origem dos primeiros habitadores da Luſitania, excluindo o fabuloſo, continúo atè o

fe-

feliz reinado delRey D. Joaõ V. nosso Monarca soberano, sem omittir o Catalogo das Serenissimas Rainhas, Principes, e Infantes com as suas principaes acções, governo da Casa Real, e outras muitas noticias, que fazem consorcio no assumpto politico.

Na terceira comprehendi o que era concernente à Historia Ecclesiastica, e alli relato o estabelecimento da Religiaõ Catholica em Portugal, o exordio, progresso, e estado das suas Ordens Militares, Regulares, Monacaes, e Mendicantes, com todos os seus Conventos, annos das fundações, e terras, onde existem; Pontifices, e Cardeaes

Por-

Portuguezes ; Varões mais gloriosos em santidade , e virtude ; Imagens milagrosas ; Reliquias notaveis ; principio das Universidades , com a memoria de alguns Escritores famosos em todo o genero de litteratura ; e aqui tambem accommodo o militar do Reino com os presidios , e forças de mar , e terra , e a lembrança dos mais decantados Portuguezes insignes em armas.

Na quarta , e ultima parte formo humas Taboas Corograficas , e nellas com alguma novidade lanço , e distribuo alfabeticamente as principaes terras do Reino , produzindo a memoria das cousas mais notaveis , que pertence a cada huma , e accrescen-

centando hum curioſo roteiro itinerario.

Tudo iſto dito em poucas palavras occupa as quatro partes deſte Mappa, ambito mais reſumido, em que ſe podia recolher, e clauſular hum todo verdadeimente incomprehenſivel. Parece que a dignidade, e grandeza da materia por ſi meſma faz recommendavel, e importante a Obra: na fórma porèm, e contextura della, ajudando-me o Author da vida, cuidarey muito em proſeguilla como ſouber, e como alcançar.

Com o meſmo auxilio eſpero tambem que vejaõ a luz publica outros meus Eſcritos jà promettidos, e por juſtas razões preteri-

teridos atè agora: tal he alèm de outros a *Terceira parte da Recreaçaõ Proveitosa*, e o *Homem Rhetorico*, se acaso naõ se anticipar a todos a *Vida de Christo*, por ser hum assumpto, que com estudo, e affecto estou escrevendo.

Os erros porèm, que em algum dos meus livros descubrir a melhor intelligencia dos Leitores, e quizer censurar, eu receberey particular beneficio na communicaçaõ de todos os seus justos reparos, e advertencias. Conheço que para errar tenho tudo, que he preciso; mas para acertar, e emendar-me naõ tenho cabedal sufficiente: e muito menos neste presente trabalho, em

em que lidando só a força da minha curiosidade sobre o bofete, sem aquelle exterior soccorro de noticias, com que muitos Escritores saõ assistidos em semelhantes obras, parece que os defeitos teraõ mais desculpa, e merecem dissimulaçaõ.

Está

EStá conforme com o original. Lisboa, e Congregaçaõ do Oratorio, 18. de Mayo de 1745.

Jozé Troyano.

VIsto estar conforme com o original, póde correr. Lisboa, 18. de Mayo de 1745.

Fr. R. de Alancastre. Sylva. Abreu. Amaral. Almeida. Trigoso.

PO'de correr. Lisboa, 21. de Mayo de 1745.

D. J. Arceb.

QUe possa correr, e taxaõ em cento e oitenta reis. Lisboa, 24. de Mayo de 1745.

Pereira. Vaz de Carvalho.



MAPPA DE PORTUGAL.

CAPITULO I.

Da ſituação, etymologia, e clima deſte Reyno.

1 NA parte mais occidental da Europa, como coroa de toda a Heſpanha, ſitio eſtabelecido da clemencia do Ceo para cabeça do mais dilatado Imperio, eſtá collocado o

famoſo Reyno de Portugal entre o parallelo de 37, e 42 gráos de latitude ſeptentrional, e entre os 9, e 13 gráos de longitude, (1) cuja diſtancia intermedia reduzida a leguas, commenſuradas pela margem maritima, vem a fazer 100 no ſeu juſto comprimento, e 35 na ſua mayor largura. De circumferencia tem 285 leguas: as 135 de ribeira maritima, reſpeitando alguns angulos; e as 150 de raya terreſtre, conforme a Geografia Blaviana. (2)

2 Eſte calculo vay formado na hypoteſi de que damos 18 leguas a cada gráo do meridiano, e 14 à cada gráo do parallelo; e que o Reyno tem de latitude 5 gráos com alguns minutos, e 3 de longitude.

3 As partes, ou limites confinantes saõ eſtes: Galiza fica-lhe ao Norte, ou Septentriaõ; a coſta do Algarve ao Sul, ou Meyo dia; o mar Oceano, chamado de Portugal, pelo Occidente; e Caſtella

(1) Sanſon, e Joaõ Bapt. Hom. Mappa de Port.
(2) Geograf. Blavian.

tella a velha, Leaõ, e Andaluzia confinaõ pelo Oriente.

4 O primeiro nome, que obteve este Reyno, foy o de *Lusitania*, querendo os mais dos Geografos, e Historiadores que Luso, ou Lysias, filho de Baco, fosse o que pelos annos 800 do diluvio universal lhe conferisse o tal nome, deduzido com pouca differença do seu proprio. (3) Porèm éste systema taõ constantemente recebido, e patrocinado padece as contradições, que occasionaõ as fabulas, em que se funda.

5 Quem quizer dar credito ao doutissimo Samuel Bocharto, (4) a palavra *Lusitania* he vocabulo Fenicio, derivado da raiz *Luz*, que se interpreta *Amygdalum*, isto he, *Amendoa*, dos quaes frutos foy sempre fertil Portugal: (5) e como os Fenices costumavaõ dar nome às terras, que habitavaõ, conforme

(3) Plin. lib. 1. c. 3 Resend. l. 1. de Antiq. Maced. Flor. de Hesp. c. 13. Exc. 3. n. 1. Baudrand. Diccion. Geogr. Brito Monarc. Lusit. p. 1. l. 1. (4) Bochart. l. 1. c. 35. Geogr. Sacr. (5) Ludov. Robert. Map. Comerc. t. 2. pag. 22.

os frutos, de que eraõ mais abundantes, (6) naõ parecia improvavel, nem incongruente esta conjectura; por ser estabelecida em historia verdadeira, se acaso naõ tivera tambem a objecçaõ de serem os Fenices os que só povoáraõ a costa do cabo de S. Vicente, que naquelle tempo naõ se chamava Lusitania, mas Celtica.

6 Monsr. de La Clede (7) tem por etymologia mais certa deduzir a palavra *Lusitania* dos antigos povos chamados *Lusos*, que habitáraõ este nosso continente, a qual na lingua Celtica significava homem de alta, e robusta disposiçaõ, vocabulo conveniente ao valor, e esforço dos antigos Portuguezes.

7 Quanto ao nome de *Portugal*, por naõ darmos derivaçaõ antiga a hum vocabulo moderno, temos por mais certo que se deduzio da povoaçaõ chamada *Cale*, que antigamente houve na margem austral do rio Douro, fronteira à Cidade do Porto: a qual povoaçaõ pela

(6) Hoffm. Diccion. verb. *Lusit*. (7) De La Cled. Histor. de Port. tom. 1. pag. 6. mihi.

la frequencia das gentes, que alli concorriaõ, se foy fazendo afamada. Depois com o progresso do tempo se deo este mesmo nome à Cidade do Porto, que se fundou defronte; e como a fortuna tambem favorece aos lugares, desde o anno 1057 pouco mais, ou menos, como quer Estaço; ou 1069, como dizem outros, se estendeo a todo o Reyno aquelle nome de Portugal, que era proprio de huma só Cidade. (8)

8 Naõ averiguamos se a palavra *Cale*, como quer Joaõ Salgado de Araujo, (9) foy imposta por aquelles Gregos, que fizéraõ transito a estas partes com o Principe Meneláo, e fundáraõ huma povoaçaõ na foz do Douro com o nome de *Cale*, que significa *Porto ameno, e seguro*; porque naõ sabemos que haja historia verdadeira, em que esta memoria se possa fundar. Da mesma fórma rejei-

ta-

(8) Cellar. na Geogr. antiq. tom. 1. lib. 2. c. 1. §. 49. Argot. Antig. de Brag. liv. 2. c. 7. e 9. Estaç. Antig. de Portug. c. 92. n. 2. Marian. Hist. de Hesp. tom. 1. lib. 1. c. 4. Lima Geogr. de Portug. t. 1. pag. 188.
(9) Araujo Mart. Lusit. Certam. 1. art. 8. pag. 83. Torniel. ad ann. 1331. num. 2.

támos todas as mais etymologias, como improvaveis, e nugatórias.

9 Inclue-se Portugal no clima sexto, e principio do setimo, e por isso he o seu mayor dia de 15 horas: mostrando-se neste breve espaço de terra taõ benigna a inclinaçaõ do Ceo, que em algumas das nossas Provincias tempera de sorte os extremos do frio, e do calor, que faz confundir os tempos com suavissima equivocaçaõ. (10) Com esta favoravel temperança influem Sagittario, Capricornio, e Piscis com taõ feliz aspecto, respirando neste Reyno ares taõ benevolos, que o constituem patria de todos; pois vemos que as gentes das mais remotas partes do mundo attrahidas da benignidade deste clima, para aqui vem, e aqui vivem longo tempo satisfeitos, sem estranharem a mudança dos ares, nem com a saudade da patria, nem com a ausencia de seus patricios.

10 Deste influxo celeste nasce a fertilidade ao terreno taõ fecundo em todo

(10) Maced. Excel. de Port. cap. 1. Excel. 5. 6.

do o genero de frutos, summamente encarecidos dos Escritores antigos: (11) e se agora naõ experimentamos taõ grande abundancia, he porque nas comarcas do Reyno poupaõ mais o trabalho à cultura com a esperança da providencia alheya: e quando as terras estaõ vagas, e ociosas, naõ podem corresponder a seus donos com fertilidades nem ainda sufficientes. (12)

(11) Strab. lib. 5. Polyb. lib. 38. Athen. lib. 4. (12) Mallet. Descrip. del Univ. tom. 4. pag. 175.

CAPITULO II.

Memorias de algumas Povoações, que houve em Portugal, as quaes ou se mudáraõ em outras, ou totalmente se extinguíraõ.

1 ESta respeitosa noticia, a que Plinio (1) dá o titulo de Sagrada, he conveniente saber-se, naõ só para

(1) Plin. lib. 8. Epist. 24. *Revertere gloriam veterem, & hanc ipsam senectutem, quæ in homine venerabilis, in urbibus sacra est.*

para se conferir melhor o moderno com o antigo, mas para se conhecer a excellencia dos lugares, a honra, que tiveraõ; a situaçaõ, em que existíraõ; que tudo assàs contribue para a verdadeira Geografia, e Historia do Reyno. He bem verdade, que a antiguidade dos tempos, e a incuria dos homens fez perder muitas memorias, que nos podiaõ servir de muito; e outros as envolvêraõ em fabulas, que naõ nos servem de nada. Assim que, quanto nos for possivel, manifestaremos a posiçaõ mais verosimil de alguns lugares notaveis de Portugal, especialmente do tempo dos Romanos, que os Vandalos, e Mouros arruináraõ, demolíraõ, e escurecêraõ.

2 *Aguas Celenas*, *Cilinas*, ou *Celanas*. Era povoaçaõ, que esteve na Provincia do Minho. Lembraõ-se della Ptolomeu, (2) e Antonino em seu Itinerario no segundo caminho de Braga para Astorga. Dos Geografos modernos querem

(2) Ptolom. apud Cellar. lib. 2. cap. 1. Geogr. antiq.

rem huns (3) que fosse onde está hoje o Lugar de *Paõ*, meya legua assima da barra do rio Cavado da parte do Sul, e onde se celebrou o famoso Concilio contra os Prisciliauistas, em que presidio S. Toribio em tempo de S. Leaõ Papa. Outros porèm (4) o constituem em Barcellos, persuadidos da semelhança do vocabulo do rio *Celano*, que por alli passa, chamado hoje *Cavado*; porèm estas conjecturas saõ muy falliveis para estabelecer a Geografia verdadeira.

3 *Aguas Flavias*. Todos concordaõ na verdadeira situaçaõ desta terra, que era onde vemos hoje a Villa de *Chaves*. (5) Dizem que tomou este nome dos banhos, que alli havia, e do Emperador Flavio Vespasiano, a quem se dedicára huma notavel inscripçaõ. Foy colonia dos Romanos muy frequentada, e ennobrecida por elles, como larga, e eru-

(3) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 627. Corogr. Port. tom. 1. p. 310. Argot. Antig. de Brag. t. 1. c. 2. (4) Villalob. Nobiliarch. Portug. pag 89. Corogr. Port. t. 1. pag. 296. (5) Resend. lib. 1. Antiq. Lusit. Cellar. Geogr. antiq. lib. 2. c. 1. §. 51.

eruditamente moſtra o inſigne indagador de antiguidades (6) Luſitanicas, o Reverendo D. Jeronymo Contador de Argote.

4 *Aguas Layas*, ou *Leenas*. Na Carta Geografica de Abrahaõ Ortelio achamos demarcado eſte lugar com o nome de *Aquæ Leæ Turudorum* quaſi em 41 gráos de latitude, e 11 de longitude. Alguns (7) querem que eſtiveſſe entre as Villas de *Monçaõ*, e *Valladares*: o que naõ póde ſer pela arrumaçaõ daquelle inſigne Geografo. Noſſo famoſo Argote perſuade-ſe com razaõ (8) que eſta era a Cidade de *Lais*, capital dos povos Turolicos, e que exiſtíra onde hoje chamaõ a Freguezia de S. Martinho de *Lanbezes*, termo da Villa de Caminha.

5 *Ambracia*. O Illuſtriſſimo D. Rodrigo da Cunha (9) diz que eſta Cidade

(6) Argot. Antig. de Brag. t. 1, lib. 2. c. 3. 4. 5. Et de antiq. Convent. Brachar. lib. 1. cap. 3. (7) Gaſpar Barreir. na Corogr. (8) Argot. Mem. do Arceb. de Brag. tom. 1. pag. 323. (9) Cunha Hiſtor. Eccl. de Brag. part. 1. c. 19. Villasboas Nobil. Port. pag. 79.

dade estivera no sitio de *Barcellos*, a qual foy fundaçaõ dos Gregos. Fundase na authoridade de Rodrigo Caro, (10) que diz que a *Ambracia* em Portugal; onde foy martyrizado Santo Epitecto, estava em hum lugar perto de Braga. Porèm o A. do Agiologio Lusitano, seguindo a Sandoval, naõ assente a isso, (11) porque diz que he Placencia.

6 *Araduca*. Convem alguns dos Geografos (12) que estivesse esta Cidade collocada onde hoje vemos a nobre Villa de *Guimarães*. E seguindo esta opiniaõ Manoel de Faria, fallando da sobredita Villa de Guimarães, diz: (13)

Na aldeya d'Araduca celebrada
Pela rara belleza das pastoras.

O mesmo diz Filippe de la Gandara nas *Armas, e Triunfos de Galiza cap.* 17. *num.*

(10) Rodr. Caro in notis ad Dextr. ann. 265. *Ambrasiæ in Lusitania S. Epitectus ejusdem Civitatis civis, & Pontifex Martyr Christi.* (11) Agiol. Lusit. tom. 3. pag. 38. (12) O Campo Chron. p. 1. lib. 3. c. 27. Argót. Antig. de Brag. t. 1. lib. 2. c 6. n. 513. D. Franc. Man. Cent. 3. Cart. 62. p. 425. (13) Faria Fonte de Aganip. p. 2. Eclog. 4. Est. 10.

num. 3. Porèm Gaſpar Eſtaço (14) ſegue o contrario, e o intenta provar com a arrumaçaõ, que lhe dá Ptolomeu na altura de 41 gráos, e 50 minutos, e com 17 leguas e meya da boca do Douro; diſtancia muy differente da que tem Guimarães, pois diſta da boca do Douro 8 leguas ſómente. Fr. Bernardo de Brito (15) diz que o que antigamente foy *Araduca*, he hoje *Amarante*: e jà houve quem diſſe que era *Aljubarrota*. Tudo he andar às eſcuras dentro do cáos da confuſa antiguidade.

7 *Aradučta*. Conforme a ſituaçaõ do Mappa de Abrahaõ Ortelio, parece ſer a *Arouca*, que hoje exiſte.

8 *Aravor*. O Author da Corografia Portugueza (16) quer que foſſe eſta huma Cidade em tempo dos Emperadores Trajano, e Adriano, em cujo ſitio eſtá hoje a Villa de *Marialva*; porèm eſta noticia ſó neſte A. a achámos.

9 *Aricio*, ou *Aire*. Conforme André de

(14) Eſtaç. nas Antig. de Port. c. 20. (15) Monarc. Luſit. liv. 2. cap. 11. (16) Corogr. Portug. tom. 2. pag. 308.

de Resende, (17) ficava esta Cidade nas ribeiras do Tejo, onde hoje existe *Benavente*. Gaspar Barreiros tem para si (18) que distava huma legua de Coruche, onde agora está a Villa de *Erra*; porèm Jorge Cardoso (19) diz que estivera esta povoaçaõ duas leguas afastada de Abrantes, onde chamaõ *Alvéga*, porque neste sitio ha vestigios antigos, que assim o persuadem. Na Carta Geografica de Ortelio vemos demarcada *Aricio* entre a Feira, e Arouca; e na altura de *Benavente*, ou *Salvaterra* se vê *Aritium Prætorium*, em que parece ser seguido pelo grande Resende.

10 *Aroche*. Consta de muitos cipos ser esta huma notavel Cidade, sobre cujas ruinas se levantou depois a Villa de Moura no Alentejo, como eruditamente provaõ Fr. Manoel de Sá, (20) e Resende.

11 *Ani-*

(17) Resend. de Antiq. Lusit. (18) Gasp. Barr. na Corogr. (19) Cardos. no Agiol. tom. 3. pag. 371. (20) Sá Mem. Hist. part. 2. pag. 1. & seq. Resend. de antiq. lib. 4.

11 *Annona*. O Doutor D. Joaõ Ferreras (21) persuade-se que esta Cidade estava situada na Provincia do Minho junto ao rio Ave; porèm nosso Argote (22) naõ he desta opiniaõ.

12 *Auranca*. Existio esta povoaçaõ naõ longe do rio Vouga, 9 leguas de Coimbra, segundo nos informa Jorge Cardoso. (23)

13 *Balsa*. Tem para si o famoso antiquario Resende (24) que estivera esta Cidade no Algarve, onde agora reside *Tavira*; mas, segundo Ptolomeu, e Ortelio, parece ser *Castro-marim*. Todavia Christovaõ Cellario segue a conjectura de Resende; (25) e Gaspar Barreiros em hum manuscrito diz que he a aldea chamada *Simine*.

14 *Benis*. Por algumas congruencias parece ao laborioso D. Jeronymo Contador de Argote (26) que era esta huma

(21) Ferreras Histor. de Hesp. part. 3. ad ann. 466.
(22) Argot. Antiguid. de Braga tom. 1. pag. 376.
(23) Cardos. Agiol. Lusit. tom. 2. p. 344. (24) Res. lib. 4. (25) Cellar. lib. 2. Geogr. antiquit. cap. 1.
(26) Argot. Mem. de Brag. tom. 1. lib. 2. c. 6. n. 516.

ma Cidade Epifcopal exiftente perto da Villa de Caminha.

15 *Befelga*. Dentro dos termos de Thomar, e Torres-novas exiftio efta povoaçaõ com titulo, e grandeza de Cidade. Hoje he hum lugar pobre, e pequeno, que para memoria lamentavel do que foy, ainda conferva o appellido em hum monte fronteiro, a que os moradores chamaõ *Monte da Cividade*. Muitas ruinas antigas fe defcubríraõ neftes contornos, de que fe prova a fua verdadeira fituaçaõ, como fe perfuade Cardofo. (27) Fr. Leaõ de S. Thomaz perfuade-fe que he *Agueda*, huma legua de Thomar.

16 *Britonia*. Grande controverfia ha entre os Geografos fobre a verdadeira fituaçaõ defta Cidade. Que ella foy povoaçaõ florentiffima em tempo dos Suevos, e Godos, e gozou a honra de Cathedral com Bifpos dentro de Hefpanha he infallivel. Os AA. Caftelhanos quetem que ella eftiveffe em Galiza, onde ho-

(27) C[illegible]of. Agiol. Lufit. tom. 3. p. 760. V. Argais na Po[illegible]on Ecclefiaft, de Hefpanh. ad ann. 893.

hoje está Oviedo, ou Mondonhedo, de que os despersuade Jorge Cardoso. (28) Muitos dos nossos insistem, (29) em que esta Cidade estivera no sitio de *Brigiandes*, Abbadia de Ponte de Lima. O A. da Corografia Portugueza a constitue no Lugar da Freguezia de S. Martinho de *Birtella*, termo da Villa da Ponte da Barca. (30) Ultimamente o incançavel, e erudito Padre Argote convem em que existio junto do rio Lima, (31) fundando-se em mais provaveis documentos.

17 *Calantia*. Querem que existisse esta povoaçaõ no Alentejo, e no mesmo terreno de *Arrayolas*, dando-lhe por fundadores os Celtas. (32)

18 *Caldelas*. Na Freguezia da Magdalena, termo de Thomar, existe hum Lugar com este mesmo nome, de que in-

(28) Cardos. Agiol. Lusit. tom, 2. p. 23. (29) Monarch. Lus. l. 7. c. 23. Fr. Leaõ Benedict. tr. 2, p. 2. c. 21. (30) Corogr. Port. t. 1. pag 237. (31) Argot. Mem. de Brag. t. 2. p. 682. (32) Vascons. in not. ad Resend. lib. 1. p. 258. Rodr. Mend. Poblac. gen. de Hesp. pag. 135. D. Franc. Man. Cent. 3. Cart. 62. Corogr. Port, t. 2. p. 525. Agiol. Lusit. t. pag. 86.

infere o A. da Corografia (33) houvera alli antigamente a Cidade *Caldede*. E junto da Ermida de S. Pedro se descobrem ainda muitas pedrinhas quadradas de varias cores, que parece serviaõ em Templos, ao modo dos nossos azulejos. Descendo do sobredito Lugar, apparecem por algumas quebradas pedaços de arcos de pedra, e canos de metal, por onde lhe vinha agua de longe. Tambem seus moradores tem achado algumas ferramentas de lavoura, e moedas de cobre, das quaes confessa Jorge Cardoso (34) conservava huma com a efigie de Antonino Pio de huma parte, e da outra a figura do rio Tibre.

19 *Cambeto*. O doutissimo Padre Argote intenta mostrar (35) que esta Cidade estava situada onde agora chamaõ S. Salvador de *Cambezes* no Couto do Luzio, termo de Monçaõ; porèm no mappa da antiga Lusitania, composto por Abrahaõ Ortelio, a vemos situada

B com

(33) Corogr. Port. tom. 3. pag. 175. (34) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 3. p. 761. (35) Arg. Memor. de Brag. tom. 1. pag. 316.

com o nome de *Cambetum Lubenorum* na altura de 41. gr. de latitude, e 13. de longitude, que deitá mais para a Provincia de Tràs os montes, que do Minho.

20 *Campos Elysios*. Anda introduzida nas Hiſtorias de Heſpanha a antiga exiſtencia deſtes campos conſtituidos de ameno, e delicioſo temperamento; mas como cada hum os leva para o terreno, que lhe figura o deſejo, he juſto que averiguemos iſto em beneficio da verdade com alguma mayor extenſaõ. Pertendem os AA. Caſtelhanos (36) collocallos huns em Sevilha, outros em Andaluzia, outros em Cordova, e em diverſas outras Provincias. Os noſſos Eſcritores (37) querem huns que eſtiveſſem na Provincia do Minho, outros no Algarve, e outros na Eſtremadura nos cam-

(36) Rodr. Car. Antiguid. de Sevilh. Caram. Explicac. Myſtic. de las armas de Heſpanh. pag. 72.
(37) Heyt. Pint. in Ezech. cap. 13. Maced. Flor. de Heſpanh. cap. 1. exc. 6. Far. Epit. p. 4. lib. 5. cap. 4. Becan. in Hermat. pag. 229. Luiz Mar. Antiguid. de Lisb. D. Franc. Man. cent. 3. cart. 62. Corogr. Port. tom. 1. pag. 209. Lacerd. in l. 6. Virgil. Æneid.

campos vizinhos de Lisboa, chamados *Lyſirias*, como ſe diſſeſſemos *Elyſirios*, ou *Elyſirias*; porèm o certo he que naõ eſtiveraõ em parte alguma de Heſpanha.

21 Dizem mais, que eſtes campos eraõ cheyos de ſumma delicia, onde todo o anno havia perpetua Primavera, e eſtaçaõ florente, para o qual hiaõ as almas dos Varões famoſos deſcançar, como em premio de ſuas proezas. O primeiro A. que innovou eſta fabula, foy Homero, (38) o qual introduzindo a Ulyſſes nas prayas do Oceano, lhe encarece a bondade do clima; porèm o ſentido daquelle grande Poeta, ſegundo a mais racionavel conjectura, foy encubrir com a ſuppoſiçaõ dos campos Elyſios a noticia, que aprendeo em os livros de Moyſés do ſagrado Paraiſo.

(38) *Elyſium in campum, terrarumq; ultima tandem*
Dii te tranſmittent, ſtat flavus ubi Rhadamanthus
Exiſtitque viris, ubi vita facilima durans
Non hyemis vis multa: nives non ingruit imber
Stridula, ſed ſemper Zephyrorum flamina mittit
Ingens Oceanus, ſenimina grata virorum.
Homer. Odyſſ. d. verſ. 113.

22 Prova-se com o que diz S. Gregorio Nazianzeno, (39) que os Gregos, offerecendo-se-lhes no animo certa especie do nosso Paraiso, o deraõ a entender (ainda que discrepando alguma cousa em o nome) com outros vocabulos, tomando-o dos nossos livros, e dos de Moysés. O mesmo reconheceo Proclo de Hesiodo, pois ainda que confunde com o commum erro dos demais Gregos as Ilhas dos Bemaventurados com os campos Elysios, escreve, (40) que quando aquelle Poeta nomea as Ilhas dos Bemaventurados, parece significar o Paraiso, ou o campo Elysio, chamado assim, porque conservava indissoluveis os corpos. Christiano Bechmano (41) comprova o mesmo parecer, convindo em

(39) S. Gregor. Nazianz. orat. 20. pag. 333. *Paradisi videlicet nostri speciem quandam animo intuentes, atque ex Mosaicis, ut opinor, nostrisque libris, tametsi in nomine nonnihil discreparit, aliis tamen vocabulis, hoc ipsum indicantes.* (40) Proclus in Hesiod. fol. 27. *Beatorum insulas cum dicit Paradisum, aut campum Elysium significare videtur, sic dictum, quod corpora servet indissolubilia.* (41) Bechman. de origin. ling. Latin. pag. 333.

em que o Elysio dos Gentios naõ foy outra cousa, que o Paraiso, ainda que expressado debaixo de alguma sombra.

23 E pois he constante foy Homero o primeiro, em quem se offerece celebrada a amena felicidade dos campos Elysios, naõ parece dubitavel expressar nelle o Paraiso, quando S. Justino Martyr constantemente assegura (42) tivera noticia delle o tal Poeta: ajuntando-se a isto o quanto se conforma o aprazivel clima, e deliciosa morada dos campos Elysios de Homero com o que referem as Sagradas Letras teve o Paraiso, que a nossa vulgata chama do *Deleite*, substituindo assim a voz *Eden*, que conserva o Hebreo, como adverte S. Jeronymo. (43)

24 Disto se collige, que o animo de Homero naõ foy collocar os campos Elysios na Hespanha, como julgou Estra-

(42) S. Justin. in Cohortat. ad Græcos pag. 27. *Permulta esse à Poeta, ex Divinis quoque Prophetarum libris in opus suum relàta... Deinde verò, ut Paradisi effigiem Alcinoi horti conservarent, fecit illos florentes, & frugum ubertate scatentes.* (43) Div. Hieron. in Genes. cap. 2. vers. 15.

trabo., (44) a quem feguírao os mais, que os fituaõ nella, porèm fó quiz expreffar com efte nome o Paraifo fagrado, de que faz memoria Moyfés. (45) A caufa porèm, que commoveo ao Poeta para collocar os fobreditos campos no ultimo Oceano, foy por feguir a opiniaõ dos Orientaes, que affirmavaõ eftivera o Paraifo diftante da terra habitada no mefmo Oceano, como feguio Santo Efrem, conforme allega Moyfés Barce-pha, (46) e Malvenda. (47) Com efta breve demonftraçaõ nos parece ficaráõ eftes campos fantafticos excluidos inteiramente das noffas Provincias.

25 *Canace*, ou *Canali*. Conforme diz Rodrigo Caro, (48) foy efta huma Cidade, que Ptolomeu fitúa no Algarve, e affim a vemos collocada na carta de Ortelio por fima de Tavira; porèm Severim de Faria efcreveo ao Author da Benedictina Lufitana, dizendo-lhe, que a Ci-

(44) Strab. de Situ Orbis lib. 3. pag. mihi 143. (45) Genef. 5. 23. (46) Barcepha de Paradif. cap. 12. (47) Malvend. de Parad. lib. 1. cap. 9. (48) Rodrig. Car. ad ann. Chrift. 419.

a Cidade de *Canace* estivera no sitio da Serra d'Ossa, onde chamaõ Val de Infante, quatro leguas afastada de Evora. (49) Hauberto tambem a constitue junto de Evora, e faz memoria de S. Mauricio Abbade Basiliense, que padecêra aqui martyrio. (50)

26. *Capara.* Padeceo engano Hauberto em dizer que ficava esta Cidade junto de Evora, (51) porque, segundo a melhor conjectura, foy Cidade habitada pelos povos Vetones; e Ortelio a põe quasi na latitude de 40. gráos, e 13. de longitude. Hoje fica fóra dos limites de Portugal, e como diz Argaes, (52) pertence ao Bispado de Placencia.

27 *Carmona.* O Author da Benedictina Lusitana diz, (53) que sinco leguas de Braga, junto à estrada, que vay para Vianna, duas leguas pouco mais, ou menos, antes della ao pé de hum monte existíra antigamente huma povoaçaõ

(49) Benedict. Lusit. tom. 1. pag. 304. (50) Haub. Chron. ad ann. 420. (51) Haubert. ad ann. 86. (52) Argaes Poblacion Eccles. de Hesp. tom. 1. fol. 10. (53) Benedict. Lusit. tom. 2. pag. 109.

voação grande com o nome de *Carmona*, cujas ruinas, e vestigios se vaõ de quando em quando descubrindo.

28 *Cauca*. Tenho para mim que padeceo engano Jorge Cardoso (54) em collocar esta Cidade no sitio de Villa-pouca de Aguiar, entre Chaves, e Villa-Real, a quem seguíraõ Macedo, (55) e outros; porque mais me accommodo ao exame do estudiosissimo Argote, (56) e tambem porque vejo no Mappa de Ortelio arrumada esta Cidade na altura de 41. grâos de latitude, e perto de 15. de longitude, naõ pouco distante de Segovia.

29 *Ceciliana*. O Itinerario de Antonino sitúa esta povoaçaõ entre Setuval, e Alcacer do Sal. Plinio lhe chama *Castra Ceciliana*, talvez deduzido de Cecilio Metelo, que deo nome a este Lugar. Huns querem que seja hoje Agualva, trez leguas de Setuval, outros Alcaço-

(54) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 172. (55) Maced. Flor. de Hesp. excel. 10. num. 3. P. Purific. Chronic. de S. Agost. p. 2. liv. 7. tit. 1. §. 1. (56) Argot. Antig. de Brag. p. 1. pag. 377.

caçovas. Com o mesmo nome de *Castra Celicis* vejo huma situada na Carta de Abrahaõ Ortelio junto de Meribriga, que he em 38. gráos, e 5. minutos de latitude, e 12. gráos, e 5. minutos de longitude, e outra quasi na mesma latitude, e 14. gráos de longitude.

30 *Celiobriga.* Foy o que agora he *Celorico de Basto*, ou nas suas vizinhanças. Consta da inscripçaõ, que se achou em huma pedra na Igreja de Santa Senhorinha de Basto, que allega Argote nas Memorias do Arcebispado de Braga. (57)

31 *Centocellas.* Defende Jorge Cardoso (58) a situaçaõ desta Cidade junto ao rio Zezere no Bispado da Guarda, e perto de *Belmonte*, onde permanece huma Ermida de S. Cornelio, proxima a huma torre quadrada de obra Romana, onde diz estivera prezo este Santo, o que tambem confirma Joaõ Salgado de Araujo no liv. 3. das guerras da Provincia da Beira pag. 100. porèm o Padre

(57) Argot. Mem. de Brag. tom. 1. pag. 318. (58) Cardos. Agiolog. Lusit. tom. 1. pag. 338.

dre Fr. Antonio da Purificaçaõ, (59) e os incansaveis Antiquarios Argote, e Leal (60) mostraõ com evidencia ser erro de Cardoso.

32 *Cinania.* Desta Cidade faz mençaõ Valerio Maximo, (61) encarecendo muito o valor de seus moradores, e dizendo, que ficava na Lusitania. Fr. Bernardo de Brito, (62) e seu abbreviador Manoel de Faria (63) mostraõ que estivera fundada junto de *Roriz.* Pertende porèm Gaspar Estaço mostrar, (64) e o Padre Henrique de Abreu no discurso, que faz sobre esta Cidade, que estivera junto da Serra do Maraõ, (65) onde ha passagem aos que vaõ da Beira para o Minho pela estrada, que da Villa de Teixeira vay a Amarante. Aqui ao pé da serra está a Villa de Mejaõ frio, e hu-

(59) Purific. Chron. August. tom. 1. pag. 215. vers. (60) Argot. Mem. de Brag. tom. 2. pag. 694. Leal, Memor. do Bispad. da Guard. part. 1. tit. 3. cap. 2. num. 202. 203. 204. (61) Valer. Maxim. l. 6. cap. 4. (62) Monarch. Lusit. part. 1. liv. 3. cap. 13. (63) Far. Epitom. pag. 110. part. 2. cap. 10. (64) Estaç. Antig. de Portug. cap. 19. (65) P. Abreu no fim da vida de S. Quiteria pag. 307.

e huma legua pela ribeira do Douro assima está o Lugar de Cidadelhe, e ao Norte ha ruinas de grande povoação: aqui prova o dito Author foy Cinania. Jorge Cardoso (66) a põe na eminencia de hum monte sobre o rio Ave, legua e meya distante de Guimarães. O Author da Corografia Portugueza (67) a descubrio entre Lanhoso, e o Couto de Pedralva. Modernamente o Padre D. Jeronymo nas Memorias eruditissimas de Braga (68) confessa, que he incerta a precisa situação de Cinania.

33 *Cetobriga.* Foy huma Cidade do Gentilismo, em cujas ruinas se fundou a Villa de Setuval. Fr. Bernardo de Brito, (69) seguindo a Floriaõ do Campo, e a outros, diz, que fora fundada, e povoada por Tubal o anno 145. depois do diluvio, e lhe chamára *Cetbubala*, ou *Cætum-Tubalis*, que quer dizer ajunta-

mento

(66) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom.1. pag. 320. e tom.3. pag.17. (67) Corogr.Port. tom.1. pag.162. (68) Argot. Memor.de Brag. pag.386. e 457. (69) Monarch. Lusit. p.1. cap.3. Heyt. Pint. in Ezech. cap.27. Far. Europ.Portug. tom.3. part.3. cap.3.

mento de Tubal, de cujo nòme com pouca mudança se deduzio *Setubal*. Porèm André de Resende, (70) e Diogo de Paiva dizem, que naõ póde ser; antes o Paiva com tenacidade a constitue em Andaluzia. O que temos por mais provavel he o que diz o famoso Resende, que houveraõ duas povoações deste nome: a antiga, onde agora está o sitio chamado Troya, que naquelle tempo se dizia *Cetobriga*, e significava Cidade de muito, e grande peixe; porque *Briga* na lingua dos antigos Lusitanos queria dizer Cidade, ou fortaleza, e *Cete* peixes grandes. Desta opiniaõ he Gaspar Barreiros, (71) o qual affirma, que no seu tempo havia no sitio desta Troya vestigios de humas salgadeiras, em que seccavaõ o peixe, porque se fazia aqui huma grande pescaria delle, e que debaixo da agua se mostravaõ ainda ruinas de edificios, cousa, que tambem testifica Resende. Extincta final-

(70) Resend. l.4. de Antiquit. pag. mihi 216. Paiv. no Exame de Antiguid. pag.9. (71) Barreir. Corograf. pag. 63.

finalmente a antiga *Setuval*, ou *Cetobriga* na geral destruiçaõ de Hespanha, se passáraõ alguns moradores dos que restáraõ para defronte, e principiáraõ a povoar nova colonia naquelle sitio, intitulando-a da mesma fórma *Cetobriga*. Correndo depois o tempo, se veyo a chamar *Cetobala*, e dahi *Cetubala*, e hoje *Setuval*. Desta opiniaõ he Luiz Nunes, (72) e Christovaõ Cellario. (73) Affirma tambem o allegado Resende, que no sitio de Troya, ou antiga Cetobriga está por sima da porta da Igreja de N. Senhora huma cabeça de carneiro em pedra, e lhe parece que houvera alli hum templo de Jupiter. De outras pedras alli descubertas faz tambem memoria o sobredito Antiquario.

34 *Collipo.* Foy esta Cidade Municipio Romano, e nas suas ruinas se levantou a Cidade de *Leiria*, (74) como he constante entre todos os Geografos.

35 *Con-*

(72) Luiz Nunes cap. 38. (73) Cellario Geograf. Antiq. liv. 2. cap. 1. §. 16. (74) Plin. liv. 1. cap. 24. Gruter. pag. 1155.

35 *Concordia.* Teve esta Cidade seu assento huma legua afastada de Thomar, para o Occidente, onde se descobrem ainda vestigios de sua antiguidade. Ptolomeu se lembra desta povoaçaõ, pondo-a na Lusitania, e quasi com elle concordaõ Bivar, (75) Plinio, e outros. (76) Houve outra Concordia junto ao rio Guadiana, que antigamente se chamou Bertobriga, Bocoris, ou Nortobriga, de que falla Pedro de Medina. (77) Jorge Cardoso (78) diz, que guardava em seu poder algumas moedas achadas no sitio da primeira Concordia, que bem provaõ a antiga certeza desta povoaçaõ. Author ha, que diz he *Tentugal.*

36 *Egitania.* Foy no sitio de Idanha a velha huma Cidade nobilissima em tempo dos Romanos, e Municipio seu muy estimado. O Doutor Manoel Pereira da Silva Leal, dignissimo Academico

(75) Bivar ad ann. 145. (76) Plin. liv. 4. cap. 22. Benedict. Lusit. part. 4. trat. 2. pag. 173. Abreu Vid. de S. Quiter. pag. 203. (77) Medin. l. 2. (78) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 3. pag. 760. & tom. 1. pag. 457.

mico Regio; escreve della eruditamente nas memorias da Guarda. (79)

37 *Eminio.* Hoje he o Lugar de *Agueda* no termo de Aveiro. Foy povoaçaõ notavel da Lusitania, e Cidade Episcopal. Teve Prelados, de que se achaõ memorias unicamente, de Gelasio pelos annos 411. de Christo, e de Possidonio pelos annos 589. O Academico Manoel Pereira da Silva Leal (80) pertende mostrar que naõ tivera Bispos, como alguns affirmáraõ.

38 *Equabona.* He hoje a Villa de Coina.

39 *Eritreia*, ou *Erythia.* Encontramos muito embaraçada entre os Authores a situaçaõ desta Ilha. Fr. Bernardo de Brito, (81) seguindo a Pomponio Mela, (82) diz, que estivera na Costa de Portugal, e que havendo aqui pelos annos de Christo 582. hum grande terremoto, se apartára da terra firme, e o que

(79) Leal, Mem. do Bisp. da Guard., pag. 14. & seq. (80) Id. Dissertaç. Exegetic. not. 5. num. 28. (81) Monarch. Lusitan. liv. 5. pag. 24. (82) Mela liv. 3. cap. 2.

que ficou he ao que agora chamamos *Berlengas*, talvez deduzido da palavra *Londobris*, que tambem lhe dá Ortelio. Esta opiniaõ seguem Resende, Baudrand, Luiz Marinho de Azevedo, e outros, que este allega. (83)

40 Porèm Diogo de Paiva (84) persuadido com a geral confusaõ de alguns Authores em naõ distinguirem a Ilha Erythia da de Cadis, e Tarteso, he de contrario parecer. Os Romanos tiveraõ o abuso de chamar com o mesmo nome de Cadis às outras Ilhas, que estavaõ immediatas a ella, da maneira que se chamaõ hoje Ilhas de Cabo-Verde, e das Canarias todas as que se conservaõ sujeitas às duas principaes, como cabeças de todas as outras suffraganeas, como bem observa o Marquez de Montejar nas suas eruditas Disquisições; (85) e assim he infallivel ser diversa esta Ilha das

(83) Resend. lib.2. Antiq. pag.66.mihi. Baudrand, Diction. Geogr. verb. *Erythia*. Marinh. de Azeved. Antiguid. de Lisb. pag. 105. (84) Paiv. Exam. de Antiguid. pag.42. (85) Montejar, Antig. de Hesp. part.2, disquis.5. §.2. cap.2.

das outras, e a mostraõ Salmacio, Rufo Festo Avieno, Samuel Bocharto, Rodrigo Caro, Christovaõ Cellario, e outros. (86)

41 *Eburobricio.* Questionaõ os Geografos sobre a verdadeira situaçaõ desta terra. Diogo Mendes de Vasconcellos, e Gaspar Barreiros (87) dizem, que estivera no sitio, onde hoje está *Evora de Alcobaça*; porèm Fr. Bernardo de Brito, (88) reprovando á Vasconcellos, diz, que fora em *Alfeizeraõ*, mas em outra parte duvida. (89) Mons. de La Clede (90) no Mappa da antiga Lusitania nenhuma dúvida põe em situar a *Alfeizeraõ* no mesmo lugar de *Eburobricio*, e quasi na mesma altura se conformaõ os mappas de Ortelio, e Cellario. Do antigo templo, que houve aqui dedicado a Neptuno pelo famoso Capitaõ

De-

(86) Salmac. Exercit. Plinian. pag. 184. Avien. in Oris Maritim. vers. 308. Bochart. Geograf. Sacr. pag. 679. Car. Antig. de Sevilh. l. 3. cap. 25. Cellar. Geogr. antiq. liv. 2. cap. 1. §. 127. (87) Vasconcel. in Annotat. ad Resend. Barreir. Corograf. pag. 50. (88) Monarch. Lusit. liv. 3. cap. 11. (89) Ibid. l. 5. cap. 17. (90) De La Cled. Hist. de Portug. tom. 1.

Decio Junio Bruto, consta a grande resistencia, que os seus moradores fizeraõ ao poder Romano pelos annos 130. antes de Christo Senhor nosso vir ao Mundo. (91)

42 *Evandria.* He Olivença. Antonino lhe chama Evandriana.

43 *Flaviobriga.* O Doutor Joaõ de Barros na Descripçaõ do Minho tem para si que estivera esta povoaçaõ no sitio de *Favayos*, Villa da Provincia Transmontana, onde affirma que vira letreiros, que assim o testemunhavaõ. Foy huma das Cidades, que edificou ElRey Brigo.

44 *Foro dos Limicos.* Era huma Cidade collocada junto do rio Lima. O Padre Argote persuade-se que estivera no sitio, a que hoje chamaõ *Santo Estevaõ da Facha*. (92)

45 *Foro dos Narbassos.* Foy Cidade cabeça de huns Povos assim chamados, que existio perto de Braga, conforme a con-

(91) Monarch. ut supr. (92) Argot. nas antiguid. da Chancellar. de Brag. pag. 128.

a conjectura do incansavel Padre Argote. (93)

46 *Gerabrica*, ou *Jerabrica*. Segundo a Geografia de Fr. Bernardo de Brito (94) esteve esta Cidade situada onde vemos hoje a Villa de *Póvos*. Prova-o este Author com o Itinerario de Antonino, o qual assina de Lisboa a Jerabrica trinta mil passos, que fazem as sete leguas, que se contaõ desta Cidade àquella Villa. Porèm Gaspar Estaço, Gaspar Barreiros, e Brandaõ mostraõ com o mesmo Itinerario, que *Jerabrica* foy o que hoje he *Alamquer*. (95)

47 *Lacobriga*. Em tempo dos Romanos foy Cidade muy famósa, e lembra-se della Baptista Mantuano, (96) quando diz, que erigíra o Senado desta po-

(93) Argot. Mem. do Arceb.de Brag. liv. 2. cap. 6. num. 525. (94) Monarch. Lusitan. liv. 6. cap. 4. (95) Estaç. Antiguid. de Portug. cap. 87. Barreir. Corogr. tit. de Talaver. Brand. Monarch. Lusitan. liv. 16. cap. 34.

(96) *Dicitur Ardiburi posuisse Lacobriga septem*
Victori toties statuas, totiesque per illum
Erutа Wandalicis bello insurgente procellis.
Mantuan. in Agelaric.

povoaçaõ sete estatuas à Ardiboro, Capitaõ insigne do Emperador Valentiniano, as quaes prostráraõ os Vandalos, quando a tomáraõ. Das suas ruinas se edificou a Cidade de *Lagos* no Algarve, e neste sitio vemos collocada a sua arrumaçaõ no Mappa de Ortelio, e de Pomponio Mela, com quem se conforma Vasconcellos, (97) donde parece receber engano Vasco Mousinho de Quevedo, equivocando Lagos com Lamego, (98) e o mesmo engano encontro em Gabriel Pereira, (99) porque une os póvos da Serra da Estrella com os de Lacobriga, que sendo Lagos, eraõ Provincias muy distantes. Talvez que tudo proceda de se equivocarem com outra povoaçaõ, que ficava junto de Lamego, porèm mais encostada para o mar, a que Ortelio chama *Langobrica*, que Vasconcellos tem pela Villa da *Feira*. Ha quem diga que *Lacobriga* he a Villa de *Abrantes*, outros do *Landroal*, e Joaõ

(97) Vasconcel. Descript. Regn. Lusitan. pag. 797. (98) Mousinh. no Afric. cant. 3. est. 14. (99) Gabr. Pereir. na Ulyss. cant. 8. est. 146.

Joaõ de Mariana diz, que he a Villa de *Alvor*, fundada por Anibal.

48. *Magneto.* Foy na opiniaõ de alguns huma Cidade em tempo de Romanos, e existio onde hoje chamaõ *Santa Maria de Meinedo*, que he hum Lugar do Bispado do Porto. (100)

49. *Mirobriga.* De duas povoações com este mesmo nome achamos memoria em Portugal: huma no sitio, onde está Montemór o velho; outra em Sant-Iago de Cacem. Consta da Carta Geografica de Abrahaõ Ortelio. Plinio as confunde; porèm nosso Resende assenta, que a verdadeira foy onde agora he *Sant-Iago de Cacem.* (101)

50. *Myrtilis Julia.* Esteve esta famosa Cidade, e Municipio no sitio de *Mentola.* He indubitavel. Antonino assina 36000 passos atè Béja, que saõ nove leguas das nossas, distancia verdadeira, que ha de huma a outra parte. Quasi todos

(100) Argot. Mem.de Brag. liv.4. cap.4. pag.670.
(101) Resend. de Antiquit. Lusitan. lib. 4. pagin. mihi 209.

todos os Geografos se conformaõ nesta situaçaõ. (102)

51 *Nabancia.* Era huma povoaçaõ, que ficava para a parte do Nascente da Villa de *Thomar*, onde affirmaõ nascêra a gloriosa Virgem, e Martyr Santa Iria. (103) Na divisaõ dos Bispados, que fez Wamba, se lhe dá o nome de *Naba*, (104) conforme a intelligencia de Argote.

52 *Norba Cesarea.* O Capitaõ Braz Garcia Mascarenhas, governando a Praça de Alfayates na Beira, diz, que descubríra os claros vestigios desta Cidade entre Alafões, e Salvaterra, e entre os rios Elja, e Ponsul, onde chamaõ os Toulões. (105) Hoje he *Alcantara.*

53 *Numancia.* Naõ he facil julgar o verdadeiro sitio desta famosa Cidade pela nimia variedade de opiniões, que achamos nos Escritores. Nenhum melhor

(102) Andr. Schotti, Isaac Vosio, Plinio, Antonin. e outros apud Cellar. lib. 2. cap. 1. §. 20. Geograf. antiq. (103) Monarch. liv. 9. cap. 27. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 68. (104) Argot. Mem. do Arc. de Brag. pag. 649. (105) P. Henriq. de Abreu, Vid. de S. Quiter. pag. 203.

lhor que o eruditiſſimo Argote (106) ſoube acclarar eſta confuſaõ, diſtinguindo trez Cidades com eſte proprio nome; e com bons fundamentos moſtra que nenhuma exiſtio no ſitio, em que alguns dos noſſos Authores pertendem anſioſamente collocalla, que he onde chamaõ *Namaõ*, meya legoa diſtante da Villa do Freixo junto ao Douro, e ſaõ deſte parecer Brito, Brandaõ, Cardoſo, e Joaõ Salgado de Araujo com mayor tenacidade, (107) a cujos fundamentos reſponde bem o ſobredito Padre Argote.

54 *Obobriga.* Padeceo erro o Author da Corografia Portugueza (108) em collocar eſta povoaçaõ na Villa de *Monçaõ*: mais ajuſtada congruencia tem em dizer que foy *Oroſia*, poſto que o inſigne Argote o tem por fabula. (109)

55 *Oſſel*;

(106) Argot. Mem. do Arceb. de Brag. l. 2. cap. 14. diſſert. 31. (107) Monarch. Luſit. liv. 6. cap. 2. & 16. cap. 45. Cardoſ. Agiolog. Luſitan. tom. 2. a 21. de Abril, & tom. 3. pag. 726. Arauj. nos Succeſſ. Milit. pag. 109. & ſeqq. (108) Corograf. Port. tom. 1. pag. 210. (109) Argot. Memor. do Arc. de Brag. pag. 396.

55 *Offel*, ou *Offet*. Tambem naõ lidaõ pouco os Historiadores, e Geografos em averiguar a genuina situaçaõ local desta Cidade. Fr. Bernardo de Brito tem para si que estivera no Valle Ossella, trez leguas distante de Arouca, Bispado de Lamego; (110) e accrescenta, que neste sitio achára vestigios daquelle notavel Templo, onde havia a Pia Baptismal millagrosa, e que no meyo de hum cumulo de pedra estava huma cova feita ao comprido, cuberta de silvas, a que chamaraõ o banho, onde parece que naquella consumida reliquia perseverava ainda a tradiçaõ do tal prodigio.

56 Todavia Fr. Antonio da Purificaçaõ mostra (111) que esta terra teve sua existencia naõ longe de Viseu: que na sua principal Igreja houvera huma reliquia de Santo Estevaõ muito milagrosa: que ainda no seu tempo havia huma Ermida de fabrica antiquissima: que pouco adiante para a parte do mar está

(110) Monarch. Lus. liv. 6. cap. 11. (111) Purific. Chronic. August. tom. 1. pag. 134. vers.

está huma fonte, que chamaõ das virtudes: que mais para baixo estaõ naquelles contornos huns campos chamados de *Assem*, que bem mostra ser vocabulo derivado de *Ossem*.

57 Jorge Cardoso (112) julga que ficava Osset junto de Agueda, e que era Cidade taõ forte, que a ella se fora refugiar Santo Hermenigildo o anno 581. para rebater a furia de Leovigildo, como dizem alguns Historiadores. (113) D. José de Santa Maria Carthusiano, Vigario do Convento de N. Senhora de las Cuevas em Sevilha, sahio à luz o anno de 1630. com hum livro sobre a situaçaõ de *Ossel*, e a colloca na Betica, seguindo a opiniaõ de Rodrigo Caro, a que Joaõ Franco Barreto lhe responde na Historia dos Bispos de Evora cap. 11. 12. 13. Porèm huma das razões, que ha para desfazer estas conjecturas, he a authoridade de S. Maxi-

mo,

(112) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 2. pag. 546.
(113) Fr. Leaõ de S. Thom. Benedictin. Lusitan. tom. 2. pag. 279. Saavedr. Coron. Gotic. part. 1. cap. 12.

mo, que expressamente diz ficava a tal povoaçaõ, e Baptisterio no Bispado de *Pax Augusta*, que he Béja do Alentejo (114) na opiniaõ mais provavel.

58 *Ossonoba*, a que Plinio chama *Lusturia*, (115) e Bocharto (116) interpreta Fortaleza de Baal, esteve nas vizinhanças de Faro no Algarve, onde hoje chamaõ *Estoy*. Foy Cidade famosa, e nobre, pois teve Cadeira Episcopal, como se collige de alguns Concilios, em que se vem assinados varios Bispos com o titulo de Ussonobenses, os quaes numéra o Catalogo dos Bispos do Algarve, que vem no fim das suas Constituições. Em tempo dos Romanos foy Républica. Consta de hum cippo, que está na muralha da fortificaçaõ de Faro, cujas letras se podem ler em Resende, e Grutero. (117) Strabo (118) lhe chama Sonoba, se acaso naõ he outro Lu-

gar,

(114) S.Max. ad an. 550. *Prope esset oppidum Lusitaniæ in Diœcesi Pacis Augustæ fontes Baptismatis in pervigilio Paschatis excitabatur.* (115) Plin. l.3. cap.1. (116) Bochart. Geogr. Sacr. lib. 1. cap. 34. tom.2. (117) Resend. l.4. pag. 201. Gruter. p. 274. (118) Strab. liv.3. pag.99.

gar, como escrupuliza Bocharto. Na invasaõ dos Mouros padeceo naõ só a ruina das suas fabricas, e muros, mas do nome, porque lhe chamáraõ *Exubona*. Duarte Nunes, (119) e o Padre Poyares naõ distinguem Estoy de Estombar, sendo elles taõ diversos. D. Rodrigo da Cunha, (120) e Jorge Cardoso cahíraõ na mesma confusaõ, sendo que este emendou o erro, retratando-o em outro lugar. (121)

59 *Panoncias*. Foy huma Cidade, que no tempo dos Romanos existio no termo de Villa-Real, onde hoje está a Aldea chamada o *Assento*, da Freguezia de Saõ Pedro de Valdenogueiras: assim o mostra largamente o Reverendo Padre Argote. (122)

60 *Pineto*. Era outra Cidade situada no lugar, que hoje chamaõ *Valdetelhas*, sinco leguas distante da Villa de Chaves;

(119) Nun. Descr. de Portug. pag. 13. Poyar. Diccion. Geogr. p. 184. (120) Rodrig. da Cunh. Hist. de Brag. part. 2. cap. 61. Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 1. Prolog. §. 6. (121) Id. Card. tom. 2. Agiol. pag. 10. Vide etiam Argaes Dialog. 3. cap. 8. (122) Argot. Memor. do Arceb. de Brag. pag. 325.

ves, e foy povoaçaõ Romana, como affirma o mesmo erudito Argote. (123)

61 *Salacia.* De duas Cidades com este mesmo nome achamos memorias que existíraõ em nosso continente: huma sinco leguas de Braga, no sitio, onde chamaõ *Salamonde*; assim o prova Argote (124) com o Itinerario de Antonino: a outra Salacia esteve onde hoje vemos *Alcacer do Sal*, e foy Cidade, que os Romanos chamáraõ Imperatoria, honra, que lhe deo Augusto Cesar, fazendo-a tambem Municipio. (125)

62 *Santos Idus.* Vide Corogr. tom. 1. pag. 344.

63 *Scalabis.* He sem controversia a Villa de Santarem, a que os Romanos tambem chamáraõ *Præsidium Julium.*

64 *Talabrica.* Quasi todos os Geografos convem em ser esta Cidade collocada antigamente onde está hoje *Aveiro*; (126) só Rodrigo Mendes da Silva, se-

(123) Argot. Memor. do Arceb. de Brag. pag. 359. (124) Ibid. pag. 370. (125) Plin. lib. 4. cap. 22. Barreir. Corogr. pag. 63. (126) Cellar. Geogr. antiq. lib. 2. cap. 1. §. 9.

seguindo a Floriaõ do Campo, (127) diz, que Aveiro naõ foy a *Talabrica*, mas sim a *Labara*, o que naõ he provavel, porque Labara he hum Lugar pequeno sobre o mar no termo do Porto.

65 *Tuntobriga*. Foy huma Cidade, que pertencia à Chancellaria de Braga, e de que se naõ sabe mais que o nome.

66 De outras muitas povoações, que existíraõ em nosso Reino, puderamos fazer igual memoria; porèm ficaõ estas para argumento das mais, e tambem para desengano da total certeza, que ha da sua verdadeira situaçaõ, pois temos visto que algumas se podem contradizer com o sistema de outros Geografos antigos, e modernos, conduzindose cada hum por aquella via, que lhe parece mais desembaraçada de estorvos.

CA-

(127) Mend. da Silv. Poblac. gen. de Hesp.

CAPITULO III.

Descripçaõ circular pela margem maritima, e raya terrestre.

1 ANtes de entrarmos a ver o Reino interiormente, faremos pela parte de fóra huma circumferencia, ou descripçaõ hydrografica, e geografica, rodeando-o todo, e informando dos principaes portos, surgidouros, e praças fronteiras, de que consta. Principiando pois pela marinha septentrional, o primeiro porto, que se nos offerece, he

2 *Caminha.* Fica esta barra sobre o rio Minho, e he o termo, que divide Portugal de Galiza, ficando-lhe opposta a Villa da Guarda, e os Lugares de Tamugem, Rosal, e outros dos Galegos. Na entrada tem huma Ilha, onde está o forte de N. Senhora da Insoa. Faz esta Ilha duas barras pequenas: huma para o Norte, e he perigosa: outra para o Sul;

Sul; e continuando a distancia de trez leguas para o Meyo dia, segue-se

3. *Viana* na foz do rio Lima: he barra estreita, e da parte de fóra da ponta do Norte ha hum recife, que corre ao Sul, e dá capacidade para ancorarem embarcações naõ muito grandes, porque hoje está mais entupida de arêas. Sobre a barra tem hum Castello com sinco baluartes, dous revelins, e defronte da mesma barra tem mais huma plataforma para sua defensa. Daqui se continúa atè

4. *Esposende*, que dista de Viana trez leguas para o Sul. Nesta barra, onde desagua o rio Cávado, naõ ha surgidouro capaz de embarcações grandes, porque de maré cheya naõ tem mais que duas braças escaças de agua, e assim só caravelas lhe frequentaõ o porto. Corre o rio Cávado por entre a Villa de Esposende, e o Lugar de Faõ, ficando aquella para a parte do Norte, e este do Sul. Defronte deste Lugar, quasi meya legua da barra, estaõ huns penhascos, que correm de Norte a Sul hum quarto de

de legua em trez fileiras, a que os mareantes chamaõ *Cavallos de Faõ*, entre os quaes, e a terra podem bordejar navios, pois tem finco, ou feis braças de fundo em preamar. O Author da Corografia Portugueza tom. 1. pag. 310. diz, que efte era o porto, em que fe carregavaõ de ouro as frotas delRey Salamaõ, àcerca do qual veja-fe tambem a Antonio de Soufa de Macedo nas Flores de Hefpanha cap. 4. excel. 2. O mais certo he, que foy efte o porto, donde fahiaõ as armadas dos Romanos para fazerem as fuas conquiftas. Vindo caminhando para o Sul o efpaço de trez leguas, fegue-fe a

5 *Villa do Conde*. Dá entrada a efta barra a foz do rio Ave, porèm eftreita. Na boca da barra tem hum forte de finco balnartes delineado pelo infigne Engenheiro Italiano Filippe Terfio. Daqui vay correndo a marinha atè o

6 *Porto*, quatro leguas para o Sul, deixando nefte caminho o porto de Leiça, ou de Matozinhos. Faz nefta barra fua foz o rio Douro, e fica diftante da Cida-

Cidade meya legua. Ha na barra duas lages, huma da parte do Norte, e outra do Sul, por entre as quaes he a carreira ordinaria de entrar, e sahir, mas ha de ser com trez quartos de agua cheya, sendo navio grande, e entrando de Veraõ; porque de Inverno sempre he perigosa pela mayor quantidade de arêas, que se ajuntaõ. Junto da entrada da barra para a parte do Norte está o Castello de S. Joaõ da Foz de figura quadrada prolongada, que consta de quatro baluartes pequenos. Hum dos seus lados estreitos, que olha ao Poente, cahe sobre o mar, e no outro lado opposto está a porta cuberta com hum pequeno revelim. Aqui se termina a Provincia do Minho; e continuando da barra do Porto sempre para o Sul o espaço de dez leguas, se encontra a primeira barra da Beira, que he

7 *Aveiro*. Desagua aqui o rio Vouga, e fica a barra distante da Villa trez leguas: he larga na boca, e chega a ter em preamar 24. palmos de agua de alto, porèm he mudavel, por ser de arêa:

D Cor-

Corre da ponta da barra atè a Villa de Ovar hum canal profundo pela diſtancia de ſete leguas, e retalhando a terra com varios braços, e eſteiros no ambito de quinze leguas, ſe reparte em muitas peninſulas, e lizirias, onde ſe fabricaõ marinhas de ſal clariſſimo, e ſe cultiva todo o genero de lavoura. Proſeguindo o eſpaço de oito leguas ao Sudoeſte, encontramos a barra do

8 *Mondego*. He na entrada baixa, e para dentro montuoſa. Na boca da barra para o Norte eſtá o forte de Santa Catharina, e fóra do forte meya legua na Coſta fica a Villa de *Boarcos*, onde tambem ha ſurgidouro com ſeis, ou ſete braças de fundo de arêa. Na diſtancia de dez leguas tambem para o Sudoeſte ſegue-ſe já na Provincia da Eſtremadura a

9 *Pederneira*. He enſeada pequena, onde ſó entraõ patachos, e caravelas. Na parte do Norte eſtá na eminencia do monte a linda Igreja de N. Senhora de Nazareth, imagem milagroſa, e bem conhecida pelo concurſo de muitas romagens.

magens. Daqui pela meſma linha a pouco eſpaço de duas leguas eſtá

10 *Salir*, pequeno porto. Verdadeiramente eſta barra pertence à Villa de Saõ Martinho, e eſtá entre duas ſerras de grandes penhaſcos, por onde entra hum braço de mar, que pela parte da terra faz huma enſeada, que terá meya legua de circuito, onde ſe abrigaõ caravelas, e patachos. De Salir, continuando a Coſta para o Sudoeſte ſinco leguas; ſegue-ſe

11 *Peniche*, onde tambem chamaõ *Cabo de Carvoeiro*. Fica, eſtando a maré cheya, a modo de peninſula, donde tomou o nome. Da banda do Norte he terra baixa, e do Sul he onde tem o ſurgidouro em ſeis, ou ſete braças de fundo. Duas leguas para o Oeſte do cabo de Peniche eſtaõ duas Ilhas pequenas com muitos penhaſcos ao redor, a que chamaõ as *Berlengas*, onde ha a fortaleza de Saõ Joaõ. Do cabo de Peniche para o Sul, caminhando onze leguas, eſtá a *Ericeira*, e a pouco eſpaço o *Cabo da Roca*. Para diante mais duas leguas

está *Cascaes*, onde ha capacidade de se dar fundo, pois tem dezoito atè vinte braças de alto. Daqui proseguindo interposto o espaço de duas leguas, se encontra o famoso porto de

12 *Lisboa.* Esta barra, onde desemboca o Tejo, está no meyo de duas fortalezas, chamadas vulgarmente de Saõ Giaõ, ou Juliaõ, e Saõ Lourenço, ou Torre do bogio, que outros dizem cabeça seca, em distancia huma da outra de 980. passos geometricos de sete palmos e meyo cada passo. Em tempo do insigne Geografo Estrabo tinha a boca desta barra 2500. passos; agora se tem estreitado muito mais, e por causa dos cachopos, que existem no meyo della, se faz difficil a entrada, a qual se divide em dous canaes: o que toma por entre os cachopos, e a fortaleza de S. Giaõ chama-se canal da terra, e he perigoso: o que vay por entre os cachopos da Trafaria, e a cabeça seca, ou fortaleza de S. Lourenço, chama-se carreira da alcaçova, e he a mais segura, porque tem 500. braças de largo, e 9. de alto

alto com bom fundo. Entrando pela barra dentro, a duas leguas se vê a formosa torre de Belém, obra delRey D. Manoel, fundada 200. passos sobre o Tejo; e continuando a pequena distancia de huma legua da parte do Norte, se vê a grande Cidade de Lisboa: mas como o Tejo fórma aqui o mais famoso porto do mundo, e hum grande seyo, fazendo-se navegavel no espaço de vinte leguas, posto que naõ continue na mesma largura, daremos noticia de todos os portos, que ha desde a barra para dentro do Tejo de huma, e outra parte.

Portos do Tejo da parte do Sul.	*Portos do Tejo da parte do Norte.*
Trafaria.	Saõ Giaõ.
Portinho da Costa.	Oeiras.
Torre velha.	Caxias.
Porto brandaõ.	Carcavelos.
Manatega.	Paço d'Arcos.
Alfansina.	Cartuxa.
Arrabida.	Boa Viagem.
Arialva.	Santa Catharina.
Fonte da pipa.	Pedrouços.

Cassi-

Portos do Tejo da parte do Sul.

Caſſilhas.
Caramujo.
Motella.
Oliveirinha.
Corroyos.
Santa Martha.
Talaminho.
Amora.
Rio dos Judeos.
Arrentella.
Seixal.
Roſario. (liſtas.
Porto dos PP. Pau-
Aldeya.
Cabo da Linha.
Coina.
Fornos delRey.
Palhaes.
A Telha.
A Verderena.
Barreiro.
Lavradio.
Barra a barra.
Alhos vedros.

Portos do Tejo da parte do Norte.

Belém.
Junqueira.
Santo Amaro.
Alcantara.
Pampulha.
Santos velhos.
Caes do Tojo.
A Dizima.
Remolares.
Corpo Santo.
Caes da Pedra.
Alfama.
Caes do Carvaõ.
Bica do Capato.
Santa Apolonia.
Cruz da Pedra.
Mádre de Deós.
Xabregas.
Grilo.
Beato Antonio.
Poço do Biſpo.
A Martinha.
Braço de prata.
Cabo rabo.

Moi-

Portos do Tejo da parte do Sul.

Moita.
Esteiro furado.
Sarilhos grandes.
Sarilhos pequenos.
Aldeya Galega.
Lançada.
Quinta de D.Maria.
C,amouco.
Alcouxete.
Barroca d'Alva.
Pancas.
C,amora Correa.
Benavente.
Salvaterra.
Escaroupim.
Mugem.
Santa Martha.
Almeirim.
Chamusca.
Pinheiro.
Moita.
Barca.
Brito.
Santa Margarida.

Portos do Tejo da parte do Norte.

Unho de D. Garcia.
Marvilla.
Olivaes.
Sacavem. Aqui desagua este rio no Tejo por huma grande boca, fazendo huma profundissima foz; e ficando quasi ao Norte da Cidade, volta cõtra o Noroeste, onde se encontraõ os vistosos portos de *Unhos*, *Frielas*, *Mealhada*, *Granja*, *Marnotas*, *Sãto Antonio do Tojal*, *&c.* Continuando pela marinha direita, segue-se:
Massaroca.

Cru-

Portos do Tejo da parte do Sul.	*Portos do Tejo da parte do Norte.*
Crucifixo.	Santa Iria.
&c.	Povoa.
	Alverca.
	Alhandra.
	Villa-Franca.
	Póvos.
	Castanheira.
	Villa-Nova.
	Azambuja.
	Casa branca.
	Valada.
	Porto de Mugem.
	Santarem.
	Azinhaga.
	Labruja.
	Cardiga.
	Barquinha.
	Tancos.
	Payo de pelles.
	Praya.
	Punhete.
	Redemonhos.
	Abrantes.

Tornando agora a feguir o progreffo da marinha do Oceano Lufitanico, profegue a Cofta da Roca de Cintra atè o

13 *Cabo de Efpichel* na diftancia de oito leguas ao Sudueſte. Em outro tempo fe chamou Promontorio Barbarico, habitaçaõ dos póvos Sarrios. No fimo defta ferra eftá hum Templo dedicado à milagrofa Imagem de N. Senhora do Cabo. Pouco mais para diante huma legua eftá

14 *Cezimbra*, em que ha fortaleza, e fe póde furgir. Daqui à Arrabida ha duas leguas, e junto della a *Torre de Outaõ*, e huma enfeada para fetias, e barcos de trez vélas. Na diftancia de huma boa legua para Lefte fe offerece a barra de

15 *Setuval*, que tem em preamar finco braças, e em baxamar 26. palmos. Faz aqui o Oceano huma grande enfeada, e vem nella mergulhar fuas correntes o rio Sadaõ. Diftante de Setuval quinze leguas fica

16 *Sines* jà no Reino, e Provincia do Algarve, onde ha furgidouro em dez,

ou

ou quinze braças. Vay daqui correndo a Costa ao Sul vinte leguas atè o Cabo de Saõ Vicente, chamado Promontorio Sacro; mas neste caminho mais trez leguas se vê a

17 *Ilha do Pessegueiro*, antigamente chamada Petanio, como diz Joaõ de Mariana liv. 1. cap. 21. entre a qual, e a terra ha surgidouro em duas, e trez braças. Para diante ao Sul mais duas leguas está a barra de

18 *Odemira*, capaz sómente de caravelas, e tem duas varas de fundo. Caminhando-se para diante sete leguas, está

19 *Arrifana*, onde ha huma enseada, na qual se póde surgir em oito atè doze braças. Segue-se em distancia de sinco leguas o Cabo de S. Vicente, e na pequena distancia de huma legua para o Lesueste está

20 *Sagres*, que da parte de Leste em huma enseada abrigada tem surgidouro com quatorze, e quinze braças de fundo. Sinco leguas para diante continúa

21 *La-*

21 *Lagos*. Tem hum porto capaz de receber grandes armadas em fete para oito braças de fundo, e defendido da fortaleza chamada da *Bandeira*, bem guarnecida de artelharia, encontrando-fe por efta Cofta outras muitas fortalezas, que a defendem. Naõ eftá muito longe de Lagos a foz de

22 *Alvor*. Foy na opiniaõ verofimil fundaçaõ de Anibal, chamada *Portus Anibalis*. Navega-fe da fua foz atè à Villa em lanchas. Defronte de Alvor meya legua ao mar eftá huma pedra, que naõ apparece fenaõ em preamar de aguas vivas. Huma legua para Lefte fegue-fe

23 *Villa-Nova de Portimaõ*, em cuja barra por caufa dos bancos de arêa moviveis fe naõ entra fem Piloto pratico. Tem na entrada dous fortes, hum ao Poente chamado de Santa Catharina, e outro ao Nafcente, a que chamaõ de S. Joaõ, com duas batarias. Terá a barra de preamar 23. palmos, e de baxamar 10. com que tem capacidade para baftantes embarcações grandes. Daqui fe

ſe navega atè Sylves, que lhe diſta duas leguas, mas ſómente ſe póde ir em barcos, porque eſta bahia tem ſó meya legua de comprimento capaz. Deſcobre-ſe logo

24 *Albofeira*, onde eſtá o Cabo de Carvoeiro, e nelle hum forte da Senhora da Encarnação. Daqui trez leguas para Leſte eſtá a Villa de Albofeira no fundo de huma enſeada feita por dous cabos, hum da parte de Leſte, outro de Oeſte. Segue-ſe

25 *Faro*, a entrada de cuja barra he eſtreita, e fica para a parte de Leſte da Cidade, da qual diſta legua e meya. Mais adiante ſinco leguas vemos

26 *Tavira*, cuja barra terá de ſurgidouro ſinco braças de fundo; e he defendida por duas fortalezas bem artilhadas. Eſtá para diante a Villa de Cacella, e logo mais trez leguas, continuando a meſma Coſta do Algarve, eſtá ultimamente

27 *Caſtro-Marim* defronte de Ayamonte, que lhe fica da outra parte do rio Guadiana, o qual deſemboca por aqui

no

no mar Oceano, e separa o Reino do Algarve de Andaluzia. Costeando, e subindo por este rio sinco leguas com os olhos ao Norte, vemos a Villa de

28 *Alcoutim*, ultima do Reino do Algarve; e fronteira a S. Lucar do Guadiana. Tem seu Castello, e recinto de muros antigos em terreno levantado. Pouco mais para sima entra o rio Vascaõ no Guadiana, e separa o Algarve do Campo de Ourique. Segue-se a Praça de

29 *Mertola* jà no Alentejo, e junto ao Guadiana, onde tem trez váos, o do Carvoeiro, o dos Moinhos, e o das Vacas: faz-lhe frente a Puebla de Gusman. Seguindo para sima a margem do Guadiana, encontramos na distancia de seis leguas a praça, e Villa de

30 *Serpa*, a qual com as de *Moura*, *Mouraõ*, *Olivença*, *Ouguela*, e *Noudar* estaõ no destricto de Andaluzia em huma lisonja, ou cotovelo de terra, que alli se fórma da parte direita, pondonos voltados ao Norte, deixando à maõ esquerda o Guadiana, cujas terras ficáraõ sendo nossas desde o anno de 1297.

por

por concordata, ou tratado de Alcaniſſes, que fez ElRey D. Diniz com ElRey D. Fernando IV. de Caſtella. Pela margem do meſmo Guadiana eſtá *Jurumenha*, e depois ſegue-ſe

31 *Elvas*, fronteira a Badajoz, donde diſta trez leguas, e duas da ribeira do Caya, que divide Caſtella de Portugal. He praça bem fortificada, e de notavel aqueducto. Para diante logo duas leguas eſtá a Praça de

32 *Campo-Mayor* em huma grande planicie muy bem fortificada ao moderno com lago de agua nativa no ſeu foſſo. Daqui para diante ſeguem-ſe *Arronches*, *Alegrete*, *Portalegre*, *Marvaõ*, *Caſtello Branco*, e *Montalvaõ*, Praças todas fronteiras de Caſtella. Faz por aqui o Tejo a ſeparaçaõ das duas Provincias Alentejo, e Beira, entrando, ou correndo por entre Malpica, e Monforte. Paſſando o Tejo, a primeira Praça, que ſe encontra na Beira, indo por eſta parte, he

33 *Roſmaninhal*, que de huma parte eſtá fortificada com o Tejo, e de

outro

outro lado com o rio Elja, que faz aqui sua foz. No demais he cercada de espessura, que a faz muy defensavel. Para diante duas leguas junto ao rio Elja está a Villa de

34 *Segura* com seu Castello pequeno, porèm que descortina bem o campo. Vem por aqui o Elja fazendo a raya terminativa de Portugal, e Castella de Norte a Sul. Adiante para o Norte legua e meya está a Villa de

35 *Salvaterra da Beira* com Castello forte bem descortinado, e guarnecido de presidio. Tem opposta a Villa de Sarça, e tambem mais para dentro a Villa de Alcantara, Praça de armas Castelhana, que se oppõe às trez Villas nossas Salvaterra, Segura, e Rosmaninhal. Nas costas de Salvaterra sinco leguas fica *Idanha nova*, cuja aspereza de sitio serve de fortaleza. Caminhando trez leguas para o Nascente, segue-se

36 *Penagarcia* com Castello forte sobre penhasco. Tem humas montanhas, que lhe servem de grande defensa, e confiança contra qualquer temeridade inimiga,

miga, que intentar invadir-nos por aqui. Nas costas de Penagarcia está situada

37 *Idanha a velha* quasi em peninsula, que fórma o rio Ponsul: he sitio doentio, mas tem muros fortes. Na distancia de huma legua segue-se a Villa de

38 *Monsanto* com seu Castello fundado em hum monte das mais raras asperezas, e altura, que dizem ha em Hespanha, porque se despenha a todos os lados por mais de meya legua. Tem esta Villa a singularidade de que sendo sitiada desde donde lhe podem deitar o cordaõ, póde para dentro delle lavrar paõ, vinho, e azeite para se sustentar, com muitas hortas, e pomares, sem o inimigo lho poder impedir: por isso entre os Castelhanos anda hum adagio, que diz: *Monsanto, Monsanto, orejas de mulo, el que te ganare, ganar puede el mundo*; e jà os Romanos a tiveraõ sete annos de cerço. Tem por opposto o Castello de Trebejo. Passadas trez leguas, segue-se ao Norte

39 *Penamacor*, cuja Villa, e Castello está sobre hum eminente penhasco,

e he

e he por fitio inexpugnavel. Oppõe-fe-lhe o Caftello de Elges. A trez leguas de Penamacor eftá a Villa do
40 *Sabugal* com muito bom Caftello, e detràs delle a Villa de Sortelha inexpugnavel. Do Tejo atè perto do Sabugal fe corre a raya com Caftella de Norte a Sul, e defde o Lugar de Meimaõ corre Lefte Oefte pela ferra de Malcata atè o Lugar de Lagiofa, quatro leguas do Sabugal. De Lagiofa atè o Douro corre a raya Nornordefte a Sufuduefte, e onde começa a fazer-fe efta raya fica a Villa, e Praça de
41 *Alfayates*, trez leguas do Sabugal. Sendo Governador defta Praça o Capitaõ Braz Garcia Mafcarenhas, foy cercada com gyro de 4680 pés Geometricos, excepto as voltas dos baluartes, que tem altura de 25 pés. Foy obra de importancia. Tem por oppoftos os Caftellos de Payo, e Albergaria. Seguem-fe *Villar-Mayor*, e *Caftello Mendo*, duas leguas em diftancia hum do outro, indo fempre ao Norte. Outras duas para diante eftá *Caftello Bom*, e mais outras duas a Praça de

42 *Almeida*, a quem faz frente Cidade Rodrigo. He das melhores Praças do Reino. Está em huma campina raza, que se descobre por alcance de vista desde huma legua; e com ser terra chã, se descobrem della terras de onze Bispados, Lamego, Guarda, Coimbra, Viseu, Braga, Miranda, Porto, Coria, Ciudad Rodrigo, Placencia, e Salamanca. Na mayor eminencia tem sua fortaleza, que domina bastantemente o terreno. Trez leguas para o Norte segue-se

43 *Castel-Rodrigo* em sitio alto, e forte. Tem esta Villa as armas Reaes deste Reino ao revez o elmo para baixo, por naõ querer dar entrada a ElRey D. Joaõ I. passando por alli para Chaves, porque seus moradores seguiaõ o partido da Rainha de Castella Dona Brites. Acabada de costear a Provincia da Beira, se passa aqui o Douro, que a divide de Tràs os Montes, onde vemos logo o *Castello d'Alva*, e *Freixo de espadacinta* em sitio baixo, mas com sinco torres, e fortaleza grandiosa. Segue-se o *Mogadouro*, a *Bemposta*, *Penas-Royas*, *Algoso*,

goſo, terras todas fronteiras do Reino de Leaõ. Depois ſegue-ſe

44 *Miranda do Douro* collocada ſobre aſperos penhaſcos, a quem o rio, que lhe dá o nome, a ſepara pelo Naſcente de Caſtella. Tem bom Caſtello com artelharia, e faz frente a Carvalhaes. Segue-ſe *Vimioſo*, *Outeiro*, duas leguas cada huma de Miranda; e contaremos nove, ſe paſſarmos daqui Nornoroeſte a

45 *Bragança*, a qual exiſte nas margens do rio Fervença, que a aparta da raya de Galiza, tendo por oppoſta a Puebla de Senabria na diſtancia de quatro leguas. Seguem-ſe jà na raya de Galiza

46 *Vinhaes*, *Monforte do rio livre*, *Chaves*, *Montalegre*; e avizinhando pelo rio Lima, deixando a ſerra do Maraõ, e entrando na do Gerez, em cujo encontro ſe dividem as duas Provincias Minho, e Tràs os Montes, ſe aviſtaõ neſta linha alguns Caſtellos, como o de *Lanhoſo* em correſpondencia da fortaleza de Araujo, o *Caſtello da Nobrega* com

as terras de Entrimo por fronteiras, o *Castello de Lindoso*, a quem se oppõe o Lugar de Ferreiros, o *Castello Laboreiro*, que tem por opposto o da Lobeira, tudo na raya de Galiza fronteira do Minho. Segue-se a Villa de

47 *Melgaço* com excellente Castello, a quem se oppõe os Lugares Crecente, Fornelos, e outros. Legua e meya para diante está *Valladares*, que tem oppostos em Galiza os Lugares de Cela, e Marcella. Outra legua e meya está *Monçaõ* em sitio eminente. Huma legua para diante segue-se *Lapella*, e outra

48 *Valença*, fronteira à Cidade de Tuy. Logo outras duas leguas se offerece *Villa-Nova de Cerveira*, fundada, e cercada de muros de cantaria. Oppõe-se ao Lugar da Barca de Goyaõ, presidio Galiziano; e daqui outras duas leguas se encontra outra vez com *Caminha*, donde principiámos o gyro desta demarcaçaõ.

CA-

CAPITULO IV.

Divisaõ antiga.

1 MUitas foraõ as repartições, que antigamente houve neste nosso Paiz. Antes de conquistarem, e habitar Hespanha os Carthaginezes, e Romanos, toda ella estava dividida em muitas Provincias de póvos agrestes, que debaixo do nome geral de Ibéros se dividiaõ em Turdetanos, Celtas, Cantabros, Turdulos, e infinitos outros, de que depois trataremos. Vieraõ os Carthaginezes, e como se confederáraõ com a mayor parte daquellas gentes, conserváraõ as repartições das suas Comarcas.

2 Porèm tanto que os Romanos mettêraõ o pé em Hespanha, e começáraõ a contender com os Carthaginezes sobre o dominio das terras, que foy pelos annos 557 da fundaçaõ de Roma, dividíraõ toda ella em duas partes, a que chamáraõ Hespanha citerior, e Hespanha

nha ulterior. (1) A citerior ficava para a parte de Italia, ou mais oriental ao rio Ebro, e foy a que os Romanos mais habitáraõ: a ulterior he a que ficava para o lado occidental do mesmo rio, e ficou na sujeiçaõ dos Carthaginezes. Todavia esta repartiçaõ se variava pela Republica Romana, conforme parecia aos seus interesses, accrescentando, ou diminuindo as terras de huma, ou de outra parte.

3 Acabou finalmente Octaviano Augusto de vencer na celebrada guerra Cantabrica aquelles Póvos, e mudando-lhes o governo, e limites, dividio a Hespanha em trez Provincias, a saber: *Lusitanica*, *Betica*, e *Tarraconense*. A Lusitanica incluia a mayor parte do que hoje chamamos Portugal, com outras muitas terras, que hoje pertencem ao Reino de Leaõ, e Provincia da Estremadura Castelhana. O rio Douro a separava pelo lado septentrional da Tarraconense, pelo oriental huma linha, que

(1) Tit. Liv. lib. 36. cap. 28. Mela lib. 2. cap. 6. Solin. cap. 23. Strab. lib. 3. pag. 166.

que sahia do Douro quasi naquella parte, donde se incorpora com o rio Pisuerga, a qual linha descia a buscar o Guadiana, e este depois dividia a Lusitania da Betica atè entrar no Oceano, cuja costa cercava o restante da Lusitania.

4 Nesta divisaõ de Augusto se confundíraõ os limites da primitiva Lusitania; porque elles começavaõ na foz do rio Tejo, e desde alli corria atè o cabo de *Finis terræ*, e aquelle espaço depois situado entre os rios Tejo, e Guadiana, a que hoje chamamos Alentejo, e Algarve, naõ se chamava Lusitania, mas sim Celtica. Da mesma fórma padecêraõ alteraçaõ os confins da Betica, e Terraconense, e daqui nasce a confusaõ entre os AA. como bem advertio o estudiosissimo Padre Argote. (2)

5 Corria o anno de Christo 118. quando o Emperador Elio Adriano, visitando as terras do seu Imperio, dividio a Hespanha em seis Provincias: Tarraco-

(2) P. Argot. Antiguid. da Chancel. de Brag. p. 38. e nas Memor. do Arceb. de Brag. pag. 40. e 41.

conenſe, Cartaginenſe, Betica, Luſitania, Galiza, e Tingitania; e neſta diviſaõ a Provincia do Minho ficava fóra da Luſitania, e ſe incluïa na de Galiza; como bem moſtra Floriaõ do Campo com particularidade, e certeza. (3) Conſtantino Magno fez outra diviſaõ em ſete Provincias, mas ſem alterar as demarcações anteriores. Outras diviſões querem alguns que fizeſſem os Romanos, mas ſaõ dubias.

6 O que temos por certo he, que os Romanos alèm deſtas repartições tinhaõ dividida cada huma das Provincias em Chancellarias, a que chamavaõ *Conventos Juridicos*, collocados nas Cidades mais inſignes da Provincia, às quaes acudiaõ os póvos da Comarca para adminiſtraçaõ da juſtiça. Deſtes Conventos Juridicos, a que correſpondem hoje as

(3) Iſaac Voſſio nas Notas a Pompon. Mela liv. 2. cap. 6. Flor. do Camp. liv. 1. cap. 3. Moral. liv. 7. cap. 2. Oſorius no Prolog. de reb. Emman. Reſend. Antiq. lib. 3. Eſtaç. Antig. de Portug. cap. 19. e 20. Plin. lib. 4. cap. 20. Volaterran. Geograph. lib. 1. Barreir. Corograf. pag. 90. João Salgad. Succeſſ. Milit. pag. 168. verſ.

as nossas Relações, havia quatorze em toda Hespanha: as que tocáraõ às nossas terras foraõ trez: *Braga*, *Béja*, e *Santarem*.

7 Havia tambem algumas Cidades privilegiadas com o titulo de *Colonias*, outras de *Municipios*. Colonias eraõ aquellas, que tinhaõ sido fundadas por familias Romanas, e taes foraõ em nosso terreno *Béja*, e *Santarem*, alèm de outras trez, que hoje nos naõ pertencem, e gozavaõ seus Cidadãos do privilegio de Cidadãos Romanos. Municipios eraõ os que se governavaõ por Leys proprias, e estes foraõ *Lisboa*, *Evora*, *Mertola*, e *Alcacer do Sal*.

8 Extincto o dominio Romano, invadíraõ os Barbaros as Hespanhas o anno de 409. depois de Christo, e daqui por diante se alteráraõ notavelmente os limites das nossas Provincias em todas as subsequentes sujeições atè o reinado delRey D. Fernando o Magno, o qual faleceo o anno de 1067. deixando repartido entre seus filhos as terras dos seus dominios; e cabendo as de Portugal a

El-

ElRey D. Garcia, desde entaõ se principiou a chamar Portugal o que era Lusitania. Declaradas pois as divisões antigas, passemos a expressar as modernas.

CAPITULO V.

Divisaõ moderna pelas Provincias.

1 PResentemente se divide Portugal em seis Provincias, ou Regiões: duas ficaõ na parte septentrional, e se chamaõ *Entre Douro e Minho*, e *Tràs os Montes*: duas no coraçaõ do Reino, chamadas *Beira*, e *Estremadura*: e outras duas na parte Meridional, a que chamaõ *Alentejo*, e *Algarve*, que tambem logra o titulo de Reino. Cada Provincia destas se subdivide em Comarcas, ou Ouvidorias, para boa administraçaõ da justiça; e cada Comarca tem debaixo da sua jurisdiçaõ certo numero de Villas, e Lugares, em que existem seus Juizes, que governaõ subordinados aos Corregedores das Comarcas. Supposta esta

esta prejacente noticia; entremos a descrever a primeira Regiaõ da parte do Norte, chamada

Provincia do Minho.

2 COmo esta Provincia está encerrada entre as famosas correntes dos dous rios Douro, e Minho no Occidente septentrional de Hespanha, da tal situaçaõ tomou nome de Entre Douro, e Minho, que em Latim se diz *Interamnensis*, ou *Durіminea*. Quasi todos os Geografos (1) lhe daõ de comprido de Norte a Sul dezoito leguas, e de Nascente a Poente doze de largo na sua mayor largura, porque em algumas partes naõ tem mais que oito.

3 Confina esta Provincia da banda do Meyo dia com o rio Douro, que a separa da Beira: da banda do Occidente parte

(1) Duarte Nun. Descripçaõ de Portug. cap. 28. Joaõ de Barr. na Descripç. do Minho cap. 6. Far. Europ. Portug. tom. 3. part. 2. cap. 2. num. 4. Joaõ Salgad. de Arauj. nos Success. Milit. liv. 1. cap. 1. Geograf. Blavian. Cost. Corogr. Port. tom. 1. c. 1. Lim. Geogr. Histor. tom. 1. pag. 2.

parte com o mar Oceano, começando em S. Joaõ da Foz, e acabando na Villa de Caminha, onde o rio Minho divide Portugal de Galiza. Dahi para sima, que he a parte do Norte, vay pelo dito rio atè o termo da Villa de Monçaõ, e alli passa o termo de Galiza o rio Minho, e se reparte por marcos atè o Castello de Castro-Laboreiro, que saõ doze leguas desde a Villa de Caminha. Dalli atravessa o resto pelo monte do Gerez, que está da parte do Nascente, e vay pela terra de Barrozo atè à ponte de Cavez, que está no rio Tamega, e dahi pelo rio abaixo atè à Villa de Amarante; e deixando o rio, vay pelo monte do Bayaõ dar no Douro, donde começámos.

4 O clima he o mais temperado, porque está entre o parallelo de 41. e 42. gráos de altura do Polo Arctico. Daqui nasce, que sendo taõ pequena esta Regiaõ, he summamente fertil; e a benignidade dos seus ares, a affluencia dos seus rios, as abundancias, e delicias dos seus campos comprovaõ a fama do seu admiravel temperamento; donde se animou

mou a dizer Manoel de Faria, (2) que se no mundo houveraõ Campos Elysios, exiſtíraõ neſta Provincia; e ſe os naõ houve, merecia que ſómente os houveſſe nella, ſe he que eſte titulo ſe deve dar a ſitio ameno, e delicioſo.

5 Aſſim o vemos, porque a mayor parte deſta Provincia eſtá ſempre cheya de arvoredos de todo o genero, que organizaõ hum continuado boſque perpetuo, e muy aprazivel, compoſto de loureiros, azinheiros, platanos, buxos, murtas, teixos, pinheiros, cipreſtes, que todos nem de Inverno perdem a folha; alèm de caſtanheiros, carvalhos, ſovereiros, e outras arvores, donde ſe criaõ as mais robuſtas madeiras do mundo, (3) taõ ferteis, que ha caſtanheiro, que dá trinta, e quarenta alqueires de caſtanha, e ainda hum moyo, como affirma Joaõ Salgado de Araujo: (4) pé de vide em latada, ou em arvore, que

(2) Far. no Epitom. part.4. cap.5. num.4. Maced. Flor. de Heſp. cap.1. excel.6. (3) D. Franc. Man. Epanafor. 4. pag. 518. (4) Joaõ Salgad. de Arauj. nos Succeſſ. Milit. liv.1. cap.1. pag.3. verſ.

que dá pipa de vinho : pé de nogueira; que dá moyo de noz : larangeira, que dá finco carros de laranja : pé de carvalho, que dá meyo moyo de bolota; e alguns taõ grandes, que testifica o Doutor Joaõ de Barros na Descripçaõ, que fez desta Provincia capitulo 7. que víra hum, em cujo oco cabiaõ fincoenta cabras, e outro, onde cabiaõ dez homens a cavallo, dando por testemunha ao Marquez de Villa-Real, que foy huma das pessoas, que entrára dentro, o que parece encarecimento, posto que o mesmo escreve Manoel de Faria. (5)

6 Esta fertilidade he igual em tudo. De boys, e vacas sustenta quatrocentos mil, e mais de hum milhaõ de ovelhas, e carneiros, segundo dizem Duarte Nunes, (6) e outros. O Doutor Joaõ de Barros, sendo Ouvidor de Braga o anno de 1500 e tantos, diz, que por ordem delRey mandára fazer a conta do gado, que havia só no termo daquella Cidade, e achára

(5) Far. Epitom. p.4. cap. 17. (6) Nun. Descripç. de Portug. cap. 28. e 29. Vasconcell. in Descript. Lusitan.

ra treze mil cabeças de gado meudo, e de boys, e vacas onze mil. A mesma abundancia corresponde a todo o genero de caça, carnes, e peixes, tudo de excellente sabor, principalmente havendo tantos rios povoados de gostosos salmões, lampreas, trutas, salmonetes, saveis, bogas, e tainhas, com infinitos outros igualmente admiraveis. Criaõ-se tambem todo o genero de legumes, e hortaliça: tem muito mel, muito milho, o paõ que basta, e atè minas de ouro, prata, ferro, e estanho. Lavra-se o linho mais fino, de que se fabrica o pano branco mais estimado na Europa. Só azeite ha pouco nesta Provincia, naõ porque a terra deixe de criar oliveiras, mas porque naõ as plantaõ; porque lisongeados os seus naturaes com o prestimo, e sabor do chamado unto, de que usaõ tanto nos guizados, como nas luzes, esquecêraõ-se de as cultivar.

7 Saõ seus habitadores de fecundissima propagaçaõ, e larga vida; e atè nos tempos, que a natureza constitue estereis, saõ aqui fecundas as mulheres.

Mui-

Muitos exemplos, e casos ajuntou para confirmaçaõ desta raridade, e excellencia Gaspar Estaço, (7) e Antonio de Sousa de Macedo. (8) Basta dizer, que da gente innumeravel, que naõ póde sustentar este Paiz, se tem povoado o mundo, e com especialidade os Brazis, e as Minas, e que he mais a gente, que a terra, onde naõ ha parte alguma, em que se naõ ouça tanger algum sino, e cantar hum galo. (9) Parece toda a Provincia huma Cidade continuada.

8 Conduz muito para esta geral fertilidade a grande abundancia de boas aguas, que como se esta Regiaõ fora toda perenne tanque, assim brota, e rega seus campos, e pomares por vinte e sinco mil fontes, (10) e nove rios principaes, alèm de outros mais pequenos, sendo os de melhor nome os seguintes: *Ave*, *Basto*, *Benade*, *Biturim*, *Cabraõ*, *Cal-*

(7) Estaç. Antig. de Portug. cap.72. (8) Maced. Flor. de Hespanh. cap.3. excel.1. (9) Joaõ Salgad. Successl. Militar. pag.3. vers. (10) Maced. Flor. de Hesp. cap.2. excel.3. Barbos. de Potestat. Episcop. part.1. tit.3. cap.8. Gil Gonsal. de Avil. no Theatro de las Grandez. de Madrid pag.500.

Caldas, *Campanhaõ*, *Cávado*; *Celho*, *Celinho*, *Coa*, *Cosme*, *Coura*, *Deiriz*, *Deste*, *Dolo*, *Douro*, *Enfesta*, *Ensalda*, *Fato*, *Ferreira*, *Fulias*, *Gadanha*, *Gisfães*, *Gogim*, *Herdeiro*, *Homem*, *Landim*, *Lavoreiro*, *Leça*, *Lima*, *Locia*, *Maçarelos*, *Mejavelhas*, *Molres*, *Minho*, *Moles*, *Mouro*, *Neiva*, *Olo*, *Ovelha*, *Quvir*, *Pontido*; *Prado*, *Ramada*, *Rellas*, *Siguelos*, *Sousa*, *Tamega*, *Taveira*, *Teixeira*, *Torto*, *Trovella*, *Tua*, *Valengo*, *Vargeas*, *Veadões*, *Vez*, *Vizella*, *Zezere pequeno*, e outros, que se diffundem nos capitaes.

9. Duzentas saõ as pontes de cantaria, a que estes rios obedecem, e as mais famosas a de *Caves* muy larga, e muy alta com sinco arcos de pedras taõ admiravelmente lavradas, que todas saõ de hum tamanho: a de *Mondim* com seis arcos: a de *Amarante* feita por diligencias de S. Gonsalo; e outras muitas. Contaõ-se-lhe seis portos de mar capazes de receber navios: *Caminha*, *Viana*, *Esposende*, *Leça*, *Villa do Conde*, *Porto*.

10 As praças de armas cercadas, e acastelladas saõ dezaseis: *Porto*, *S. Joaõ da Foz*, *Villa do Conde*, *Viana*, *Caminha*, *Villa-Nova*, *Valença*, *Lapela*, *Monçaõ*, *Melgaço*, *Castello Lavoreiro*, *Lindozo*, *Nobrega*, *Lanhozo*, *Aguiar de Pena*, *Colorico de Basto*; e pelo Certaõ tem: *Braga*, *Guimarães*, *Ponte de Lima*, e *Barcelos*, de todas as quaes se faz pleito, e omenagem. E segundo o calculo de Joaõ Salgado de Araujo, (11) tinha no anno de 1644. seis mil homens capazes de tomar armas. Mas pelo que toca ao militar accrescento huma singularidade desta Provincia, e he, que pelos muitos rios menores, que comprehende, pontes delles, barcas dos mayores, e grande abundancia de bosques, sem dúvida que causará huma grande difficuldade para se deixar penetrar de inimigos; e jà estes embaraços remíraõ muitas vezes este Paiz da invasaõ dos Romanos, aos quaes lhe custou tempo, trabalho, e gente a sua conquista, quando tudo rendiaõ suas armas entaõ vitoriosas

(11) Arauj. Success. Milit. liv. 1. cap. 1.

riosas contra as mais nações do mundo todo.

11 Pelo que pertence ao estado Ecclesiastico ha nesta Provincia duas Igrejas Cathedraes: *Braga* Arcebispado, e *Porto* Bispado. Sinco Collegiadas: *Guimarães*, *Barcelos*, *Valença*, *Cedofeita*, *Viana*. Paroquias, conforme o calculo de alguns Authores, (12) tem 1460. e de outros tem 1500. (13) Conventos, e Mosteiros de diversas Ordens mais de 150. De Ermidas, e Igrejas naõ Paroquiaes hum grande numero. Corpos de Santos, que venera, tem quatorze. Santos nacionaes tem grande quantidade, *S. Damazo*, *Saõ Gonsalo de Amarante*, *S. Torcato*, *S. Pedro de Rates*, *S. Gerardo*, *S. Vitouro*, *S. Frutuoso*, *S. Martinho de Dume*, *S. Rozendo*, *Santa Senhorinha*, *Santa Suzana*, *o Irmaõ Pedro do Basto*, e outros muitos, de que o Agiologio Lusitanio faz memoria. De homens insignes jà em letras, jà em armas

(12) August. Barb. de Potest. Episcop. part. 1. tit. 3. cap. 8. (13) Far. Europ. Port. tom. 3. part. 2. cap. 2. Lim. Geogr. Histor. tom 2. pag. 3.

tem produzido, e produz numero grandissimo, de que nós, quando fallarmos das suas patrias particulares, nos lembraremos.

12 Naõ he para esquecer huma excellente gloria, que esta Provincia tem, qual he dar-se nella principio à vida Erimitica muitos annos antes que S. Paulo primeiro Ermitaõ a introduzisse no Reino, pois sendo S. Felix o que deo sepultura a S. Pedro de Rates, como consta das suas Lições, e que vivia nos desertos desta Provincia em hum alto monte de S. Miguel de Laundos, Abbadia da Villa de Esposende, (14) fica precedendo S. Felix a S. Paulo o que vay do anno de 46. em que morreo S. Pedro de Rates, ao de 300. em que floreceo Saõ Paulo. A causa porèm, que houve para chamar a Saõ Paulo primeiro Ermitaõ, veja-se no Agiologio Lusitano tom. 1.

13 Divide-se finalmente esta Provin-

cia

(14) Corograf. Portug. tom. 1. pag. 313. Padilha, Histor. Eccles. cent. 1. cap. 16 Monarch. Lusitan. part. 3. liv. 8. cap. 32. Rodrig. Mend. da Silv. na Descripç. de Portug.

cia em seis Comarcas, que vem a ser: *Guimarães*, *Braga*, *Porto*, *Viana*, *Barcelos*, e *Valença*. Cada huma dellas tem varias povoações debaixo da sua jurisdiçaõ. Tudo desta Provincia resume nestas duas estancias a Musa de hum engenho Hespanhol:

Es Entre Duero, y Miño la primera
Porcion del Reyno, en rios muy bañada,
Donde Braga *magnanima prospéra*
De los Brachatos hija sublimada.
Al Romano dificil, y guerrera:
A los de Porto altiva, y respetada:
De Augusto honor, Juridico Convento
Corte Sueva, y Arçobispal assiento.
Del Duero ilustra el margen atractivo
Porto, *que de Gatelo pueblo raro*
Con mitra Episcopal se ostenta altivo,
Dandole a Portugal nombre preclaro.
Guimarães *Villa es noble, y primitivo*
Solio de Reys Lusos. Tiene claro
Timbre Puente de Lima: *altas bellezas*
Viana, *de partida ambas cabeças.*

Pro-

Provincia de Tràs os Montes.

1 A Segunda Regiaõ, ou Provincia do Reino, he chamada *Tràs os Montes*, porque do Reino de Galiza atè o Douro de Norte a Sul atravessaõ huns montes muy altos, que parece estaõ cercando a Provincia do Minho, como fazem os Alpes a Italia; e saõ de tanta eminencia estes montes, que em muitas partes tem huma legua de subida aspera, como se experimenta nas serranias do Gerez, e altura do Maraõ; e assim havendo respeito ao Minho, fica esta Provincia alèm daquelles montes, que lhe deraõ o nome.

2 Sua demarcaçaõ costuma fazer-se da Portela de Homem pela banda do Norte atè à ponte de Cavez; e continuando do Poente pelo rio Tamaga atè entrar no Douro; faz este a divisa com a Provincia da Beira atè Vilvestre. Daqui olhando para o Norte, o mesmo rio Douro a aparta do Reino de Leaõ atè quatro leguas depois de se chegar a Miranda; e daqui por divisas, e marcos atè

atè dar no rio Maçaõ naõ longe de Maid, onde inclina a Poente com a serra chamada de Teixeira, e as de Senabria, e Gerez atè vir encorporar-se onde começou.

3 O commum dos Geografos (1) dâ a esta Provincia trinta leguas de comprido, e vinte de largo; porèm o Abbade de Pera (2) diz, que naõ fizeraõ boa mediçaõ, porque da Portella de Homem atè Urros defronte de Vilvestre saõ 34. leguas, e de Canavezes atè o rio Maçaõ fazem 36. (he erro, porque verdadeiramente naõ devem ser mais que 26. conforme os Mappas de Fernaõ Alvares Seco, e Pedro Teixeira) e assim lhe dá de circuito 130. leguas.

4 Muito mal se informou Floriaõ do Campo naõ só na demarcaçaõ, que dá a esta Provincia, mas em dizer que he terra infrutifera; porque supposto naõ ser taõ fertil como Entre Douro e Minho, a verdade he haver aqui muitos valles deli-

(1) Colmenar. les Delices du Port. tom.4. p.713. Lim. Geograf. Histor. tom.2. pag.61. (2) Arauj. Success. Milit. pag.68. vers.

deliciosos, e muitas Villas abastadas de paõ, vinho, azeite, mel, frutas, gados, caças, legumes, e sedas. Tal he a Villa de Chaves muy amena, na qual habitáraõ os Romanos muito tempo, por ser boa terra; e Villa-Real, e outros muitos Lugares desta Regiaõ: só de frutas de espinho naõ tem abundancia.

5 O clima naõ ha dúvida que he frio em extremo: tem nove mezes de Inverno, e tres de Veraõ ardentissimo, por naõ ser arejada do Norte, que embaça nas montanhas, e com tudo he terra sadia, e de boas aguas, excepto em Bragança, e Miranda, que saõ pessimas. Os rios mais nomeados saõ estes: *Angueira*, *Alvedrinha*, *Azibo*, *Beça*, *Corgo*, *Caldo*, *Calvo*, *Douro*, *Fervença*, *Frio*, *Fresno*, *Lobos*, *Maçaõ*, *Mente*, *Pinhaõ*, *Rabaçàl*, *Sabor*, *Tamega*, *Tinhella*, *Tua*, *Tuella*, *Vellariça*, *Vellarva*, *Zacharias*. Fontes medicinaes tem 43.

6 A gente, que habita esta Provincia, he pela mayor parte robusta, e corpulenta: as pessoas nobres saõ dotadas de grande primor, e brio; muy valen-

tes,

tes, e honrados; aptos para a guerra, e tem grande exercicio da gineta, e brida, em que fazem sumptuosas festas. Saõ muy devotos da Igreja, e veneraõ com estimaçaõ a seus Ministros: conservaõ as amizades, e com os estranhos saõ attenciosos. As mulheres nobres tem grande recolhimento, as outras ajudaõ a cultivar as terras a seus maridos, e às vezes mais trabalhaõ ellas que elles: em fim diz o Abbade Joaõ Salgado de Araujo, que naõ se sabe desta Provincia vicio algum nativo della.

7 . Inclue esta Provincia duas Cidades: *Miranda*, que tem Bispo, e *Bragança*, que o naõ tem. Tem trez Igrejas, que parecem Collegiadas: *Chaves*, *Villa-Real*, e *Torre de Moncorvo*, e consta de muitas Abbadias, Reitorias, e Vigairarias. As Villas, que tem fortalezas confinantes com Galiza, e Castella, saõ estas: *Montalegre*, *Exverendo*, *Chaves*, *Monforte do rio livre*, *Bragança*, *Outeiro*, *Miranda*, *Folgoso*, *Penas de Royas*, *Mogadouro*, *Freixo de Espadacinta*, e de todas se dá omenagem.

8 Di-

8 Divide-se finalmente esta Provincia em quatro Correições: *Moncorvo*, *Miranda*, *Bragança*, e *Villa-Real*. Servem de epitome das suas grandezas estas duas Oitavas:

Es Tras los Montes la porcion segunda
De heroicas poblaciones adornada;
Donde Miranda *Episcopal se funda*
Sobre peñascos bien encastillada.
DelRey Brigo Bragança *hija segunda*,
De la Inez bella, como desdichada,
Talamo, en llano delicioso brilla,
De esclarecidos Duques alta silla.

Entre otras Villas sale floreciente
La Torre de Moncorvo; *la apacible*
Villa-Flor: Mirandela *con gran puente:*
Belica Chaves, Villa-Real *plausible*,
Freixo de Espadacinta *muy valiente*,
Alfandega da Fé *apeticible*,
Mascareñas *en frutas deliciosa*
Fertil Chacim, *y en trato generosa.*

Pro-

Provincia da Beira.

1 QUasi no coraçaõ do Reino está situada esta Provincia, e com a extensaõ de 34. leguas desde Punhete atè Villa-Nova do Porto; e se contarmos de Buarcos atè Val de la mula, saõ 36. e de Punhete atè a foz do Agueda saõ 45. e da foz do Douro atè Rosmaninhal fazem 51. Por esta demarcaçaõ, que o Abbade de Pera tem por certa, e exacta, vem a ter esta Provincia de circumferencia 200. leguas pouco mais, ou menos, com o que torce para costear a Estremadura; porèm commummente se lhe dá 36. leguas de comprido, e outro tanto de largo, e assim fórma huma figura quasi quadrada, tendo algumas entradas em Alentejo, e Estremadura Lusitana.

2 Confina pelo Oriente com a Estremadura Castelhana, e Leoneza, e parte da Provincia de Tràs os Montes, cujos limites contimúa pelo Norte com os dà Regiaõ de Entre Douro, e Minho. Pelo Occidente recebe as aguas do Oceano, e pelo

e pelo Meyo Dia confina com a Estremadura de Portugal, e Alentejo. Chama-se Beira ou porque seus primeiros habitadores se chamavaõ Berbnes, como diz Fr. Bernardo de Brito, (1) ou porque respeitando-se a sua situaçaõ, por ser toda cercada de agua dos rios Douro, Tejo, Coa, e Oceano, significa o mesmo que Margem, Borda, ou Beira. (2) Joaõ Salgado diz, que o seu verdadeiro nome he *Vera*; que se converteo em Beira.

3 Reparte-se em duas largas porções de terra: huma, que se diffunde desde a Serra da Estrella atè o rio Tejo, e se diz *Beira baixa*: outra, que desde a mesma Serra se espalha atè o rio Douro, e desde a Cidade de Coimbra atè à do Porto, que aqui se diz Beiramar, e no restante *Beira alta*. (3) Esta dilatada extensaõ de terreno grangeou a esta Pro-

vin-

(1) Brit. na Geograf. Lusitan. cap. 4. Fr. Man. da Esper. na 1. part. da Histor. Serafic. liv. 4. cap. 13. (2) Poyar. Diccionar. Geogr. pag. 76. Lim. Geograf. Histor. tom. 2. pag. 83. (3) Fr. Man. da Roch. Portug. renascid. part. 1. pag. 109.

vincia o honroso titulo de Principado, que desde o anno de 1734. anda nos netos primogenitos dos Monarcas Portuguezes. (4)

4 He terra muy fertil de centeyo, milho, castanha, vinho, gados, caças, e gostosos peixes, produzindo a amenidade deste Paiz toda a diversidade de saborosissimas frutas, especialmente os celebrados verdeaes de Inverno, ajudando muito para esta abundancia a grande copia de aguas de fontes, e rios, sendo os mais nomeados os seguintes: *Agueda*, *Alva*, *Alfusqueiro*, *Aravil*, *Arda*, *Balsamaõ*, *Berosa*, *Ceira*, *Coa*, *Daõ*, *Dansos*, *Douro*, *Elja*, *Freixiandas*, *Lomba*, *Lorveo*, *Marnel*, *Mondego*, *Paiva*, *Ponsul*, *Ramalhoso*, *Sardaõ*, *Tavara*, *Tauroẽs*, *Tripeiro*, *Veroza*, *Vouga*, *Xadruro*, *Zezere*.

5 Tem produzido esta Provincia homens famosissimos. Daqui foy ElRey Wamba, e o valeroso Viriato, posto que Entre Douro e Minho contenda sobre a na-

(4) Histor. Genealog. da Casa Real Port. tom. 8. pag. 354.

naturalidade deste segundo; porque diz o Gerudense, que os Soldados, que aquelle insigne Capitaõ trazia comsigo, eraõ Duriminios. Os mais daquelles celebrados aventureiros, que foraõ a Inglaterra em defensa das doze Damas motejadas de feyas, daqui eraõ naturaes, como tambem o foraõ oito Reys Portuguezes, dous Sanchos, trez Affonsos, D. Pedro, D. Fernando, e D. Duarte; e por naõ se gloriar só do nascimento, honra-se naõ pouco de ser conservatorio de trez corpos veneraveis, e Regios, como he o delRey D. Affonso Henriques, da Rainha Santa Isabel, e de D. Sancho I. e tambem do delRey D. Rodrigo, ultimo Rey Godo.

6 Manoel de Faria mal affecto porèm à gente desta Regiaõ, com injurioso conceito critíca absolutamente a todos os nacionaes della de pedintes, e de pouco asseados. (5) O defeito particular de alguns individuos naõ deve ser motivo para deteriorar a opiniaõ commua de huma Provincia inteira. Eu bem sey

(5) Far. Europ. Port. tom. 3. pag. 3. cap. 2.

sey que jà Fr. Bernardo de Brito, (6) tratando dos antigos habitadores da Serra da Estrella, chamados Herminios, diz, que eraõ homens asperos, e duros de condiçaõ, indomitos pelas armas, muy rusticos no traje, e modo de vestir, amigos de roubar o alheyo, e pouco fieis no que tratavaõ; porèm a cultura dos tempos, e a mesma experiencia tem mostrado quanto se deve desvanecer este conceito, pois o que vemos hoje nos seus naturaes, principalmente nos da primeira esfera, he hum animo valente, e brioso, amigos de buscar honras, e fortuna ou pela carreira das letras, ou das armas, em que tem feito progressos de grande credito para todo o Reino.

7 Continuando a descrever suas grandezas, incluem-se nesta Provincia quatro Cidades todas com Bispo: *Coimbra*, *Viseu*, *Lamego*, *Guarda*. Divide-se em nove Comarcas: de quatro saõ cabeças as quatro Cidades; e das sinco he: *Castello-Branco*, *Pinhel*, *Esgueira*, *Montemór o velho*, e *Feira*. Tem 234. Villas, das

(6) Brit. Geograf. Lusitan. cap. 2.

das quaes 58. saõ acastelladas, alèm das quatro Cidades. As que confinaõ com Castella saõ estas: *Castello-Branco*, que nunca foy accommettida de Castelhanos, e fica opposta à Villa de Herrera: *Rosmaninhal*, *Segura*, *Salvaterra da Beira*, que todas trez se oppõem à Villa de Alcantara, praça de armas de Castella: *Penagarcia*, *Idanha a velha*, *Monsanto* defensavel por natureza, *Proença*, *Belmonte*, *Penamacor*, *Sabugal*, *Sortelha*, *Alfayates*, *Villar-Mayor*, *Castello Mendo*, *Castello Bom*, *Almeida*, *Pinhel*, *Castello Rodrigo*.

8. Tem mais de seis mil homens, que podem tomar armas: ha nesta Provincia a mayor porçaõ das Comendas deste Reino: sustenta mais de 44. Conventos de Religiosos de varias Ordens, e 23. de Religiosas: muitas Igrejas com Coro, em que se reza o Officio Divino: innumeraveis Abbadias, e Ermidas. Huma das singularidades, de que se póde gloriar, he comprehender as duas mais admiraveis officinas da virtude, e letras, que tem o Reino, quaes saõ Bussaco, e a Uni-

a Universidade de Coimbra, donde tem sahido Varões portentosos na santidade, e nas sciencias. Comprehendemos tudo succintamente nas seguintes estancias:

Es Beira la tercera Region, que ostenta
De Viriato el nombre formidable,
Donde Coimbra *Episcopal se assienta*
De Mondego en la orilla deleitable.
Produxo siete Reyes opulenta,
Grande en lo noble, en letras admirable:
Yaze Obispal Viseu *en gran llanura*
Del infeliz Rodrigo sepultura.
Lamego *Episcopal sale gallarda*
En territorio ameno, y abundante.
Sobre peñascos asperos la Guarda
Con Iglesia Pastoral luze brillante.
Sin Mitra Idaña, *solo el timbre guarda,*
Que de Wamba adquirio patria elegãte;
Mas poblacion la nueva Idaña tiene,
Que en el sitio cercano se contiene.
Castello-Branco *entre otras cobra fama:*
Tentugal *por la fuente, que ay en ella,*
Montemayor *de Brigo obra se acclama,*
Fuerte Almeida, *que en armas tiene estrella.*

Celorico *el laurel de Apolo enrama:*
Por sus Duques Lafões, *y* Avero *es bella:*
Cobillan *goza celebre fortuna*
De la Cava fatal ilustre cuna.

Provincia da Estremadura.

1 ESta Provincia se fórma de huma faxa de terra, que corre desde a boca do rio Mondego atè o caudeloso Tejo, e continúa pela Comarca de Setuval atè enteſtar com Sant-Iago de Cacem. Comprehende em toda esta longitude, conforme huns, 40. leguas; e segundo outros, 33. De largo huns lhe daõ 18. outros 16. (1) leguas na sua mayor largura; porèm se lançarmos huma linha de Cascaes atè a Pampilhosa, acharemos 36. leguas de latitude. Pelo Occidente o mar Oceano a termina: pelo Meyo dia confina com o Alentejo atravez, e pelo Norte com a Beira.

2 He

(1) Geograf. Blavian. Mendes da Silv. Monſ. de La Clede tom. 2. pag. mihi 59. Corograf. Portug. tom. 3. Lim. Geogr. Hiſtor. tom. 2. pag. 136. Far. Europ. Portug. tom. 3. part. 3. cap. 2. pag. 160.

2 He o clima desta Regiaõ o mais saudavel, e temperado de todo o Reino, porque a benignidade do Ceo faz aqui ser insensiveis aquellas estações do tempo, que gradualmente succedem humas às outras com mudança suave; e assim participando quasi sempre de ar puro, e Ceo sereno, produz nella a natureza com abundancia os frutos de todos os generos. Fertil he de azeites, bastando só a Villa de Santarem para prover o Reino, e suas Conquistas: fertil he de vinhos, e dos melhores, chamados de barra a barra, taõ estimados das nações Septentrionaes: fertil he de frutos, dos quaes sómente a Villa de Collares todo o anno provê a Corte de Lisboa, e se conduzem para outras muitas terras da Europa. De trigo, legumes, e hortaliças tem o que lhe basta. Cria caças de toda a especie, e das mais gostosas, porque comprehende as melhores coutadas do Reino. Peixe em abundancia, e saborosissimo; e finalmente sem exaggeraçaõ podemos dizer, que he a Provincia mais fertil, e farta de Portugal,

 con-

concorrendo tambem as outras com os seus productos para mais a fertilizar, è enriquecer, tratando-a verdadeiramente como Rainha, pois existe no meyo do Reino coroada de todas.

3 Muito conduz para toda esta abundancia os seus famosos portos, especialmente o de Lisboa, por onde todos os annos entraõ as ricas frotas dos Brasis, e em pouco mais tempo as preciosas mercadorias da Asia, e quasi todos os dias innumeraveis embarcações estrangeiras para commodidade do comercio, que hè nesta Provincia o mayor de todo o Reino. Conduz tambem naõ pouco a grande copia de boas aguas de suas fontes, e rios, os quaes, segundo seu mayor nome, saõ estes: *Aguas livres*, *Alcantara*, *Alferradede*, *Alfusqueiro*, *Aljez*, *Alpiaça*, *Alviella*, *Anunca*, *Barcarena*, *Bezelga*, *Broya*, *Cadavás*, *Cambra*, *Caroba*, *Castelãos*, *Cera*, *Caranque*, *Chileiros*, *Crins*, *Esporaõ*, *Guardaõ*, *Lago*, *Lena*, *Liten*, *Liça*, *Liz*, *Montijo*, *Nabaõ*, *Pernes*, *Rezes*, *Sado*, *Sizandro*, *Tejo*, *Valdelobos*, *Unhaes*, *Zezera*, a

que podemos accrescentar por singularidade as virtuosas aguas das que chamamos Caldas, que nesta Provincia existem as de melhor fama.

4 Quanto ao estado Ecclesiastico, tem duas Igrejas Cathedraes: *Lisboa*, que logra a dignidade de Patriarcado; e *Leiria* a de Bispado. Numeraõ-se-lhe 462 Parochias, alèm de outras muitas Igrejas, que o naõ saõ. Trez insignes Collegiadas: *Santa Maria Mayor* em Lisboa, *N. Senhora da Misericordia* em Ourem, e *Santa Maria da Alcaçova* em Santarem, com outras, que o parecem, como na Igreja de Santo Antonio de Lisboa, Santo Antonio do Tojal, &c. Dous grandes Priorados das Ordens Militares: de *Sant-Iago* em Palmella, de *Christo* em Thomar. Seis Templos Regios os mais insignes: *Alcobaça*, *Batalha*, *Belém*, *Mafra*, *Thomar*, *S. Vicente de Fóra*. Conventos, e Mosteiros mais de 170. Hum supremo Tribunal do Santo Officio. E finalmente he onde com mayor culto, asseyo, e grandeza se executaõ todas as festividades, funções Ecclesiasticas, e Offi-

Officios Divinos, augmentando-se mais a devoçaõ com os prodigiosos Santuarios, que encerra cheyos de continuadas maravilhas.

5 As sciencias nos seus frequentados Collegios, e Academias: as artes liberaes nas suas grandes, e opulentas fabricas: a politica, o trato, e a civilidade florecem nesta Regiaõ: atè o idioma se pronuncía com mayor pureza, e cadencia do que nas outras Provincias, pois nella reside a Corte de Lisboa, que como Princeza de todas as do mundo, como lhe chamou o Poeta, infunde qualidades para a melhor cultura, e perfeiçaõ. Finalmente

Es la quarta Provincia Estremadura,
Que contiene a Lisboa, *donde cria*
Del claro lis beviendo la dulçura
Con Episcopal Baculo Leiria.
La Villa de Batalla *se assegura*
De Reyes Portuguezes urna umbria.
Santaren *con portentos se corona,*
Y de aver sido throno Real blasona.

Con

Con gran juridicion Thomar *se ofrece*
Al dulce Nabon, *que sus campos baña,*
Alenquer *del Alano permanece*
Fundacion en frutifera campaña.
Cintra *del quinto Alonso patria crece,*
Primera poblacion sale de España,
Setubal *al mar grande dirigida*
Morada de Tubál apetecida.

Provincia do Alentejo.

1 CHama-se esta Provincia *Alentejo*, respeitando as outras Provincias de Portugal, que ficaõ ao Norte do rio Tejo; mas isto he conforme a divisaõ politica, e naõ fysica. Dilata-se entre os limites da Estremadura Castelhana, Reino do Algarve, mar Oceano, Tejo, e Guadiana, quasi em fórma quadrada, pelo que lhe daõ muitos 34. leguas de huma, e outra parte; (1) porèm o seu mayor comprimento pelo certaõ saõ 39. leguas, pela costa 28.

(1) Far. Europ. Portug. tom. 3. part. 3. cap 2. Rodrig. Mend. da Silv. na Descripç. de Portug. Geograf. Blavian. tom. de Hespanh. pag. 403.

28. e tendo pela margem do Tejo 35. de largura, se estreita, e reduz na raya do Algarve a 21. (2)

2 He o seu terreno pela mayor parte plano, posto que o atravessaõ algumas serras, a de Ossa, Caldeirão, Portalegre, Montemuro, Marvaõ, e outras, donde nascem fontes, e rios, naõ em tanta abundancia, como nas outras Provincias, porque tambem o ardente Sol no Veraõ consome aqui muito sua humidade, mas todavia sempre se lhe numeraõ de mayor nome os seguintes: *Abrilongo*, *Alcarapinha*, *Alcarrouça*, *Altarache*, *Algale*, *Aubeloura*, *Aramenho*, *Aviz*, *Benavile*, *Bonafide*, *Botoua*, *Cabaça*, *Caya*, *Cayola*, *Campilhas*, *Canha*, *Carreiras*, *Cobrinhas*, *Corbes*, *Corona*, *Dejebe*, *Detença*, *Enxarrama*, *Erra*, *Ervedal*, *Figueiró*, *Fonte boa*, *Galego*, *Guadiana*, *Lavra*, *Lamarosa*, *Leça*, *Limas*, *Lixoza*, *Lucefece*, *Machede*, *Marataca*, *Mourinho*, *Niza*, *Odemira*, *Odivellas*, *Odivor*, *Peramança*, *Regalvo*, *Saõ Romaõ*, *Sarrazola*, *Seda*,

(2) Abbad. de Per. Success. Milit. pag. 179.

Seda, *Sever*, *Sevora*, *Sor*, *Sorraya*, *Taleigaõ*, *Tejo*, *Tera*, *Terjes*, *Videgaõ*, *Xever*, *Xevora*, *Xola*, *Xouxou*, *Zata*.

3 He fertilissima, pois correspondem os frutos com grande abundancia. De trigo diz Macedo, (3) que só a Freguezia da Cathedral de Evora dá ao dizimo cada anno 7000 moyos, com a circunstancia de que os lavradores naõ cultivaõ todas as terras capazes de sementeira, senaõ afoolhem algumas, a que chamaõ folhas, para fazerem a lavoura de trez em trez annos, isto he, a que se semeou este anno, naõ se torna a afolhar, senaõ passados trez annos; porque se Alentejo cultivasse annualmente todas as dilatadas campinas, e charnecas, que tem, daria trigo, centeyo, e cevada para todo o mundo. A esta abundancia attendeo Camões, quando cantou: (4)

E vós tambem, ò terras Transtaganas,
Affamadas co dom da flava Ceres.

4 Alèm

(3) Sousa de Macedo nas Flor. de Hespanh. cap. 3. excel. 3. (4) Cam. cant. 3. est. 62.

4 Alèm dos trigos he abundante de boas frutas, azeite, vinho, mel, cera, lans, caças, gados, excellentes queijos, finos marmores, afamados, e cheirosos barros; de sorte que esta Provincia naõ necessita de cousa alguma, que em si naõ tenha com abundancia: atè peixe colhe abundantemente da ribeira do Sado, que entra no rio de Alcacere, e na da Fonte Santa, que está no caminho de Estremoz, alèm de outros rios, que temos nomeado.

5 Ha em Alentejo quatro Cidades: *Evora*, que tem Arcebispo: *Elvas*, e *Portalegre*, que tem Bispos: *Béja*, que o naõ tem. Contaõ-se mais de 100. Villas: dous grandes Priorados das Ordens Militares, de *Aviz*, e de *Malta*. Divide-se em oito Comarcas, que saõ: *Evora*, *Béja*, *Campo de Ourique*, *Villa Viçosa*, *Elvas*, *Portalegre*, *Crato*, *Aviz*, das quaes algumas saõ Ouvidorias.

6 Sempre nesta Provincia florecêraõ homens de singulares engenhos: em tempos antigos Agripio, Isidoro Pacense, e outros muitos: nos mais proximos aos nossos

nossos André de Resende, o Padre Maldonado, o Padre Manoel de Goes, o Doutor Pedro Nunes, rarissimo na Mathematica, Thomaz Rodrigues, insigne Medico, alèm de muitos outros em todas as faculdades. E no valor teve tambem homens assinalados, como foy Dom Payo Peres Correa, Josué Portuguez, D. Nuno Alveres Pereira, D. Vasco da Gama, primeiro descubridor das Indias, os quaes bastaõ para credito da Provincia. Tudo se recopila nestas duas estancias:

Sigue quinta Region la de Alentejo,
Cuya cabeça, y Metropolitana
Es Evora *de Roma claro espejo,*
Del gran Giraldo gloria soberana.
Tiene noble dominio, y fiel concejo
Portalegre *risueña Diocesana.*
Elvas *con Mitra luze venerable,*
Siendo por su Castillo inexpugnable.
Béja *Ciudad insigne se publica,*
Y el precioso licor de Baco enseña.
Entre otras Villas Estremoz *muy rica*
Es invencible, y fuerte Jurumeña.

Por

Por sus inclytos Nobles à Belona,
Montemayor *el Nuevo el ser. dedica.*
Villa Viçosa *en llano está florido*
Templo de Proserpina, y de Cupido.

Provincia, e Reino do Algarve.

1 FOi'tma esta Regiaõ do Algarve hum dos principaes angulos da Peninsula Lusitana no Cabo de S. Vicente com a concurrencia das linhas Meridional, e Occidental. Daõ-lhe os Geografos 28. leguas de comprido, e oito de largo. Os Mouros lhe chamáraõ Algarve, que quer dizer *Terra Occidental,* (1) mas outros interpretaõ *Terra plana, e fertil;* porque sem embargo de comprehender algumas serras pelo sertaõ, occupa pela costa do mar planicies muy ferteis, e deliciosas.

2 Constitue-se Reino forte, e separado de Portugal pelos montes Caldeiraõ, e Monchique, e de Andaluzia pelo rio Guadiana; de sorte, que a sua situaçaõ he a mais ventajosa de todas as nossas

(1) Colmenar. Delices de Hesp. tom. 4. pag. 809.

sas Provincias. Sua primeira conquista foy intentada por ElRey D. Affonso Henriques: continuou-a com grandes progressos ElRey D. Sancho I. e a acabou de conseguir ElRey D. Affonso III. ficando desde entaõ o Reino do Algarve encorporado com permanencia na Coroa de Portugal, que organizou suas Reaes armas com a orla dos sete castellos dourados em campo vermelho. (2)

3 Consta de quatro Cidades: *Faro*, onde hoje está a Sé Cathedral; *Sylves*, donde foy mudada; *Tavira*, e *Lagos*. Tem mais doze Villas, e teve outra chamada *Arenilha*, situada entre Cacella, e Castro-Marim, na praya, que faz entrada para a barra de Ayamonte, a qual consumíraõ o mar, e arêas de sorte, que mal servem hoje as suas ruinas, como succedeo tambem a outras duas chamadas *Salir*, e *Terragudo*. (3) Teve por seu primeiro Prégador Evangelico ao glorioso Martyr Santo Isicio, discipulo do Apostolo Sant-Iago.

4 Faz

(2) Monarch. Lusit. liv. 16. cap. 4. (3) Catalog. dos Bisp. do Algarv. que vem no fim das Constituiç.

4 Faz ser esta Provincia abundante com especialidade a grande copia de figos, passas, e amendoas, de que se extrahem todos os annos por negocio para differentes partes de Levante, Italia, e Flandes consideraveis somas; e assim como em outras terras estaõ semeados os campos de trigo, cevada, e centeyo, esta os tem cubertos de vinhas, amendoeiras, figueiras, e tambem palmeiras, de cujos ramos tecem seus moradores varias curiosidades. (4) A pescaria de atum naõ serve de pequeno lucro, e com que fazem hum grave negocio. Os rios, que cortaõ, e regaõ este Reino, saõ muitos, porèm pequenos, sendo os de mayor nome o *Adoleite*, *Belixari*, *Guadiana*, *Lampas*, e *Vascaõ*.

5 Seus habitadores saõ esforçados, e aptos para a guerra; e jà em tempos antigos vencêraõ valerosamente ao Capitaõ Romano Sergio Galba. Saõ muy dados à sciencia maritima, e se prezaõ muito de que no seu terreno escolhessem o primeiro Patriarca, e Fundador de Hespanha

(4) Rodrig. Mend. da Silv. Descripç. de Hesp.

panha *Tubal*, e o famoso *Hercules* os seus jazigos, se he certo o que diz Fr. Bernardo de Brito. Divide-se finalmente o Algarve em trez Comarcas, conforme a Geografia moderna do Padre D. Luiz de Lima, e vem a ser: *Lagos*, *Tavira*, e *Faro*. Tem sete fontes medicinaes; trez praças de armas: *Lagos*, *Faro*, *Castro-Marim*, bem fortificadas com quatro mil homens de guarniçaõ; e atè o presente numera 37. Governadores, ou Capitães Generaes com o Conde de Atouguia D. Luiz Peregrino de Ataíde, seu actual, e benemerito Governador.

El Reyno del Algarbe es la postrera
Porcion, cuyas Ciudades son Tavira
DelRey Brigo gallarda Primavera,
Donde herido del viento el mar suspira.
Faro *Obispal adorna su ribera,*
Al Oceano fuerte Lagos *mira.*
Con poca vezindad nombre difuso
Alcança Sylves *Paraiso Luso.*

Mappa

Mappa do que comprehendem as ſeis Provincias de Portugal.

Provinc.	Minh.	Tr. os M.	Beir.	Eſtr.	Alent.	Alg.
Comarc.	6	4	8	8	8	3
Cidades.	2	2	4	2	4	4
Villas.	26	50	234	112	100	12
Patriarc.				1		....
Arceb.	1			1	1	....
Biſpad.	1	1	4	1	2	1
Inquiſiç.			1	1	1	....
Univerſ.			1		1	....
Paroq.	1500	620	1090	460	350	67
Cid. cap.	Porto	Miranda	Coĩb.	Lisb.	Evora	Faro
Pr. d'arm.	Viana	Chaves.	Alm.	Lisb.	Elvas.	Lag.
L. de cõp.	18	34	36	40	39	28
L. de larg.	12	26	36	18	35	8

CA-

CAPITULO VI.

Dos Montes, Promontorios, e Serras de mayor nome.

1 QUasi todos os principaes montes, e serranias, que fortalecem, e ornaõ este nosso Continente, saõ ramos, e esgalhos dos celebres Pyrineos, que dividem França de Hespanha, os quaes, entrando por varias partes do Reino, adquirem o nome conforme as terras, por onde se vaõ descubrindo; e com tal elevaçaõ em alguns sitios, que justamente lhes chamou Athlantes o famoso Caramuel, (1) pois com sua altivez pertendem coroar-se de estrellas, e suster os Ceos em seus hombros. Dos mais afamados daremos a breve informaçaõ, a que o nosso methodo nos obriga.

2 *Alcacevas.* He huma serra junto da Villa de seu mesmo nome na Comarca de Evora. Levanta-se em grande altura,

H pois

(1) Caram. no seu Philip. prud. Proem. §. 1. n. 3.

pois do ſimo della ſe deſcobrem muitas leguas de terra, e muitas Villas. O inſigne Fr. Luiz de Souſa diz, (2) que antigamente houvera alli hum Templo, ou Palacio no tempo dos Romanos, ſegundo ſe infere por algumas moedas de cobre, e de prata, que ſe achavaõ naquelle ſitio.

3 *Alcoba* antigamente, e hoje ſe chama a Serra de *Beſteiros*, ou do *Caramullo*. Fica na Beira no Concelho do Guardaõ. Ainda ſe conſerva em hum Outeiro, chamado Cabeço de Alcobela, a memoria de ſeu primeiro nome. He eſta ſerra eſteril, e em partes deſpovoada. (3)

4 *Algáres*. Principia eſta ſerra a deſcubrir-ſe huma legua diſtante da Villa de Grandola para a parte do Levante; e continuando contra o Naſcente, vay acabar onde chamaõ o Caſtello velho pelo eſpaço de duas leguas. He quaſi mi-

nada

(2) Souſa na Hiſtor. de S. Dom. part. 3. liv. 3. c. 20.
(3) Brit. na Geograf. Luſit. cap. 2. Carv. Corogr. Portug. tom. 2. pag. 188.

nada toda por baixo. Veja-se a Corografia Portugueza. (4)

5 *Ayró.* Este monte, que está a hum lado da Villa de Barcellos, tem bastante eminencia, em cuja altura se dilata, e estende huma planicie fecundada por diversas fontes de bella agua, onde ha huma Ermida com huma devota imagem da Senhora da Fé. Em pouca distancia ainda existem as ruinas de outra de S. Sylvestre, obra do servo de Deos Joanne Catalaõ. Na raiz deste monte encostado para o Norte está o Convento de Villar de Frades, hoje dos Conegos Seculares da Congregaçaõ de Saõ Joaõ Euangelista, e antigamente dos Monges de S. Bento, onde aconteceo aquelle prodigioso caso a hum Monge, que reflectindo sobre as palavras de David no Psalmo 89. onde diz, que *mil annos diante de Deos saõ como hum dia, que passou*, se foy contemplando atràs de hum passarinho, que andava cantando pela cerca do Convento, e esteve 60. annos extatico na meditaçaõ da eternidade,

 se-

(4) Corograf. Portug. tom. 3. pag. 336.

segundo conta o Doutor Antonio de Villasboas. (5) Todo este monte he fertil de pastos, e arvores, em que se dá o melhor vinho de enforcado, que deste genero ha no Reino. (6)

6 *Amarella.* He hum ramo da grande serra do Gerez, que divide este Reino do de Galiza. He aspero, e produz sómente fructas sylvestres.

7 *Ancião*, a que antigamente chamáraõ monte Tapeyo. Fica entre as Villas do Rabaçal, e Pombal, e corre de Thomar atè Coimbra. He serra muito alta, e fragosa, porèm alegre, pois cria muito alecrim, e variedade de boninas, com outras flores, que servem de pasto aos muitos enxames de abelhas, de que fabricaõ o melhor mel do Reino. Dizem ser esta serra habitada pelos Mouros, de que ha vestigios. Aqui se vê huma grande lapa, chamada *Algardagoa*, aberta em hum penhasco taõ espaçosamente, que podem caber dentro quinhentos homens.

(5) Villasb. Nobiliarq. Portug. pag. 91. (6) Corograf. Portug. tom. 1. pag. 317.

mens. He tambem abundante de perdizes, lebres, e rapozas. (7)

8 *Arga.* Chama Ptolomeu a esta serra Promontorio *Avaro*. (8) Divide ella os termos de Viana, Ponte de Lima, Coura, e Caminha, e dá campo a hum Convento Benedictino entre as densas matas de seu terreno. O Padre Argote diz, que o Promontorio Avaro, deduzido do rio Ave, era todo aquelle espaço, que corre desde a foz do Ave atè o rio Cávado. (9)

9 *Arrabida.* He esta serra huma aspera montanha, que corre direita de Nordeste a Sudoeste no mais desabrido della pela extensaõ de duas leguas, e continúa mais trez por terreno menos agreste. Sua largura será pouco mais de huma legua. Fica-lhe na raiz para a banda do Norte o sitio de Azeitaõ, para a parte do Sul as prayas do Sado. Olhando de sima para o mar, fica-lhe Cezimbra

(7) Monarch. Lusitan. tom. 1. na Geogr. Resend. de Antiq. lib. 1. (8) Ptolom lib. 2. tab. 2. Corogr. Portug. tom. 1. pag. 282. (9) Argot. de Antiq. Brachar. lib. 1. cap. 3. e nas Mem. de Brag. liv. 1. c. 10.

bra à maõ direita, e a Villa de Setuval para o lado esquerdo.

10 O nome de *Arrabida* he deduzido da palavra *Arabrica*, como antigamente se chamava, conforme diz nosso Gaspar Barreiros; (10) allegando a Ptolomeu; e mostra ter mais probabilidade que a derivaçaõ, que lhe dá o Doutor Alvaro Gonsalves de Camões, a quem segue Fr. Antonio da Piedade na Chronica da Arrabida, (11) e Joaõ de Brito de Mello; (12) os quaes dizem, que se deriva do nome *Errabundus*, que quer dizer *Valde errans*, porque os que hiaõ a esta serra sempre erravaõ o caminho pela aspereza do sitio. Fr. Francisco Gonzaga diz, (13) que he palavra Mourisca, imposta pelos Sarracenos, que habitáraõ nesta serra; e assim *Arrabida* vale o mesmo que *Oratorio*, ou lugar solitario, e sagrado, proprio a fazer penitencia: propriedades muy conformes a este

(10) Barreir. na Corogr. pag.62. Santuar. Marian. tom.2. pag.465. (11) Fr. Anton. da Pied. Chronic. da Arrabid. part.1. liv.1. cap.5. (12) Brit. de Mel. Chronic. da Arrab. man. script. part.1. cap.6. (13) Gonzag. de Origin. Relig. Seraph. part.3. p.1123.

este sitio pelo exercicio espiritual, que a mais estreita observancia da Religiaõ Serafica taõ exemplarmente cultiva aqui desde o anno de 1540.

11 Tambem os Romanos chamáraõ a esta serra *Promontorio Barbarico*; e o grande Antiquario André de Resende diz, (14) que foy porque os antigos moradores desta serra, chamados Sarrios, levavaõ daqui para Roma muito cremesim, (de que ainda nesta serra se colhe algum) com que tingiaõ panos, a cuja cor davaõ o nome de barbara, isto he, de terra peregrina, e aos conductores chamavaõ barbaros; ao que alludio Lucrecio. (15)

12 Bem he verdade que Fr. Bernardo de Brito (16) naõ consente nesta conjectura, antes diz, que o nome *Barbarico* foy imposto por causa dos costumes barbaros, e rusticos dos póvos Sarrios seus primeiros habitadores, cuja opiniaõ

jà

(14) Resend. lib. 1. Antiq. pag. mihi 37. (15) Lucr. lib. 2. *Jam tibi barbaricæ vestes*, *&c.* (16) Brit. na Monarq. Lusit. liv. 1. cap. 28.

jà havia seguido Floriaõ do Campo, (17) encarecendo muito a grande resistencia, que estes barbaros fizeraõ aos Turdulos, e Celtas no anno 314. antes de Christo. Fr. Antonio da Piedade no primeiro tomo da Chronica da Arrabida cap. 5. faz huma descripçaõ desta serra em estylo mais poetico do que historico, porèm verdadeiro. Naõ nos esqueçamos da admiravel pedra, que daqui se extrahe para enfeite de varias obras, e de que se fabricou o exquisito retabulo da Igreja do Hospital Real de Lisboa, e com ella se tem ornado outros muitos Templos.

13 *Borralheira*. Daõ este nome a huma serra, que com bastante eminencia se levanta junto da Villa da Ponte, Comarca de Pinhel. No mais alto está huma Ermida de Santa Barbara, que a Camera daquella Villa mandou edificar por causa dos muitos rayos, e trovões, que alli se experimentavaõ, os quaes depois da Ermida erecta, nunca mais se atreveraõ a atemorizar os moradores. (18)

14 *Bus-*

(17) Flor. do Camp. liv. 3. cap. 8. e 35. (18) Santuar. Marian. tom. 3. pag. 255.

14 *Buſſaco.* Trez etymologias aſſina Fr. Joaõ do Sacramento (19) ao nome deſta ſerra, das quaes a mais veroſimil he por haver na ſua raiz hum Convento de Religioſos Benedictinos, erecto em memoria da Cova de Sublaco, que aquelle grande Patriarca eſcolhêra para ſua primeira habitaçaõ, e que de *Sublaco* vieraõ a alterar a palavra em *Buſſaco*.

15 He parte da ſerra da Eſtrella, e diſta de Coimbra trez leguas para o Nordeſte, e meya da Villa de Vacariça. Sua altura comprehende o eſpaço de trez leguas, e de ſeu cume ſe deſcobre grande parte do Reino; porque para o Oriente deſcortina a ſerra da Eſtrella, e a de Caſtello Rodrigo na diſtancia de trinta leguas: para a parte do Meyo dia vê a ſerra de Minde, e a de Marvaõ, de que diſta quarenta leguas: para o Norte aviſta a ſerra de Grijó em diſtancia de quinze leguas: e para qualquer parte muitas Villas, e terras de ſete Biſpados. Produz admiraveis arvoredos, jaſpes, e marmores finiſſimos, e ſobre tudo dá terreno

(19) Chron. dos Carm. Deſc. part. 2. liv. 4. cap. 13.

reno ao devotiſſimo Convento de Carmelitas Deſcalços, que exercitaõ aqui ſantamente, como os Anacoretas da Thebaida, a vida contemplativa. (20)

16 *Bouro.* Principia eſta ſerra nos limites da Villa de Obidos, e continúa com a ſerra de Cintra para o Occidente, e para a parte do Naſcente vay continuando com outras, que ſe vaõ unir com a da Eſtrella. (21)

17 *Cabreira.* Eſtende-ſe eſta ſerra pelo Concelho de Vieira, que o divide da Provincia de Tràs os Montes. He alta, e della emana o rio Ave. (22)

18 *Cantaro.* No mais alto da ſerra da Eſtrella ſe levanta huma eminente pyramide de rochedos calvos, e eſcarpados, a que chamaõ do Cantaro. Na mayor altura ha huma lagoa, a que chamaõ Eſcura, e conſta de aguas verdenegras, que naõ criaõ peixe, de que os moradores vizinhos da ſerra contaõ incriveis

(20) Vide Chronic. dos Carmel. Deſcalç. tom. 2. pag. 76. Benedict. Luſit. tom. 2. pag. 283. Corogr. Portug. tom. 2. pag. 69. (21) Santuar. Mar. tom. 2. pag. 129. (22) Corogr. Portug. tom. 1. pag. 155.

criveis maravilhas, como he ter a tal lagoa communicaçaõ com o mar, pois se observa nella os mesmos movimentos, que elle faz. (23)

19 Monf. Mervellú, que teve a curiosidade de ver, e observar o melhor deste Reino, escreve nas suas memorias, (24) que subindo, e penetrando a altura desta serra, e fazendo lançar dentro da lagoa hum moço para nadar atado com huma corda pela cintura, este observára, que tendo andado 150. passos, sentio que as aguas puxavaõ fortemente por elle; donde se póde conjecturar, que no mesmo tempo, que as aguas sahem do centro da terra para formar aquelle lago, tornaõ a entrar por outra abertura.

20 Cria-se nesta montanha a planta *Argenciana*, ou *Argenteira*, que tem virtude contra as febres. Na Corografia Por-

(23) Vasæus apud Duart. Nunes na Descripç. de Portug. cap. 9. Joaõ Salgad. nos Successf. Militar. fol. 106. Far. na Europ. Port. part. 3. tom. 3. cap. 6.
(24) Mervelleux nas Memoires instructifs tom. 1. pag. 204. do ann. 1738.

Portugueza se diz, (25) que o nome de *Cantaro*, que tem esta serra, lhe provém de que os antigos senhores da Villa de Carvalho, situada nas suas raizes, tinhaõ sempre hum cantaro com agua, e pucaro para beberem os passageiros, por causa da esterilidade da terra.

21 *Cintra.* Esta serra, que dista de Lisboa pouco mais de sinco leguas, he a mais celebre do Reino, e talvez que do mundo pela composiçaõ rara, com que a natureza a organizou de calháos grandissimos postos huns sobre outros, como se fossem montes de nozes, que parece estaõ ameaçando ruina eterna. Sobre estes penedos descobrio o allegado Mervelhi (26) vestigios da antiga fortificaçaõ. O certo he, que esta serra foy chamada antigamente *Promontorio da Lua*, (27) donde Camões veyo a dizer: (28)

E nas serras da Lua conhecidas
Subjuga a fria Cintra o duro braço.

22 Te-

(25) Corograf. Portug. tom. 2. pag. 76. (26) Mervelleux Memoir. instr. tom. 1. pag. 101. (27) Baudrand Diccion. Geogr. Hoffman verb. *Lunæ mons.* (28) Cam. cant. 3. est. 56. e seu Comentad. Faria.

22. Teve principio este nome desde que em tempo de Octaviano Augusto II. determinando os habitadores desta serra dedicar-lhe hum templo, e naõ querendo o Emperador admittir a offerta, elles se resolvêraõ dedicallo à Lua, que os Gentios chamavaõ *Cynthia*, donde se derivou o nome de *Cintra* com pouca corrupçaõ. Disto ha memorias em Cippos, que se descubrîraõ, e que se podem ver transcriptos em nossos Escritores, (29) a que allude admiravelmente nosso sabio Botelho em o seu Poema do Alfonso. (30) Naõ deixo porèm de reparar em que este eruditissimo Poeta, sendo taõ versado na Geografia, seguisse a opiniaõ menos verdadeira dos que chamáraõ à serra de Cintra *Promontorio Artabro*, (31) o qual, conforme o melhor parecer, he o Cabo de *Finis terræ*, e naõ o *Cabo de Roca*. (32) Verdade seja que

(29) Resend. lib. 1. Antiq. Brit. Monarq. Lusitan. liv. 1. cap. 22. e liv. 5. cap. 15. Duarte Nun. Descr. de Portug. cap. 10. Far. sobre a Ode 1. de Cam. (30) Botelh. no Alfonso liv. 2. est. 46. e 47. (31) Idem na impress. de Pariz livr. 1. est. 7. Marian. liv. 1. cap. 3. (32) Sanson. Baudrand &c.

que o mesmo insigne Poeta na segunda impressaõ do seu Poema em Salamanca parece que conheceo este engano; porque fallando de Cintra, jà naõ lhe dá o nome de Promontorio Artabro. (33) De outras cousas, que ha nesta serra notaveis, diremos em outra parte deste Mappa.

23. *Estrella.* Existe esta serra na Provincia da Beira, e foy antigamente conhecida com o nome de monte *Herminio*, que queria dizer aspero, e intrataavel. (34) Hoje conserva o de *Estrella*, porque dizem tèr no mais alto hum penedo do feitio de estrella. He esta serra hum ramo dos Pyrineos, deduzido daquelle grosso, e grande braço, que aparta Castella velha de Castella nova: está continuamente cuberta de neve, que porisso disse hum nosso Poeta: (35)

Que he de Herminia senhor serra nevada,
Onde o quente Veraõ nunca começa.

24. Para

(33) Botelh. supr. (34) Monarq. Lusitan. tom. 1. pag. 424. P. Esperança tom. 1. da Chronic. pag. 421. Resend. de Antiquitat. (35) Maced. no Ulyssip. cant. 4. est. 1.

24 Para a parte do Poente se despenha com escabrosos precipicios sobre as Villas de S. Romaõ, Valezim, Loriga, e Arouca da Serra, que lhe fica nas raizes: da parte do Sul fica a Villa da Covilhã: do Sueste as de Manteigas, e Balhelhas: do Nascente a Cidade da Guarda: do Norte as Villas de Linhares, Mello, Gouvea, Santa Marinha, e Cea. Desta serra nascem os trez celebrados rios Zezere, Alva, e Mondego perto huns dos outros; e se encaminhaõ a trez differentes partes.

25 *Falperra.* Fica esta serra servindo de atalaya à Villa de Aguiar da Penha, que lhe nasce das raizes, e se utiliza das fertilidades do ameno valle, em que existe. (36)

26 *S. Gens.* Pouco distante da Cidade de Braga córre esta serra, que tomou o nome de huma Ermida antiga, a qual ainda está no alto della da invocaçaõ do mesmo Santo, e que dizem fora edificada por Theodomiro Rey Suevo. Ao pé desta serra se vê o Convento de Tibães de

(36) Carv. Corogr. Portug. tom. 1. pag. 171.

de Religiosos Bentos. Ha outra serra com este mesmo nome no Alentejo, que he parte da serra de Ossa; e summamente alta. (37)

27 *Gerez.* Os antigos chamáraõ a esta serra *Juressum*, que Antonio de Sousa de Macedo (38) diz ser deduzido dos trez celebres Geriões, que alli habitáraõ, fabula, a que naõ devemos dar credito. Principia algumas leguas distante de Braga para a parte do Norte, e caminhando encostada ao Oriente, entra por Galiza. He de summa elevaçaõ, e por algumas partes taõ aspera, que he intratavel: sómente a habitaõ cabras montezes, javalis, e lobos; sendo que por algumas partes he aprazivel. O Padre D. Jeronymo Contador de Argote faz deste monte dous especiaes capitulos. (39)

28 *Guardunha.* Em distancia de sinco leguas da serra da Estrella, e em sete de Idanha a velha fica esta montanha cer-

(37) Corograf. Portug. tom. 1. pag. 168. & tom. 2. pag. 447. (38) Maced. Ulyssip. cant. 2. est. 18. (39) Argot. Antiguid. de Brag. pag. 372.

cercada de muitas povoações, arvores, fontes, hervas, e frutas deliciosas. A palavra *Guardunha* he Arabiga, e significa refugio, ou guarda da Idanha; porque sendo os moradores desta povoação expulsos pelos Mouros, se foraõ refugiar a esta serra para se defenderem delles. (40)

29. *Hermello.* He montanha do Minho, que tem huma legua de alto, e no cume ainda apparecem vestigios da Cidade do Maraõ, quartel de Decio Bruto.

30. *Labruja*, ou laboriosa pelo trabalho, que causa aos caminhantes. Fica esta serra na estrada real, que vay de Ponte de Lima para Valença. (41)

31. *Louzã.* He ramo da serra da Estrella, e muita parte do anno está cuberta de neve. (42)

32. *Maraõ.* Esta serra he huma uniaõ de montes altos, que se vaõ abraçando huns aos outros. Chega ao Douro, e lan-

I ça

(40) Santuar. Marian. tom. 3. pag. 59. Corograf. Portug. tom. 2. pag. 412. (41) Corograf. Portug. tom. 1. pag. 204. (42) Leit. nas Miscelan. pag. 15.

ça o monte de Teixeira, e o Entrilho, povoado baſtantemente de feras, onde eſtá o grande penedo, que huma criança póde fazer bulir, e tange quando ſe bole. (43) Conſente o Maraõ que o rio Douro o atraveſſe; e poſto jà na Provincia da Beira, ſe chama Serra de Almofala, Monte de muros, Serra de Touro, Serra de Pera, Serra de Fragoas, de Manhouce, de Beſteiros, de Cantaro, de Miranda, do Eſpinhal, e montes de Penela, onde ſe une com a ſerra da Eſtrella; e chamada ſerra de Anſiaõ, e de Albardos, ſe precipita no mar deſde a rocha de Cintra. (44)

33 *Marvaõ.* Eſta ſerra he o Herminio menor, onde ha minas de ouro, e de chumbo, e ainda ſe vem ruinas da Cidade Meidobriga, ſe havemos de dar credito a Reſende. (45)

34 *Minde.* Na Villa de Porto de Mós ſe prolonga eſta ſerra do Norte para o Sul, e da parte Meridional naſce hum pe-

(43) Joaõ Salgad. nos Succeſſ. Militar. pag. 106.
(44) Souſa, Chronic. de S. Dom. part. 3. pag. 189.
(45) Reſend. liv. 1. de Antiquitat.

pequeno rio, que faz sua corrente para o Norte. Fr. Bernardo de Brito (46) naõ distingue esta serra de outra chamada Albardos, de que tambem se lembra Manoel de Faria. (47)

35 *Monchique*, ou *Monsico*. Levanta-se no Algarve com eminencia tal, que excede à de Cintra. He fertil, e aprazivel, com abundancia de agua admiravel. Corre de Oriente a Poente, donde se descobre a mayor parte do campo de Ourique, e do Oceano, servindo de sinal aos navegantes para demandarem seguramente a nossa barra; de sorte que principia de Castro-Marim, e finaliza junto de Algezur. Alguns Authores lhe daõ o nome de *Sico*, ou seco por antifrase. Resende diz que he braço da Serra Morena. (48)

36 *Monte-Junto*. Duas leguas e meya de Alenquer contra o Norte se estende esta serra, a que antigamente chamavaõ

(46) Monarq. Lusitan. liv. 11. cap. 30. a na Geogr. cap. 2. (47) Far. Europ. Port. tom. 3. part. 3. cap. 6. (48) Resend. lib. 1. Antiquit. Vide Agiolog. Lusit. tom. 2. pag. 654. Far. no Epitom. part. 4. cap. 9.

monte *Tagro*, de que talvez se originaria o nome de *Tagarro* a huma povoaçaõ edificada nas suas vizinhanças. (49) Dizem alguns, (50) que he a mais alta serra de Portugal, e que terá de circuito mais de quatro leguas, e de altura meya legua. No alto he terra fertil, e ha duas lagoas de boa agua. Venera-se huma Ermida de N. Senhora das Neves, e o primeiro Convento dos Religiosos Dominicos neste Reino, que fundou o Veneravel Fr. Sueiro Gomes. (51)

37 Das eguas, que por esta montanha pastavaõ, e concebiaõ do zefiro, escrevêraõ maravilhas os antigos, e ainda modernos, (52) e em outra obra (53) nós o reprovamos, como fabula ori-

(49) Fr. Luiz de Sous. Histor. de S. Dom. part. 1. liv. 1. cap. 12. (50) Far. na Europ. Portug. part. 3. tom. 3. cap. 6. (51) Santuar. Marian. tom. 2. p. 215. (52) Plin. Columel. e outros apud Mayol. part. 1. colloq. 7. Fonseca na Medic. Lusit. disp. 2. cap. 5. (53) Recreaçaõ Proveit. part. 1. colloq. 4. pag. 254. Veja-se tambem Gerundens. no Paralipomen. da Histor. de Hesp. lib. 1. pag. 6. Kormanni tract. de Virgin. jure cap. 12. Resend. lib. 1. Bernard. Florest. tom. 4. pag. 267. Maced. Flor. de Hespanh. cap. 3.

originada da grande velocidade, e ligeireza, com que correm os cavallos, que por esta serra se criaõ. O mais certo he haver aqui canteiras de finissima pedra, e minas de azeviche. (54)

38 *Monte do Minhoto.* Junto ao rio Zezere está esta serra muy alta, e povoada de grandes penhascos bastantemente debruçados para a parte do rio. Em sima ha huma Ermida de N. Senhora da Estrella, e hum poço de agua admiravel, porque nunca se seca. Dizem (55) que antigamente houvera aqui huma azinheira, que em lugar de bolotas dava humas contas a modo de azeviche, as quaes pizadas serviaõ de remedio para muitas enfermidades.

39 *Monte-Muro.* Está junto a Evora, e he parte da serra de Besteiros: os antigos lhe chamáraõ *Mons Maurus.* Toma grande distancia de terra, mas em si he aspero; e da mesma grosseria, e rusticidade participa a gente, que o habita.

40 *Ossa.*

(54) Brit. Geograf. Lusitan. cap.2. (55) Santuar. Marian. tom.3. pag.425.

40 *Ossa.* Dilata-se esta celebre serra desde Terena atè Evora monte o espaço de sinco leguas de comprido, e duas e meya de largo. Compõe-se de muitos outeiros, e serras, cada huma com seu nome, como he a Cartuxeira, a de Pero Crespo, a da Cabeça da Aguia, a da Malhada alta, e outras. O Padre Antonio Carvalho da Costa (56) faz huma dilatada descripçaõ desta serra, que os curiosos podem ver.

41 *Pomares.* Antigamente se chamou *Monte de Venus.* Está junto a Evora, onde agora se chama o Lugar de Pomares. Foy muy celebre pelos trofeos, que o famoso Viriato nelle levantou; e hoje tambem o he pela aprazivel frèscura, de que se compõe o seu terreno. (57)

42 *Sandonho.* Fica dominando Villapouca de Aguiar, e fronteira de outra serra chamada Falperra. Estes saõ os mon-

(56) Cost. na Corograf. tom. 2. pag. 447. & seq. Veja-se tambem a Monarq. Lusitan. tom. 3. liv. 8. cap. 32. Poyar. Diccion. Geogr. pag. 383. Jeron. Roman. Republ. del mund. liv. 6. c. 15. (57) Monarq. Lusitan. tom. 1. pag. 441.

montes, que ha no Reino de mayor fama. Póde ser que ainda encontremos occasiaõ no discurso desta obra, em que demos noticia de outros.

CAPITULO VII.

Dos Rios, e Ribeiras mais consideraveis.

1 HE tanta a abundancia de rios, que fertilizaõ, e regaõ nossas Provincias, que por este motivo deo Estrabo à Lusitania o titulo de feliz. (1) Dos capitaes, e de alguns, que se diffundem nelles, faremos huma sucinta, e hydrografica narraçaõ pelo mesmo estylo, que vamos observando.

2 *Abbadia.* Passando por Alcobaça, vay inundar os campos da Villa de Mayorga.

3 *Abrancalha*, ou *Abrancuida.* He ribeira, que corre distante de Abrantes huma legua para o Norte, fertilizando com

(1) Strab. apud Resend. lib. 2. de Antiquit. tit. de Flumin. Duart. Nun. Descripç. de Port. cap. 21.

com ſuas aguas muitos pomares, e hortas delicioſas.

4 *Abrilongo*. Entra no rio Sévera, ou Xévora junto da Villa de Ouguella, e cria muy goſtoſo peixe, por ſerem ſuas aguas frigidiſſimas. Veja-ſe o que dizemos do Botova.

5 *Agualva*. Ribeira, que paſſa junto da Villa de Bellas.

6 *Agua ſanta*. He hum grande ribeiro, que naſce da ſerra de Oſſa, e ſe mette no rio Tera.

7 *Aguas livres*. He huma fermoſa ribeira de abundantes aguas, que corre pela freguezia de Bellas, termo de Lisboa. Em algumas partes he caudeloſa, e naõ ſe paſſa ſem ponte, como he no lugar chamado Ninha a Paſtora, e no forte da Cruz quebrada. Saõ conduzidas eſtas aguas para Lisboa em ſoberbo, e forte aqueducto, que por hora deſcreveremos brevemente.

8 Tem elle o ſeu primeiro manancial neſta ribeira em diſtancia de boa meya legua da ponte, a que alguns chamaõ de Bellas. A abundancia de agua neſte naſ-

cimen-

cimento por si só vence os trez principaes chafarizes de Alfama, que ha na Cidade. Manifestou-se pois este famoso aqueducto para se pôr prompto em 6. de Agosto de 1732. e logo ao principio da ribeira em distancia de 1800. palmos se lhe introduzio huma boa fonte, a que chamaõ a Fonte santa do Leaõ; e continuando o aqueducto ao lado direito da ribeira, (que logo a atravessou junto ao nascimento, que fica à parte do Poente) caminha atè avistar a ponte de Caranque, e aqui se aparta da mesma ribeira para o Lugar da Porcalhota, encostando-se ao outeiro de S. Braz.

9 Neste progresso vay mais para diante recolher a agua, que expulsa a fonte chamada de S. Braz para a parte da Porcalhota, e logo atravessa por baixo da estrada junto à quinta do Galvaõ proximamente à Ermida de Santo Antonio da mesma quinta, donde salvando sobre huma ponte a ribeira, que passa por dentro da dita quinta, se inclina a buscar a raiz do Lugar da Fragoza; e continuando pela mesma encosta atè o Lugar de

Ca-

Calhariz, fronteiro à Freguezia de Bemfica, se vay prolongando por defronte do Convento de S. Domingos atè o monte, que chamaõ das trez Cruzes, donde se passa a ribeira de Alcantara para se introduzir no Bairro alto, recolhendo por este caminho (que he o da mais baixa nivelaçaõ, que permittia o calice, em que a agua deve cahir no dito bairro) varias fontes, que se vaõ encontrando, e descubrindo nos alicerces da mesma obra.

10 A fórma deste aqueducto he de hum corredor, ou mina artificial de sete palmos de largo, e quatorze de alto, a que naõ chegou algum dos aqueductos Romanos. Tem pelo meyo hum passeyo de trez palmos de vaõ, fabricado de finissimo lagedo, e a cada lado hum encanamento de marmore, que recebem ambos 42. manilhas de agua em palmo e meyo de boca, e palmo e quarto de alto.

11 Huma das cousas singulares deste aqueducto he vir correndo a agua orizontalmente por estes encanamentos sem decli-

declividade alguma; mas esta se lhe vay dando a certas distancias por linhas perpendiculares, como por degráos de escada, para total segurança, e conhecimento do quanto se sóbe, ou desce; cousa, que tambem naõ se acha executada em aqueducto algum. Desta sorte conduzidas à custa do povo, ainda que perdem o antigo nome de aguas livres, merecêraõ outro mayor, e mais conhecido na utilidade pública de huma taõ populosa Cidade, e na graça de hum taõ inclyto Monarca, para cujo ardor em solicitar a commoda conservaçaõ de seus vassallos ainda he pouco todo o manancial desta ribeira.

12 Os Romanos, quando Lisboa era seu Municipio, intentáraõ introduzir-lhe estas aguas por aqueductos subterraneos, abrindo a este fim muitos rochedos; e entre as penedias asperissimas de dous montes, que naquelle sitio existem, fizeraõ hum muro larguissimo, e forte, que lhe servia para reprezar a agua de hum valle em huma lagoa, em que traziaõ batéis, como diz Francisco

de

de Ollanda em hum tratado manuſcripto, intitulado: *Fabrica, que falta a Lisboa*, o qual vimos, e ſe conſerva na Livraria do Excellentiſſimo Conde do Redondo.

13 Tambem o Senhor Rey D. Manoel determinou encaminhar eſtas aguas para Lisboa, e que correſſem na praça do Rocio. Para iſſo mandou fazer ao allegado Franciſco de Ollanda o deſenho de hum chafariz, que nós vimos, e conſtava da figura de Lisboa em ſima de huma coluna cercada de quatro elefantes, que pelas trombas expulſavaõ a agua. Eſtes deſejos naõ tiveraõ effeito, nem ainda em tempo do Infante D. Luiz, que tanto appeteceo conduzir eſta agua para a ribeira das Náos, em fórma que as da India della fizeſſem as ſuas aguadas. Conſta tambem pelo que diz Luiz Marinho de Azevedo, que o Senado de Lisboa tinha junto para a obra deſta conduçaõ mais de ſeiscentos mil cruzados, os quaes ſe divertíraõ nas feſtas, que ſe fizeraõ com a entrada de Filippe III. Todos eſtes embaraços eſtiveraõ eſperando

rando

rando pela providente resoluçaõ delRey D. Joaõ V. para fazer mais feliz o seu reinado, escolhendo, e approvando para a sumptuosidade desta fabrica o risco, e desenho do Brigadeiro Manoel da Maya, que por sua sciencia, engenho, e outros attractivos de bondade merece immortaes elogios.

14 *Agueda.* Neste Reino ha dous rios deste proprio nome: hum, que passa por Agueda, e este he o *Emineum* dos antigos, que vay morrer em Aveiro: outro, que divide Portugal de Castella na Comarca de Riba-Coa. Nasce na serra da Estrella, passa pela Ciudad Rodrigo, vay à ponte da Villa de S. Felizes, donde a pouco espaço por entre altos montes em Vilvestre entra no Douro.

15 *Alcantara.* Esta fermosa ribeira quasi que cerca Lisboa, e se mette no Tejo pela parte do Poente. Luiz Mendes de Vasconcellos no livro, que compoz, intitulado: *Sitio de Lisboa*, mostra de quanta utilidade seria communicar-se este rio com o de Sacavem, do qual naõ dista mais que legua e meya,

para

para que ficando dentro deſte circulo Lisboa, conſeguiſſe o mais ſeguro, e fertil terreno, que houveſſe no mundo.

16 *Alcaraviça.* He ribeira, que corre pela Aldea chamada dos Gallegos no termo da Villa de Borba, onde tem ſeu naſcimento em duas fontes taõ abundantes de agua, que fazem moer muitas azenhas.

17 *Alcarabouça.* Provê eſte rio de baſtante peixe a Villa de Ficalho, por onde corre quatro leguas diſtante de Serpa.

18 *Alcarapinha.* Corre junto a Elvas, e naſce na ſerra de Aviz. Suas aguas augmentaõ muito a ribeira de Coruche.

19 *Alcarque.* Conforme a Geografia Blaviana he rio, que no ſeu Mappa vem aſſinado na Provincia do Alentejo.

20 *Alcarrache.* He huma ribeira, que banha o termo da Villa de Olivença.

21 *Alcóa.* Corre pelas margens de Alcobaça, a qual deve a eſte rio a origem do ſeu nome.

22 *Alferradede.* He ribeira, que rega muitos pomares, e hortas do termo da Villa do Sardoal.

23 *Alfusqueiro.* Passa este rio junto do Lugar dos Ferreiros, termo da Villa de Vouga, e tem huma grande ponte de hum só olhal muito alta, fabricada de cantaria. Discorre tambem pela Villa de Assequins, e vay descançar no rio Sardaõ.

24 *Algés.* Nasce este rio em hum outeiro, que fica defronte do Lugar de Monsanto, termo de Lisboa; e augmentado com as aguas de hum regato, que brota por sima de Outorella, entra a fertilizar a quinta das Romeiras atè ir mergulhar-se no mar pelo pé do forte da Conceiçaõ, onde está huma ponte de pedra, que parte com a nobre quinta do Duque de Cadaval.

25 *Algodea.* Banha, e fecunda este rio as hortas, e pomares, que ficaõ fóra da Villa de Setuval.

26 *Alja*, ou *Alje.* He huma caudelosa, e arrebatada ribeira, que discorre pela Villa de Arega, sinco leguas de Thomar, e se vay esconder no rio Zezere. Pescaõ-se nelle excellentes trutas, e ourost peixes muy gostosos. Os antigos lhe chamavaõ ribeira fria.

27 *Al-*

27 *Almaceda.* He ribeira, que cerca a Villa de Sarzedas, e entra no Trogalha.

28 *Almaça.* He hum pequeno rio, que entra no Mondego.

29 *Almonda.* Tem ſua origem eſte rio na ſerra d'Ayre, legua e meya da Villa de Torres Novas. Saõ as aguas no ſeu naſcimento, e matriz taõ claras, e he tanto o peixe, que ſe cria nellas, que ainda que o pégo he fundo, ſe eſtá vendo de ſima das barreiras andarem a ſaltar: por iſſo he aqui muy aprazivel a peſcaria. Os Romanos acháraõ neſte rio muita ſemelhança com o Mondego, por cuja cauſa lhe chamáraõ *Alius munda*, donde ſe originou com pouca corrupçaõ *Almonda.* Mette-ſe no Tejo junto de Azambuja.

30 *Alpedrinha.* Rega o Lugar de Sant-Iago de Andráes, Freguezia do termo de Villa-Real.

31 *Alpiaça.* He ribeira, que pela parte do Norte fertiliza a Villa de Almeirim com ſaboroſo peixe.

32 *Alpreada.* Corre eſta ribeira pelo Lugar

Lugar de Oledo, termo da Villa de Idanha a nova, onde tem huma boa ponte.

33 *Alquete.* Mette-se esta ribeira no rio Alva.

34 *Alva.* Este rio tem o nascimento na serra da Estrella; e fazendo logo seu caminho ao Poente por baixo de hum monte, que em algumas partes discorre muy claro, vem cercar as Villas de Arganil, Coja, Pombeiro, Penalva, Sandomil, Villa Cova de Subavó, e S. Romaõ, onde tem duas pontes, huma chamada de Peramol, pela qual vay o caminho de Veraõ para a Covilhã, outra de cantaria lavrada na estrada, que vay para Valezim. Pescaõ-se nelle boas bogas, trutas, lampreas, e saveis. Finalmente entrando no Mondego rico de outras ribeiras, acaba no Oceano.

35 *Alvar.* Nasce esta ribeira na serra de Montemel pela parte do Lugar de Covellas; e passando junto da Villa da Alfandega da Fé, vem ao Lugar de Santa Justa, donde caminhando quatro leguas, desagua na ribeira Vellarva.

36 *Alvaro.* No termo da Villa do

Alvaro pela banda do Sul tem ſeu naſcimento eſta ribeira, que dá o nome à Villa; e paſſando por duas pontes de pedra, rodea o monte da Villa, e ſe mette no Zezere, fazendo parecer aquella povoaçaõ huma peninſula.

37 *Alviella.* Corre eſte rio pelo Lugar de Pernes, termo da Villa de Alcanede, Comarca de Santarem: he caudeloſo, e naõ ſe paſſa ſem ponte. Tem ſeu naſcimento em huns grandes olhos de agua, que formaõ hum tal ſorvedouro, que tudo engolem, quanto lhe lançaõ dentro; e caminhando o eſpaço de quatro leguas, ſe occulta no Tejo pela Villa de Santarem. Peſcaõ-ſe nelle bogas, e barbos excellentes, e de tal qualidade, que os Medicos os mandaõ dar aos doentes de febre.

38 *Alvito.* He ribeira, que cerca, e fertiliza a Villa de Sarzedas.

39 *Alvoco.* He ribeira, que ſe mette no rio Alva.

40 *Avaloura*, ou *Anbaloura.* Naſce entre as Villas de Borba, e Villa Viçoſa, rega a Villa de Veiros, e miſturada com

a ri-

a ribeira de Fronteira, vay engrossar a de Sauzel, e entraõ ambas por Aviz.

41 *Anços*, antigamente *Anceo*. Vem da Redinha banhar a Villa de Soure, e dar nome a Villa-Nova de Anços; e junto com outras correntes se mette no Mondego abaixo de Coimbra.

42 *Ancora*. As aguas deste rio dividem o Concelho de Caminha do de Viana. Dizem que adquirira o nome, que possue, desde que ElRey Ramiro II. lançára nelle sua mulher Dona Urraca atada em huma ancora para ir mais depressa aó fundo.

43 *Aramenho*. Banha os muros da Villa de Marvaõ, e fertiliza seus campos com abundancia.

44 *Aravil*. Corre pela Villa de Penagarcia, e se recolhe no Tejo.

45 *Arcadela*, ou, como outros lhe chamaõ, *Da Veiga*. He rio, que cerca a Freguezia de Santa Eulalia da Comieira, do Concelho de Penaguiaõ, e entra unido com o Sordo no rio Corgo.

46 *Arcam*. Nasce no celebre olho de agua Borbolegaõ na Villa de Grandola,

la, e se mette no Sado assima de Alcacer.

47 *Ardila*, ou *Ardita*. He huma ribeira furiosa da Villa de Moura. Fazem-na oppulenta as enchentes das ribeiras Brunhos, e Lavandeira em fórma, que a mayor parte do anno se naõ vadea. Desemboca no Guadiana, passando primeiro pela Villa de Noudar.

48 *Arrayolos*. Ribeira, que passa pela Freguezia de Santa Anna, termo da Villa, a que dá o nome, e que faz moer a dezasete moinhos.

49 *Arunca*. Nasce na ribeira de Gaya, e augmentando-se com as aguas de outras ribeiras, vay correndo atè à Villa de Pombal pelo espaço de trez leguas, fertilizando de caminho muitos pomares, e quintas. Antes de se metter no Mondego, passa pelas Villas de Soure, e Villa-Nova de Anços. No tempo de Inverno se enfurece, e corre com tanto impeto, que leva comsigo ceáras, e edificios. Os antigos lhe chamáraõ Tapiço. (2)

50 *Ase-*

(2) Cardos. Agiolog. Lusitan. tom. 1. pag. 305.

50 *Aſeca.* Forma-ſe eſta ribeira com as enchentes de outras muitas. Corre por Villa Viçoſa, e pára no Guadiana.

51 *Ave.* Procede da ſerra de Agra, e de huma ribeira, a que chamaõ da Lage; e unindo-ſe com hum regato ao pé da ſerra de Cabreira, jà com baſtante cabedal ſepara o Concelho de Vieira das montanhas de Barrozo, e quatro leguas antes de entrar no Oceano, divide o Arcebiſpado de Braga do Biſpado do Porto. Rega os Conventos de Bayraõ, e de Saõ Tyrſo, e os campos do Lugar Celeiró. Tendo recebido abaixo de Guimarães o Vizella, ou Avizella, que paſſa por Pombeiro, caminha apreſſadamente por baixo de varias pontes muito boas, e finalmente vay ſepultar-ſe no mar por entre a Villa de Conde, e Azurara. O Padre Vaſconcellos, como traductor de Duarte Nunes, o faz erradamente, como elle naſcer junto de Guimarães, como bem repara Fr. Leaõ de S. Thomaz. (3) Em algumas partes corre com tanta doçura, e ſua-

(3) Fr. Leaõ, Benedictin. Luſit. tom. 2, pag. 15.

e suavidade, que obrigou a cantar delle Manoel de Faria: (4)

De donde ouvindo estava o som Divino,
Que faz correndo o Ave crystallino.

Todas as terras, por onde este rio passa, e vay regando, saõ deliciosas, e elle abundante de barbos muy grandes, e saborosissimos.

52 *Aviz.* Passa este rio pelo termo da Villa de Fronteira com abundancia de peixe,

53 *Azibo.* Com forças medianas discorre pelos limites de Villa Chacim, sete leguas de Moncorvo. Principia no Lugar de Podense, termo de Bragança, e depois de caminhar quasi sete leguas, vay introduzir-se no rio Sabor por sima da ponte de Remondes, limite da Villa de Castro Vicente.

54 *Baça.* Este rio, juntando-se com outro chamado Coa, nasce da parte Oriental de Alcobaça, e fazendo volta para o Occidente, rega por grande espaço os fertilissimos campos de Mayorca, e Ab-

(4) Far. Font. de Aganip. part.4. Eglog.4.

Abbadia, atè que junto da Villa da Pederneira se mergulha no Oceano.

55 *Balocas*. Ribeira, que se mette no rio Alva.

56 *Balsemaõ*. Em distancia de quatro leguas da Cidade de Lamego nasce este rio na serra da Rosa, mas elle o naõ parece; porque tanto que póde correr, caminha furioso, rompendo, e lavrando pedras com tal estrondo, que ensurdece ainda pelo Veraõ, quando leva menos agua. Vay à ponte de Lamego, atravessando o sitio da mayor fertilidade, a que chamaõ da Ribeira, e se mergulha impetuoso no Douro. Antigamente lhe chamavaõ Unguio.

57 *Baroza*. Nasce este rio de dous principios: hum he no monte de S. Joaõ de Tarouca, e nasce muy bravo, mordendo pedras atè a ponte de Mundim, que muitas vezes derruba. Mais para baixo lhe entra outro braço, que nasce em Barcia da Serra, donde chega a Lazarim à ponte de Baroza. Baxa aos campos de Tarouca muito brando, mas muy sorrateiro, porque com esta soncidade sola-

ſolapa terras, e campos muito bons; e os leva. Unido vay a Ucanha adornar a nobre ponte da Torre muy grandioſa, e adiante lhe entra a ribeira de Salzedas, com que em fim morre no Douro.

58 *Barcarena.* He huma ribeira, que naſce por ſima de Melleſſas no termo de Lisboa, e vay eſconder-ſe no mar por baixo do Convento da Cartuxa, onde he recebido em ponte de pedra de hum ſó arco.

59 *Baſto.* No Concelho de Baſto, e na Freguezia de Sant-Iago de Faya corre eſte pequeno rio por breve eſpaço, porque logo para diante morre no Douro.

60 *Beça.* Eſta ribeira corre pela Villa de Monte alegre, onde ſe peſcaõ boas trutas.

61 *Bellaxerim.* Entra eſta ribeira no rio de Alegrete.

62 *Benade.* Ribeira, que deſagua no Minho.

63 *Beſadega.* Ribeira, que entra no Eljas.

64 *Bezelga.* Naſce junto da Villa de Ourem; e correndo mais de legua e meya, vay

vay defcançar no rio Nabaõ por entre Thomar, e Cinceira.

65 *Biturim.* Entra no Douro pela Provincia do Minho.

66 *Borbolegaõ.* He efte hum celebre olho de agua; que nafce na Villa de Grandola, e paffa pela natural ponte dos Ayvados, que fuas mefmas aguas formáraõ gallantemente em huma rocha. Mais para baixo vaõ taõ violentas no fitio chamado Diabroria, que fazem moer a hum moinho entre dia, e noite moyo e meyo de trigo. Nefte olho de agua, que será do tamanho de huma roda de carro, fe lança de alto hum homem à pique, e cravando-fe nelle atè os peitos, o impeto das aguas o faz vir pouco à pouco para fima, atè que arremeça com elle na margem com tanta furia, como fe fora huma leve cortiça. O mefmo faz à qualquer pezado madeiro, que lhe lançaõ. Dentro nelle fe ouve eftrondo como o que faz na cofta o mar bravo. Finalmente vay morrer no Oceano pela Villa de Sines.

67 *Botova.* O nafcimento defte rio

he

he nas ſerras de Albuquerque, e ſe augmenta com as enchentes do Xévora, que naſcendo ao pé da ſerra de S. Mamede, e correndo pelos penhaſcos do monte chamadó dos Sete, paſſa por S. Juliaõ da Codiceira, onde recolhe as aguas do Abrilongo. Deſta ſorte juntos vaõ communicar-ſe ao Guadiana à viſta da Cidade de Badajoz. Deſte rio faz mençaõ Antonino em ó ſeu Itinerario com o nome de: *Budua*.

68 *Brenhas*. He hum ribeiro, que cerca a Villa de Moura.

69 *Cabaça*. Ribeira de Portalegre.

70 *Cabo*: Vem das Caldas, e paſſa por Obidos.

71 *Cabraõ*. He hum pequeno regato, que corre pela Freguezia de S. Lourenço, termo da Villa dos Arcos de Valdevez. Com a pouca enchente, que leva, caminha com arrebatada furia, e paſſando pela ponte de cantaria, a que chamaõ do Rodalho, divide as aguas do Lima, onde finaliza. Criaõ-ſe nelle boas trutas, porèm tambem naõ lhe faltaõ ſanguixugas.

72 *Cabril.* Mette-se este rio no Lima, passando pelo Concelho de Lindoso.

73 *Cadavás.* He ribeira, que fertiliza as hortas no termo da Villa do Sardoal.

74 *Calda.* Corre pela Villa de Monte alegre na Provincia Transmontana, provendo de peixe os seus habitadores.

75 *Cambas.* He pequeno rio, que entra no Zezere.

76 *Campanhaõ.* Entra no Douro.

77 *Campilhas.* Entra no rio Sadaõ muy corpulento em Alvalade.

78 *Caná,* Faz delle mençaõ Macedo. (5)

79 *Canal.* He ribeira da serra de Ossa, donde procede, e enriquece a ribeira de Tera.

80 *Canha,* Rega esta ribeira os valles, e os campos de Montemór o novo, e se submette a duas pontes, huma chamada de Alcacere, e outra de Evora. A esta ribeira foy parar o corpo da gloriosa Virgem, e Martyr Santa Quiteria, a qual

(5) Macedo nas Flor. de Hespanh. cap. 2. excel. 2.

qual lançáraõ os barbaros com huma mó de moinho ao pescoço pelos annos 300. pouco mais, ou menos depois de Christo, cujo corpo sendo achado pelos Christãos, o foraõ occultar em huma cova no sitio de Monfurado, para baixo de hum monte, onde está huma Ermida da invocaçaõ da Santa; mas atè agora está taõ occulto, que ninguem tem dado com elle. Nos fins de Julho de 1738. correo a noticia que hum tal Manoel da Costa Pedreiro, natural da mesma Villa, achára muito por acaso a mó, com que a Santa foy lançada no mesmo rio. Tinha de diametro dous palmos, e de altura seis dedos, e era de pedra branca, com salpicos pretos; mas naõ se assentou em cousa certa.

81 *Caranque.* Passa por Bellas, e fertiliza muitas quintas, hortas, e pomares.

82 *Carbuneas*, ou *Cabruneas.* Nasce na serra de Freixedas do Bispado de Leiria. Diffunde-se atè a Villa de Pombal, onde adiante com o Danços caminha a Soure, e vay finalizar no Mondego.

83 *Carcedo.* Faz menção deste rio Macedo nas Flores de Hespanha, sem dizer onde nasce, ou por onde corre.

84 *Castelãas.* Nasce no Lugar de Cadraço, que fica no Concelho de Guardaõ, e correndo por entre montes, e penhascos, vem a formar o rio Crins, que se mette no Mondego.

85 *Cávado,* a quem os Romanos chamavaõ *Celando*, e Ptolomeu appellida *Çavus*. Nasce nas Asturias, conforme alguns, ou na Serra do Gerez, segundo outros; e precipitando-se ao Valle para receber outras ribeiras, especialmente o chamado *Homem*, cerca, e põe em Peninsula as mesmas terras, por onde passa huma legua de Braga. Rega com suas aguas frigidissimas as Villas de Prado, onde tem ponte; os muros de Barcellos, onde tem outra formosa ponte, e vay acabar no mar por entre Faõ, e Esposende; e de Faõ atè a barra dá huma volta para o Norte quasi do feitio de hum C, e nesta volta quebraõ muito sua força as marés. Vejaõ os curiosos as perguntas, e respostas, que àcerca deste

rio

rio fez o Reverendo Padre Argote. (6) Pescaõ-se neste rio muitos salmões, relhos, e outra variedade de peixe, e se achaõ tambem nelle amatistas, jacintos, e crystaes muy finos.

86 *Cá-vay*. Este rio passa pelo termo de Castello-Branco naõ muy distante da Igreja de N. Senhora de Mercoles.

87 *Caya*. Nasce em Castella na serra de S. Mamede junto do monte chamado dos Sete, termo da Villa de Marvaõ; e correndo pelo meyo dos soutos da Villa de Alegrete, e perto de Arronches, vem separar Campo-Mayor da Cidade de Elvas, e passa pela celebrada ponte de Caya antes de entrar no Guadiana proximo a Badajoz. He esta ribeira muy conhecida, porque sobre a ponte, que alli se levanta, se costuma fazer a entrega das Pessoas Reaes de Portugal, e Castella, que por casamento mudaõ de Reino: assim o vimos em 19. de Janeiro de 1729. nas Reaes entregas das Serenissimas Princezas do Brazil, e das Asturias.

88 *Cay-*

(6) Argot. nas Memor. do Arcebispado de Braga tom. 2. pag. 865.

88 *Cayde.* He hum ribeiro, que nasce no monte de Santo Antonio perto da Villa de Guimarães, e se mette no Celho.

89 *Ceife.* Ribeira, que corre pela Freguezia de Santa Margarida do termo da Villa de Proença a velha.

90 *Cellinho.* Desde o Lugar do Reboto junto a Guimarães corre com o Celho, e se esconde no Lugar dos Sumes, e torna a surgir no Lugar de Sercedelo para se intrometter com o Ave.

91 *Celano.* O mesmo que o *Cávado.*

92 *Celho.* Tem seu nascimento na fonte de S. Torcato perto de Guimarães, e conduzido com o augmento de outros reachos, vay passando triunfante pelos arcos de diversas pontes, a da Madre de Deos, a de Caneiros, a do Miradouro, a do Soeiro, e se vay esconder no rio Ave por baixo da ponte de Servás, conservando sempre o mesmo nome. No Lugar de Penouços deraõ as aguas deste rio de beber às Tropas Portuguezas, e Castelhanas, que se acháraõ na batalha da Veiga das Favas.

93 *Cey-*

93 *Ceyça.* Ribeira, que entra no Nabaõ, e naſce no termo da Villa das Pias.

94 *Cerdeira.* Ribeira, que corre pela Villa de Coja, e entra no Alva.

95 *Ceras*, antigamente *Ceres*. Entra no Nabaõ.

96 *Cerpins.* Entra no Alva.

97 *Ceyra.* Rega as Villas de Goes, e Cerpins, fertilizando ſeus campos, e enriquecendo ſeus moradores de grãos de ouro, que ſuas correntes levaõ.

98 *Chança.* Eſta ribeira fica diſtante meya legua da Villa de Ficalho, e divide por eſta parte o noſſo Reino do de Caſtella.

99 *Chinchas.* Corre ao Norte da Cidade de Elvas por hum ameniſſimo valle povoado de freſquiſſimo arvoredo, hortas, e pomares, e repartindo os montes de N. Senhora da Graça, e do Caſtello. Viſto eſte rio da Cidade, faz huma agradavel perſpectiva.

100 *Chileiros.* Naſce eſte rio na lagoa de Malveira, Lugar da Freguezia de Alcainça, termo da Villa de Cintra; e diſcorrendo pelas margens do monte Malha-

Malhamartello, passa por baixo da estrada Real de Mafra, onde se augmenta com os reachos Sexeira, e Pinheiro, que lhe daõ forças para cortar com mayor efficacia o alto monte chamado de Moncharro. Depois entra pelas terras da Freguezia da Igreja nova, e passa pelos Lugares de Moinhos, Granja, Lage, e Farello, onde recebe as aguas do ribeiro *Bocco* da banda do Sul, e da mesma parte recolhe outro, que nasce na fonte de Danços. Daqui vay caminhando atè o moinho das Peras pardas, onde se lhe introduzem as correntes do rio Mouraõ, e as do Almargem do Bispo. Alli faz hum salto, de cujo impulso formaõ as aguas hum profundo poço, que está sempre provido de muito, e bom peixe; e mettendo-se pelas Freguezias de Chileiros, e Carvoeira, vay atè à Igreja de N. Senhora do Porto occultar-se no mar. Tem este rio mais de quatro leguas de comprido, em cuja distancia fertiliza boas terras, que todas se fabricaõ. Da Mouxeira para baixo vay banhando deliciosas planicies cheyas de muitas vinhas,

que só a Freguezia da Carvoeira dizima hum anno por outro 300. pipas de vinho. Criaõ-se nelle muitos bordallos, mugens, e fataças, que entraõ pela foz, quando se rompe com as cheyas.

101 *Chouchou.* He ribeira, que banha a Villa de Serpa.

102 *Coa.* No Reino temos dous rios deste nome: hum, que corre junto de Alcobaça, e que se préza de dar nome à dita Villa; outro, que nasce na serra de Xalma, porçaõ da da Gata, e entra em nosso Reino por Folgosinho. Outros lhe daõ o nascimento mais perto de Alfayates, e concordaõ em se metter no Douro em Villa-Nova de Foscoa. Os Romanos lhe chamavaõ *Cuda*, e aos povos, por cujas terras passava, davaõ o nome de Cudanos, e Transcudanos. As aguas deste rio saõ boas para tingir lans, e caldear ferro; porèm pessimas para se beber, porque causaõ melancolia, e dores de cabeça.

103 *Cobres.* Nasce esta ribeira pouco abaixo de Castro-Verde, e unindose com o Terges, se vaõ incorporar ambos

bos com o Guadiana, onde perdem o nome.

104 *Corgo.* Naſce perto de Villa-pouca, diſcorre pelos limites de Villa-Real, e vay ſepultar-ſe no Douro abaixo de Canellas, e Poyares. Os Romanos lhe chamavaõ *Corrugo.*

105 *Corona.* Em diſtancia de huma legua de Grandola corre eſte rio pelas raizes da ſerra dos Algares, e ſerve de linha diviſoria dos termos de Grandola, e Alvalade.

106 *Coura.* Corre eſte rio de Naſcente para o Poente, e cerca juntamente com o Minho a Villa de Caminha, e ſe mettem no mar ambos, formando duas barras, e a ilha Inſoa.

107 *Criz.* He hum rio compoſto de muitas ribeiras, o qual paſſando pela Villa de Santa Comba Daõ, ſe mette no Mondego.

108 *Daõ.* Naſce na ſerra de Carapito pela parte do Sul, ficando-lhe da parte do Norte a ſerra da Eſtrella; e dando volta ao Poente, vay ao Caſtello de Penalva com furia baſtante. Faz as extre-

mas dos Bispados Viseu, e Coimbra pelas terras do Concelho de Besteiros, e por baixo da Villa de Santa Comba Daõ, a que dá o nome, se mette no Mondego.

109 *Danças.* Tem sua origem junto da Igreja de N. Senhora da Estrella por sima da Redinha, Bispado de Coimbra. Mistura-se com o Mondego.

110 *Davino.* Tem seu nascimento na serra, que fica para a parte do Sul da Villa de Grandola, e corre do Poente para o Nascente; e junto da Villa, atravessa huma formosa varzea de vinhas, e muitas arvores de fruta, que fazem deliciosa vista, dando por aqui passagem sobre ponte de pedra para o Algarve, e Campo de Ourique.

111 *Degebe.* Rega a Villa de Montoito, sinco leguas distante de Evora.

112 *Deiriz.* Entra no Douro.

113 *Deste.* Nasce assima de Braga huma legua pouco mais, ou menos para a parte do Nascente: rega os arrebaldes de Braga: tem huma ponte de pouca fabrica, e logo adiante se ajunta com o Ave. Antigamente se chamava *Aleste.*

114 *Dou-*

114 *Douro.* Conforme as melhores informações nasce este grande rio nas montanhas de Cantabria junto à Cidade de Soria, cujos povos antigamente eraõ chamados *Duraços*. Surte de huma portentosa lagoa, e descendo por alcantiladas penedias, discorre pelo Reino de Leaõ, onde se lhe aggregaõ o Pisuerga, Carrion, e Tormes. Com este augmento chega a C,amora, e daqui se introduz em Portugal, passando primeiro por Miranda, e Freixo. Logo desce ao Porto, e recolhe os rios Coa, Tua, Pinheiro, Barroza, Tamega, Ferreira, Sousa, e outros, atè ir lançar-se no mar em Saõ Joaõ da Foz. He taõ grande a magestade deste rio, que quando nelle se introduzem as aguas dos outros, posto que opulentos, naõ fazem demonstraçaõ alguma na sua entrada.

115 Em Portugal he dos que naõ admittem ponte, porque sempre corre precipitado, e por isso nunca lha pudéraõ fazer. Só nas Caldas abaixo de Lamego, onde chamaõ os Piares, estaõ sinaes de arcos de ponte, e por naõ se poderem

pro-

proseguir, deixáraõ a empreza. Fertiliza muito as terras, por onde corre, com frutos de todo o genero muy excellentes. Pescaõ-se nelle grande numero de saveis, e lampreas, que na Primavera sahem do mar, e desovaõ pelo rio assima vinte leguas atè Saõ Joaõ da Pesqueira, onde no meyo está hum fragoso cachaõ, que embaraça a passagem para diante. Em tempo de André de Resende intentou o Desembargador Martinho de Figueredo desimpedir este precipicio, e fazer navegavel o Douro mais para sima; porèm encontrou taes contratempos, e resistencia na inveja dos homens, mais duros que o mesmo rochedo, que se deixou da empreza começada.

116 Tem fama de trazer arêas de ouro, e de facto ha pessoas, que no lugar, onde o Tua entra no Douro, vaõ alli gandayar, e naõ de balde, como affirma o grande Argote. (7) O Doutor Francisco da Fonseca Henriques, fallando deste rio, diz, que as suas aguas tem vir-

(7) Argot. nas Antiguid. da Chancellar. de Braga pag. 20.

virtude deobſtruente, porque paſſaõ por muita tamargeira, e aſſim ſaõ uteis para os opillados do baço. Tambem ſe affirma, que a viſta das ſuas aguas cauſa melancolia, e dores de cabeça.

117 *Elja*, ou *Elga.* Corre direito ao Sul, e paſſa por entre Valverde, e Caſtello das Eljas. Divide por dez leguas Portugal de Caſtella, e ſe diffunde no Tejo entre Roſmaninhal, e Alcantara.

118 *Enfeſta.* Pequeno ribeiro, que deſagua no Minho.

119 *Enguias.* Corre eſta ribeira por hum Lugar do ſeu nome, que fica no termo da Villa de Belmonte.

120 *Enxarrama.* He ribeira, que procede das vinhas de Evora, e deſagua no Sado.

121 *Enxurro.* Corre perto da Villa da Pederneira.

122 *Erra.* Rega eſta ribeira os campos de Coruche.

123 *Eſporaõ.* Naſce na Povoa da Margem da parte do Sul do Concelho de Guardaõ, e ſe mette no Criz.

124 *Fervença.* Banha a Cidade de Bragança.

125 *Figueiró.* He ribeira, que se diffunde pela Villa de Niza, e nasce em Alpalhaõ.

126 *Filvida.* Corre pelo Concelho de Sever, e faz parte da divisaõ dos Bispados de Viseu, e Coimbra.

127 *Folques.* He huma ribeira de Arganil, que entra no Alva.

128 *Freixiandas.* Discorre por Alvayazer.

129 *Freixo.* Atravessa este grande ribeiro a mata da Bardeira da Villa do Vimieiro. Corre sempre por penedias, de que procede criar siugulares bordalos.

130 *Fresno.* Mantem, e fertiliza este rio a Cidade de Miranda, a quem cerca pela parte do Occidente, e onde he recebido em ponte de pedra lavrada. Ha aqui proxima huma fonte, cuja agua vem por arcos conduzida do Lugar Vilarinho.

131 *Fulias.* Desagua no Minho.

132 *Gafaria.* Entra no Douro.

133 *Gallego.* Passa pela Villa de Beringel.

134 *Garcia menino.* He hum celebre pego,

pego, cujas aguas enriquecem o rio Sadaõ, e onde ſe acha em todo o anno muito peixe, eſpecialmente as nomeadas tainhas de boca vermelha.

135 *Germunde*. Entra no Douro.

136 *Gobe*. Entra no Guadiana da parte de Portugal.

137 *Grefões*. D. Franciſco Manoel cuida que he o Celando, que nós apropriamos ao Cávado. Veja-ſe o Padre Poyares no Diccionario pag. 347.

138 *Gogim*. Faz eſte rio com ſuas aguas, que banhaõ a Freguezia do Salvador de Sabadim, Comarca de Viana, augmentar grandemente o rio Vez, com o qual ſe encorpora.

139 *Guadiana*. Naſce quatro leguas de Montiel em huma lagoa chamada Roidera na terra de Alhambra; e ſumindo-ſe junto de Argamanſilha, reſurge dalli ſete leguas perto de Daimiel, onde chamaõ os olhos do Guadiana; e correndo de Oriente para Poente, entra em Eſtremadura. Chegando a Medalhim, muda ſeu curſo para Meyo dia atè chegar huma legua antes de Merida, donde torna

ao

125 *Figueiró.* He [illegible]
funde pela Villa de N[illegible]
Alpalhaõ.
126 *Filvida.* Com[illegible]
de Sever, e faz parte d[illegible]
pados de Viſeu, e Co[illegible]
127 *Folques.* He [illegible]
Arganil, que entra n[illegible]
128 *Freixiandas.* [illegible]
yazer.
129 *Freixo.* Atra[illegible]
beiro a mata da Ban[illegible]
[illegible]eiro. Corre ſemp[illegible]
que procede criar[illegible]
130 *Freſno.* [illegible]
[illegible] rio a Cidade de [illegible]
[illegible] pela parte da [illegible]
[illegible]
[illegible]

II. edificar huma torre de trez so- dos com suas janellas, e seteiras, que ndiaõ a passagem do rio. Depois a dou reedificar ElRey D. Manoel, fi- ndo huma das mais galhardas, e for- osas pontes de todo o Reino por sua leza, arquitectura, e fabrica; a assenta sobre os penhascos do rio, naquella parte corre alcantilado so- dezoito arcos, e tudo he passo im- antissimo para soccorrer Olivença; que os passageiros pagavaõ certo di- ito, que jà naõ permanece. No prin- io das ultimas guerras de Castella, que ontecêraõ o anno de 1709. a arruiná- os Castelhanos, mas tornou-se a re- ificar. Fr. Bernardo de Brito na Geo- afia de Portugal, fallando das aguas ste rio, diz, que costumaõ fazer ne- ra a farinha do trigo, que com ellas se oe. Tem ellas virtude diuretica, e de- bstruente, como nos diz o *Aquilegio Medicinal.*

142 *Herdeiro.* Corre este rio chegado aos muros de Guimarães. Traz sua m da fonte do Bom-Nome, que

no Casal, que chamaõ d'Entre as vinhas na Freguezia de Saõ Pedro de Azurey. Tem huma só ponte de pedra lavrada, que chamaõ de Santa Luzia, mais magestosa do que convinha à pobreza das suas aguas. Vay acabar no rocio de S. Lazaro, aonde ajudando-o outro regato, vaõ ambos encorporar-se com o Celho no Lugar do Reboto.

143 *Homem.* Tem seu berço na serra do Gerez, e no sitio chamado *Lamas de homem.* Dalli correndo direito ao Poente precipitado por entre penedias, vay engrossando com os cabedaes de outras ribeiras atè se despenhar estrondosamente na Portela de Homem; donde voltando a corrente para o Meyo dia dentro do espaço de meya legua, torna a enriquecer-se com as aguas de treze rios, com as quaes muito mais poderoso vay desembocar no rio Câvado a huma legua de Braga.

144 *Jarda.* Ribeira bem conhecida no termo de Lisboa, e na Freguezia de Bellas, por onde corre.

145 *Inha.* He huma ribeira muy valente,

lente, que corre de altos precipicios, e onde se criaõ as aguias. Mette-se no Douro.

146 *Jocete*. Mette-se no Guadiana.

147 *Ißna*. Divide os termos das Villas da Certã, e Villa de Rey.

148 *Junqueira*. Rio, que desagua na enseada da Villa de Sines.

149 *Labarcos*. Entra no Douro.

150 *Lamas*. A Geografia Blaviana o assina no Alentejo.

151 *Lampas*. Entra no Guadiana da parte de Portugal.

152 *Laurede*. Tambem entra no Guadiana da mesma parte.

153 *Lavandeiras*. Corre pela Villa de Moura, e lhe faz hum profundo fosso a hum dos seus baluartes, a que dá nome, e se mette no Ardila para ir desembocar no Guadiana.

154 *Leça*. Principia doze leguas assima da foz do Douro. Outros lhe descobrem a origem no monte Corva, e concordaõ em que elle depois de discorrer pelo termo da Cidade do Porto, se vay lançar no mar em Matozinhos, fazendo apra-

aprazîveis os campos, por onde passa. Deste rio tomou nome o Mosteiro de Leça, da Ordem de Saõ Joaõ de Malta, e foy muy celebrado na lyra do insigne Sá de Miranda. Ha nelle trez pontes de pedra boas, e grandes, em Matozinhos, no Mosteiro de Leça, e em Alfena. Alguns AA. equivocaõ este rio com o Celando; especialmente Manoel de Faria, e ainda com o Lethes, chegando a dizer naõ só na Europa Portugueza tom. 3. p. 3. cap. 7. mas na Fonte de Aganipe part. 2. Poema 8.

El Leça, que por hondo, y fresco valle
Corriendo con sociego grave, y blando
Occupa angosta, y tortuosa calle
Con los nombres de Lethes, y Celando;
Pero si del olvido se apellida,
Quien una vez le vê, jà mas le olvida.

Equivocaçaõ, em que tambem cahio Resende, como bem notaõ Joaõ Salgado de Araujo, e o incansavel Academico Dom Jeronymo Contador de Argote na Geografia de Braga.

155 *Lena.* Nasce perto da Villa de Porto de Mós, e caminhando atè Leiria, se

ſe encorpora com o Lis, e ambos ſe vaõ eſconder no Oceano.

156 *Lima.* He rio de grande fama. Naſce nas Aſturias, conforme Eſtrabo, vem por Galiza paſſar a Portugal pela ponte da barca, e Ponte de Lima, atè ir fazer foz propria em Viana. Peſcaõ-ſe nelle, alèm de outros peixes, os grandes ſalmões, e ſolhos. Fr. Bernardo de Brito (9) deduz o nome deſte rio da terra, onde naſce, que he *Limia* em Galiza, a qual ſe chama aſſim por cauſa dos muitos lamarões, e lagoas, que tem, chamadas em Grego *Lymnas*, e em Latim *Lymum*, donde ſe derivou o *Lima* em Portuguez.

157 Pomponio Mella, e Hermoláo Barbaro dizem, que ſe chamou *Belion*, e depois *Lethes*. Aſſim cantou o melliſluo Bernardes na Eglog. 7.

Junto do Lima claro, e freſco rio,
Que Lethes ſe chamou antigamente.

A cauſa deſte nome *Lethes*, que ſignifica eſquecimento, foy pela ſabida deſavença, que entre ſi tiveraõ os Celtas, e os

(9) Brit. Monarq. Luſitan. liv. 2. cap. 4.

e os Turdulos nas passagens das suas margens, chegando a alterar-se em fórma, que matáraõ seu General, de cujo delicto envergonhada a gente, determináraõ logo ausentar-se, impondo ao rio hum nome de esquecimento, para que ficasse desvanecida, e sepultada a memoria de semelhante insulto.

158 Assim permaneceo este nome expressivo do successo, e proprio ao idioma dos Turdulos. Vieraõ depois os Gregos, e os Latinos, e perdida jà a noticia do vocabulo, mas naõ do acontecimento, que por tradiçaõ perseverava, se contentáraõ de lhe chamar rio *Lethes*. De tudo vimos a concluir contra a persuasaõ vulgar, que ainda que o nosso rio *Lima* fosse em algum tempo chamado *Lethes*, nem por isso tem dependencia com o Lethes fabuloso dos antigos, de que fallaõ os AA. abaixo; (10) porque este nome *Lethes* se acha imposto a outros rios illustres, como diz Claudiano: (11)

(10) Virgil. liv. 7. Æneid. Silio Italico liv. 1. Lactancio Firmiano lib. 7. c. 22. de Div. Instit. & alii.
(11) Claudian. liv. 2. de Raptu Proserpinæ v. 218.

(11) e todos os rios, que tem adquirido semelhante nome, he porque houveraõ nelles motivos, ainda que incognitos, de especial esquecimento, e taes saõ os que sinala Estrabo (12) em Macedonia, e em Candia, sem que por este principio haja dependencia, que faça perverter o certo com o fabuloso.

159 Porèm se nos argumentarem com o caso dos Romanos referido por Lucio Floro, (13) que chegando às prayas deste rio, repugnáraõ atravessallo, crendo que se esqueceriaõ das suas patrias, porque estavaõ persuadidos era elle o verdadeiro *Lethes*, respondemos, que este conceito era futil, e aerio; pois Junio Bruto, Proconsul, que os governava, para lhes offuscar o panico terror, que os supprendia, passou-se da outra parte do Lima, e de là recitou muitas cousas particulares de Roma, para que vissem ser falso que aquelle rio fazia esquecer, pois elle atravessando-o, se lembrára do seu Paiz, e dos successos anteriores: e co-

(12) Strab. lib. 10. e 14. (13) Lucio Flor. liv. 2. cap. 17.

como adverte Adaõ Ruperto, commentando Lucio Floro, toda aquella repugnancia dos soldados nasceo da infamia do nome, que lhes offerecia o rio, e naõ de causa, que nelle houvesse para produzir o esquecimento; no que tambem se conforma Isacio Vossio, commentando a Mella pag. 229. contra cujo parecer, mas sem fundamento, está o famoso Caramuel, que no Prologo do seu *Filippe Prudente*, fallando do Lima, attribue às suas aguas serem nocivas à memoria, e que daqui se occasionára a fabula. O certo he, que este rio corre com tal brandura, que naõ só parece que corre esquecido de correr, mas que faz esquecer os olhos, que o vem, de que o vissem correr alguma hora, como galantemente disse D. Francisco Manoel em huma das suas cartas, e o imitou nosso insigne Botelho. (14)

160 *Liria*. He ribeira de Castello-Branco.

161 *Lis*. Nasce no termo de Leiria no Lugar das Cortes, que fica huma legua

(14) Botelh. no 7. do Alfonso est. 31.

gua distante da Cidade. Rodeà-lhe o Castello, e deixando a Cidade, e o Castello à maõ esquerda, vay dobrando contra o Norte, onde estaõ os arrebaldes da Cidade, atè se ajuntar com o rio Lena.

162 *Lixosa.* Passa por Portalegre.

163 *Lobos.* Ribeira, que nasce na serra do Lugar de Bornes, termo de Bragança; e tendo caminhado trez leguas, entra no rio Tua junto a Mirandela.

164 *Lousaõ.* He huma ribeira no termo da Villa de Thomar da parte do Meyo dia, que rega huma formosa, e amena planicie.

165 *Locia.* He hum pequeno regato, q̃ passa pelo meyo da Villa de Amarante.

166 *Lucefece.* Nasce na serra d'Ossa, e correndo junto da Villa de Terena da parte do Norte, fertilizando o Alandroal, se vay metter no Guadiana.

167 *Maçaõ.* Nasce perto da serra chamada Teixeira, e entra no Douro.

168 *Magueja.* Cerca a Villa de Sarzedas.

169 *Marnel.* Discorre pelo lado meridional da Villa de Vouga.

170. *Meimoá.* Rio, que entra no Zezere.

171. *Menda-Marquès.* No termo de Arrayolos, e no sitio da Freguezia de S. Gregorio corre esta ribeira.

172. *Mente*, ou *Rabaçal.* He rio, que nasce perto de Pentes, Lugar de Galiza, e rega o termo da Villa de Monforte, donde caminha para o Tua, no qual se mergulha junto ao Lugar de Chelas em Mirandella depois de caminhar doze leguas. Pescaõ-se nelle boas trutas.

173. *Mesce.* He huma ribeira, que nasce junto do Lugar de Val de prados, termo de Bragança; e correndo perto da Villa de Corticos, passa por huma ponte de dous arcos, para se ir encorporar com o Tua.

174. *Minho.* Para diante do Lima trez leguas ao Norte corre o Minho quasi taõ opulento como o Douro. Estrabo lhe dá o nome de *Benis*. Nasce perto da Cidade de Lugo, e caminhando o espaço de 36. leguas, rega em Portugal as Villas de Melgaço, Monçaõ, Valença, Cerveira, e vem fenecer no mar entre a

Cida-

Cidade de Tuy, e a Villa de Caminha. Dizem que o chamar-se Minho he por causa da cor, que as suas aguas recebem do fundo, que tiraõ hum pouco a vermelho: outros o attribuem ao vermelhaõ, que nasce nelle; porèm Joaõ Salgado na Hydrografia deste rio diz, que se deriva da fonte Minhaõ, onde nasce quatro leguas ao Norte de Lugo. Fallaõ deste rio os Authores abaixo allegados. (15)

175 *Mondego.* Tem sua origem na serra da Estrella; e discorrendo pela Cidade de Coimbra, lhe communicaõ suas aguas fecundidade, e recreyo nos campos, e nos bosques; e depois de banhar todo o terreno, e passar pela famosa, e formosa ponte, vay concluir seu curso, e for-

(15) Plinio lib. 33. cap. 7. Vitruvio lib. 7. cap. 9. Strab. lib. 3. Pompon. Mela lib. 3. cap. 1. Bochart. tom. 2. pag. 626. Nicol. de Santa Maria na Chron. dos Coneg. Regrant. liv. 6. cap. 1. Maced. Poema Ulyssip. cant. 2. est. 80 Joaõ Salgad. nos Success. Militar. pag. 40. D. Francisc. Xavier da Grama no Theatro de Hespanh. tom. 1. pag. 76. Argot. Memor. de Brag. pag. 105. e nas Antiguid. da Chancel. de Brag. pag. 32. e outros, que deixo de allegar.

e formar o porto de Buarcos. Da ſerenidade do ſeu progreſſo ſe lembrou Camões, quando cantou: (16)

Vaõ as ſerenas aguas
Do Mondego deſcendo,
E manſamente atè o mar naõ paraõ.

Falla o Poeta de quando elle corre no tempo do Eſtio; porque no Inverno ſe precipita furioſo, cauſando muitos eſtragos, e ruinas; donde Vaſco Mouſinho veyo a dizer: (17)

Mondego no Veraõ ſereno, e brando,
Turvo no Inverno, bravo, e diſſoluto.
Tè là onde na foz, que vay buſcando,
Paga de ſuas aguas o tributo. (18)

176 *Montijo.* He rio da Villa de Aldea-Gallega. Naſce em hum bom porto huma legua antes que ſe ſepulte no mar: he muy eſpaçoſo, e navegavel quaſi com todo o vento: com baixamar eſpraya, mas

(16) Cam. Canç. 4. (17) Mouſinh. cant. 3. eſt. 38. do African. (18) Veja-ſe a Monarq. Luſitan. p. 4. liv. 4. cap. 18. Joaõ Salgad. Succeſſ. Milit. pag. 106. Corograf. Portug. tom. 2. pag. 2.

mas nem por isso (se for preciso) deixaráõ a toda a hora de receber os seus canaes com segurança as embarcações, que vaõ de Lisboa.

177 *Mós*. He huma pequena ribeira, que corre perto da Villa de Mós. Caminha só quatro leguas antes de se metter no Douro: hum quarto de legua afastado da Villa tem ponte de trez arcos.

178 *Murtigaõ*. Ribeira, que cerca a Villa de Noudar.

179 *Nabaõ*, antigamente chamado *Nava de Juncoso*. (19) Corre este venturoso rio pela Villa de Thomar; e damoslhe o nome de venturoso naõ só porque deo fama, e nome à insigne Cidade de Nabancia, que esteve aqui fundada, e foy regada com suas aguas, mas porque ellas tiveraõ a sagrada prerogativa de conduzirem atè Santarem o bemaventurado corpo da gloriosa Santa Iria, que junto dellas martyrizou o cruel Banaõ por ordem de Britaldo, filho do Governador de Nabancia; donde Fr. Joaõ Felis disse: (20) *Pra-*

(19) Brand. na Monarq. Lusitan. liv. 9. cap. 27.
(20) Fr. Joaõ Fel. na Isagoge pag. 35.

Præcipitat Naban, Irenes Virginis olim,
Qui sacra mærenti corpora vexit aqua.

Nasce elle na fonte do Agroal junto da foz da ribeira das Pias; e entrando com arrogancia pela Villa dentro de Thomar, e pela ponte da Granja, sahe por outra, que fica para o Sul, chamada das Ferrarias; e engrossado com outros reachos, se occulta no Zezere para entrarem ambos no Tejo junto à Villa de Punhete.

180 *Nèiva.* Este rio sahe das montanhas de Avoim, e vem fertilizando os campos da Ponte da Barca, e Ponte de Lima; e depois de se sujeitar a quatro pontes, entra no mar Oceano pela foz, que naõ dista muito de Vianna. Duarte Nunes diz, (21) que este rio se mette no Cávado, para ambos entrarem no mar entre Faõ, e Esposende; porèm outros (22) emendaõ esta equivocaçaõ com a noticia mais certa, que temos expendido; porque as duas povoações de

(21) Duart.Nun. Descripç. de Port. (22) Araujo Success. Militar. liv. 1. cap. 1. Benedictin. Lusitan. tom. 2. pag. 109.

de Faõ, e Esposende ficaõ para a parte do Norte muito mais adiante, donde o rio desemboca.

181 *Niza.* Cerca por hum lado a Villa de seu nome, e nasce na serra de Portalegre.

182 *Naeyme.* Nasce junto da Guarda com dous braços: hum delles na fonte Dorna, que corre ao Poente, víra para o Norte, e depois contínúa ao Nascente; o outro principia no Lugar de Porcas pela parte do Sul, e se mette no rio Coa por baixo da Miuzella: he a informaçaõ, que nos dá Joaõ Salgado de Araujo pag. 108.

183 *Ocreza.* He huma ribeira, que corre junto da Villa de Sarzedas.

184 *Odemira.* Banha Villa-Nova de Mil fontes no Algarve, e a pouco espaço se mette no mar.

185 *Odivelas.* Rega a Villa de Alvito, e corre por baixo de boa ponte de pedra.

186 *Odivor.* Fertiliza pela parte do Norte os campos da Villa das Aguias; e discorrendo pelo termo de Arrayolos;

tem

tem na Freguezia de Santa Anna duas pontes, e dá movimento a ſete moinhos.

187 *Olivença*. Paſſà eſta ribeira pelo termo da Villa de ſeu nome. Alguns dizem, que naſce nas ſerras de Salvaterra, outros nas de Salva Leon; mas ſempre concluem que tem ſua origem em Caſtella, cujas correntes fazem apartar aquelle Reino do noſſo: mette-ſe no Guadiana.

188 *Olho de Pedralva*. He huma pequena ribeira, que naſce de huma fonte no Lugar de Pedralva, termo da Villa de S. Lourenço do Bairro, Biſpado de Coimbra.

189 *Oraós*. He hum dos rios, que banhaõ a Villa de Soure, e vem da Villa de Pombal para ſe metter no Mondego.

190 *Paiva*. Naſce eſte rio em o ſitio de N. Senhora da Lapa; e chegando à Freguezia de S. Martinho do Gaſanhaõ, divide o Biſpado de Lamego do de Viſeu: depois correndo atè o Caſtello de Paiva, perde o nome, entrando no Douro cançado de ter andado doze leguas.

Eſ-

Efcreve delle Jorge Cardofo, (23) donde tirou o que diz a Corografia Portugueza. (24)

191 *Palbas.* He hum rio, que corre por Villar-Mayor, conforme vemos no Mappa de Joaõ Baptifta Lavanha.

192 *Paul.* Rio, que entra no Zezere.

193 *Pega.* Ribeira, que corre perto da Villa de Pinhel, e defagua no Coa.

194 *Pedonde.* Nafce em Arouca abundante de goftofas lampreas, e acaba no Douro.

195 *Pera.* He rio menor que o Zezere, cerca a Villa de Pedrogaõ, e utiliza a de Figueiró com á copia de feu peixe. Defte rio fe lembra Camões. (25)

196 *Pernes.* Efta famofa ribeira deo nome, ou o tomou do Lugar, que fica no termo de Alcanede: he abundante de agua, e affim a communica por muitos moinhos, que anima, e a muitas hortas, e pomares, que fertiliza. A agua da

(23) Cardof. Agiolog. Lufitan. tom. 3. pag. 573.
(24) Cofta, Corograf. Portug. tom. 3. pag. 260.
(25) Cam. Canç. 12. eft. 2.

da levada, que corre mais junto da ponte, dizem, que por intercessaõ de hum Bispo, que por alli passára, lhe infundio virtude para sarar toda a casta de chagas. Cria bom peixe, e desagua no Tejo.

197 *Pias.* Dá esta fertilissima ribeira nome a huma Villa, e nasce em hum lago junto da Ermida de S. Marcos dentro da quinta chamada da Figueira de huns formosos olhos de agua; e costeando a terra de Monchite, se mette no Nabaõ; fertilizando em tal fórma as terras, por onde corre, que lhe faz duplicar dentro de hum anno todo o genero de frutos.

198 *Piodaõ.* Corta pelo meyo o Conselho de Vide de Foz de Piodaõ, e entra no Alva.

199 *Pipa.* Rega pela parte do Norte a Villa da Arruda.

200 *Pisõo.* Pela parte do Oriente da Villa de Langroiva corre este rio, que fertiliza seus campos de paõ, azeite, e frutos.

201 *Ponsul.* De tal fórma cerca a Villa de Idanha a velha, que a reduz a Pe-

Peninsula. Em distancia de huma legua para o Nascente de Castello-Branco tem ponte.

202 *Pontega.* Passa pelas Freguezias de S. Gregorio, e N. Senhora da Consolaçaõ, termo de Arrayolos, e se mette no Odivor.

203 *Quarteira.* Este rio he do Algarve, e corre junto a Faro.

204 *Rabaçal.* He o mesmo que o rio *Mente.*

205 *Ramalhoso.* Ribeiro, que passa pela Villa de S. Vicente, e seu termo.

206 *Regalvo.* Desagua na enseada da Villa de Sines.

207 *Rezes.* Ribeira do termo do Sardoal.

208 *Riba-Pinhel.* Nasce perto da Igreja de N. Senhora da Lagoa: começa sua corrente pelo termo da Guarda encaminhado ao Sul: passa ao termo de Jarmelo direito ao Nascente, e torna a voltar para o Norte por entre Jarmelo, e Castello-Mendo. Vay à ponte de Pinhel, e huma legua adiante entra no Coa.

209 Ri-

209 *Ribeira de Freixas.* He hum pequeno rio, que corre meya legua distante da Villa de Trancozo.

210 *Ribeira dos Gallegos.* Corre pelo termo da Villa de Vinhaes; e junto da Freguezia de Santa Cecilia dos Casares, onde se pescaõ muitas, e boas trutas.

211 *Ribeira da Murta.* No termo de Alvayazere discorre esta ribeira pela Freguezia de S. Pedro do Rego, e divide este termo do da Villa das Pias.

212 *Rio das Maçans.* He huma ribeira, que corre junto à Villa de Collares.

213 *Rio Mourinho.* Passa pelo termo de Montemór o novo, e por junto do Convento dos Religiosos Paulistas, que os provê de grandes pardelhas.

214 *Rio Tinto.* Corre huma legua distante do Porto. Chama-se tinto, porque quando foy a geral destruiçaõ de Hespanha, matáraõ os Cidadãos do Porto tantos Mouros, que o sangue chegou a tingir a agua. (26) Mette-se no Douro.

215 *Saõ*

(26) Benedictin. Lusitan. tom.2. pag.256.

215 *S. Romaõ*. Naſce na Freguezia de Saõ Martinho das Amoreiras, termo de Ourique. Corre pelas Villas de Alvalade, Garvaõ, e termo de Panoyas, atè deſaguar no porto delRey, termo da Villa de Alcacer do Sal.

216 *Sabor*. Naſce por ſima do Lugar de Rabal, que fica na raya de Galiza, mas he termo de Bragança, donde diſta duas leguas. Diſcorre ſempre por altas, e alcantiladas penedias, atè chegar aos confins da Villa de Caſtro Vicente; e depois de ter andado dezaſeis leguas, e obedecer a ſinco pontes, algumas de cantaria, e de perfeita arquitectura, com orgulho deſagua no Douro.

217 *Sacavem*. Eſte rio, que diſcorre pelo Lugar de ſeu nome duas leguas diſtante de Lisboa, deſemboca no Tejo, e faz huma profundiſſima foz, na qual podem entrar os mayores navios deſte porto; e ficando quaſi ao Norte da Cidade, volta contra o Noroeſte, navegando-ſe atè a Mealhada, e da ſua ribeira ſe levantaõ huns montes, que a cultura tem feito aprazìveis, os quaes ſe

vaõ

vaõ estendendo com huma larga volta contra o Poente, levando sempre ao pé hum fundo valle aberto por muitas partes com regatos, que por elle correm. Haverá dous annos que por ordem del-Rey se reformou a barca da passagem deste rio pela admiravel idéa do nosso insigne Maquinista Bento de Moura com grande commodidade para os passageiros.

218 *Sadaõ*, ou *Sado*. Duarte Nunes na Descripçaõ de Portugal ignorou-lhe o nascimento; porèm a verdade he que elle nasce nos confins do Algarve, donde caminhando augmentado com outros reachos, chega a Alcacer do Sal, e vay fenecer, e formar a foz de Setuval. Os Authores Latinos lhe daõ varios nomes, que ajuntou Bluteau no Vocabulario.

219 *Safrins*. Corre em distancia de meya legua da Villa de Ferreira, e a provê de bordalos taõ bons, que se mandaõ dar aos doentes.

220 *Sarmenha*. He huma ribeira, que dista do rio Douro duas leguas, e nasce nas raizes da serra do Maraõ.

221 *Sar-*

221 *Sarrazola.* Caudaloſa ribeira, que banha Benavilla, huma legua diſtante de Aviz.

222 *Seda.* Naſce eſta ribeira nas ſerras de Portalegre, e rega a Villa, a que dá o nome.

223 *Sertima.* Rio, que corre pelo termo da Villa de S. Lourenço do Bairro, e que ſe augmenta com muitos ribeiros, que fertilizaõ o meſmo termo.

224 *Sequa.* Divide, ou corta pelo meyo a Cidade de Tavira, o qual naſcendo do ſertaõ, faz eſte tranſito por huma boa ponte de ſete arcos.

225 *Sever*, ou *Severa.* Tem ſua origem na ſerra de S. Mamede no Alentejo; e com as fontes, que ſe deſpenhaõ das ſerras de S. Braz, e Portalegre, ſe faz copioſo. Deſta ſorte correndo pela Villa de Ouguela, paga ſeu tributo ao Guadiana à viſta de Badajoz, encorporado com o Botova.

226 *Silveira.* Pequena ribeira, que ſe deſpenha da ſerra d'Oſſa da banda do Sul.

227 *Sizandro.* Principia a deſcubrirſe na Sapataria de huma fonte chamada

Sizandro, e vem cercar Torres-Vedras, que para mayor commodidade se vadea com sinco pontes.

228 *Sorraya*. He huma ribeira, que pela parte do Sul banha a Villa de Erra.

229 *Sor*. He huma caudelosa ribeira, que banha a Villa da Ponte de Sor pela banda do Oriente, e se mette no Tejo em Abrantes. Os Romanos fundáraõ aqui huma grandissima ponte, para por ella fazerem a estrada de Santarem para Merida.

230 *Sordo*. Na Freguezia de Santa Eulalia da Comieira do Conselho de Penaguiaõ corre este rio da parte do Norte; e passando pelo Lugar de Relvas, se vay esconder no Corgo.

231 *Sousa*. Nasce junto à Igreja de Moura entre o Mosteiro de Pombeiro, e o de Cramos; e daqui descendo a fertilizar todas as terras, a que vay dando nome por espaço de oito leguas, vay acabar de salto no Douro defronte do Lugar de Arnelas, duas leguas assima do Porto.

232 *Sul*. Rega a Villa de Saõ Pedro do Sul, a que deo nome, e consente vadear-

dear-se com duas pontes de pedra, que mandou fazer o Infante D. Luiz, que foy Senhor do Conselho de Lafões.

233 *Tamega.* He dos principaes rios do Reino. Nasce em Galiza junto da serra do Larouco na fonte, a que chamaõ Tamega, de que herdou o nome. Atravessa grande parte do Minho de Norte à Sul, atè que entra pela Villa de Chaves por huma excellente ponte feita pelos naturaes da Villa em tempo, que governava o Emperador Trajano, como consta do letreiro, que se lê esculpido em hum pilar della, o qual transcreve Grutero, e Argote, (27) e vem a ser:

IMP. CÆS. NERVÆ.
TRAIANO. AUG. GER.
DACICO. PONT. MAX.
TRIB. POT. CONS. V. P. P.
AQUIFLAVIENSES
PONTEM LAPIDEUM.
D. S. F. C.

Quer

(27) Gruter. pag. 162. num. 4. Argot. nas Antiguidad. da Chancel. de Brag. pag. 108. e João de Barr. na Descripçaõ do Minho.

Quer dizer : *Imperatori Cæſari Nervæ Trajano Auguſto Germanico Dacico Pontifici Maximo Tribunitiæ Poteſtatis Conſuli quinto Patri Patriæ Aquiflavienſes Pontem lapideum de ſuo fieri curarunt.*

234 O Doutor Joaõ de Barros infere, que eſta ponte devia ſer feita antecedentemente de madeira, porque a inſcripçaõ diz: *Pontem lapideum*; e como aquella eſtrada era muy frequentada dos Romanos para Braga, mandáraõ fabricalla de pedra. O certo he, que eſta ponte tem jà dezaſeis ſeculos de duraçaõ, e he toda de cantaria muy forte com 93. paſſos de comprido, 26. de largo, e 32. de alto.

235 Paſſa eſte rio pela Villa de Canavezes, e de Amarante, onde tem outra ponte feita, e ordenada pelo Glorioſo S. Gonſalo. Chegando em fim à Villa de Entre ambos os rios, ſe mette no Douro, ſeis leguas pouco mais, ou menos aſſima do Porto; e duas leguas para baixo de Amarante ha outra ponte de cantaria nobre ſobre o meſmo rio, à qual chamaõ de Canavezes, que man-

dou

dou fazer a Rainha Dona Mafalda, filha delRey D. Sancho I. Tem mais a ponte de Cavez muy alta com ſinco arcos. Chama-ſe de Cavez, porque o Pedreiro, que a fabricou, aſſim ſe chamava. Conſta de hum monumento, onde jaz o ſeu corpo, que he no fim da ponte, em que ſe lem as letras da era, em que ſe acabou de fazer, que foy pelos annos de Chriſto 1228. Ha mais a ponte de Mondim, que parece mais moderna do qué as outras; e porque o rio he neſta parte fundo, ſe vay damnificando pouco a pouco.

236 No anno de 1109. aconteceo neſte rio hum admiravel prodigio, que refere a Monarquia Luſitana, e a Benedictina Luſitana, (28) e foy dividirem-ſe ſuas aguas pelo mez de Dezembro para darem paſſagem ao ſagrado corpo do glorioſo Saõ Giraldo, e a toda a mais gente, que o acompanhava, quando lhe foraõ dar ſepultura na Cidade de Braga.

237 Ta-

(28) Brand. na Monarq. Luſitan. liv. 8. cap. 25. Benedictin. Luſitan. tom. 2. pag. 299.

237 *Taveiró.* He ribeira, que banha as Villas da Bempoſta da Beira, e de Caſtello-Novo, e entra no Ponſul.

238 *Tavora.* Origina-ſe de huma fonte chamada de Joaõ Duraõ perto do Trancoſo, e do Moſteiro de S. Franciſco. Augmentado com outros pequenos rios alcança nome; e caminhando para o Norte atè a ponte do Abbade, divide os dous Biſpados de Viſeu, e Lamego. Aviſta Sernancelhe, e o Moſteiro da Ribeira, que he de Freiras de Santa Clara, e com ponte de madeira ſe vay indo direito Nornordeſte ao Villar, e por ponte de pedra ſe diffunde a Fonte Arcada; e voltando outra vez para o Norte, marcha por entre Paredes, e Caſtello de Cabriz atè deſcer ao Moſteiro de S. Pedro das Aguias. Eſtende-ſe a Eſpinhoſa, e vay buſcar ſua ponte de pedra, onde he chamado o poço do fumo. Viſita a Villa de Tavora, e o Lugar de Taboaço, e daqui caminha para o Douro. (29)

239 *Te-*

(29) Joaõ Salgad. Succeſſ. Milit. pag. 108. Cardoſ. Agiolog. Luſit. tom. 2. pag. 714: Santuar. Marian. tom. 3. pag. 172.

239 *Tedo.* Nasce em Caria, onde chamaõ Granja do Tedo. Recebe o ribeiro de Leomil, avista a Villa de Nagoza, e vay ao Douro por baixo de Santo Adriaõ.

240 *Teja.* Provê esta ribeira de peixe a Villa de Nomaõ.

241 *Tejo.* Entre Escritores Gregos, e Latinos foy sempre muy celebrado o Tejo, e por isso alguns lhe daõ a primazia entre os mais rios do Reino. Nasce nas serras de Molina junto da Cidade de Cuenca: outros o fazem natural de Mancha de Aragaõ: outros das serras de Albarracin; e discorrendo pelo Reino de Castella a nova, e Provincia da Estremadura Castelhana, rega os povos de Zurita, Aranjuez, Toledo, Talavera de la Reyna, Almaraz, e Alcantara; em cujo progresso recebe as correntes de muitos rios, principalmente o Henares, Xarama, Mançanares, e Guadarrama; e com cento e vinte leguas de jornada vem por Santarem descançar em Lisboa, fazendo na melhor Cidade o melhor porto do mundo: e se a vulgar fama dos antigos,

tigos, que lhe attribuia arêas de ouro, (30) nos serve sómente hoje de admiraçaõ, e naõ de experiencia, fica semelhante falta bem supprida com os avanços das copiosas riquezas, que todos os annos lhe estaõ entrando pela sua famosa barra nas opulentas frotas dos Brazis.

242 E quando nem isso fora, bastava para estimaçaõ, e riqueza encerrar em si o preciosissimo thesouro do glorioso corpo de Santa Iria, sepultado debaixo de suas aguas defronte de Santarem. Duas vezes foy visto milagrosamente: a primeira, quando o tio da Santa, chamado Celio, com a mayor parte do povo de Nabancia, assim Ecclesiasticos, como seculares, o foraõ ver por permissaõ de Deos, fazendo com que se separassem as aguas, e Celio chegou a abrir o sepulchro, e tirar da Santa parte de seus cabellos, e pedaços da tunica: a segunda no anno 1295. pela Rainha Santa Isabel, e ElRey Dom Diniz, em cuja occasiaõ se abríraõ tambem as aguas para

dar

(30) Catul. Juven. Estaço, Ovid e outros apud Macedo nas Flor. de Hespanh. cap.4. excel.2.

dar passagem à Santa Rainha, e tempo a se fazer hum padraõ de pedra, que indica o sitio do sepulchro, (31) que o Senado de Santarem mandou aperfeiçoar no anno de 1644. Do Tejo escrevem os Authores abaixo allegados. (32)

243 *Temitólas.* He natural de Lumiares, e pela Villa de Armamar se vay direito ao Douro.

244 *Tera.* Tem seu nascimento na serra d'Ossa naquella parte, que olha para Estremoz, e corre junto da Villa de Pavía: tem ponte, por onde se vay para Aviz, e paga seu tributo ao Guadiana.

245 *Terena.* Esta ribeira he a mesma que a Lucefece: dá nome a huma Villa, e mette-se no Guadiana.

246 *Ti-*

(31) Vasconcell. Histor. de Santar. part. 1. liv. 2. cap. 23. (32) Plin. lib. 4. cap. 22. & lib. 33. cap. 3. Mela lib. 3. cap. 1. Ludovic. Nun. Hispan. illustrat. tom. 3. cap. 35. Rodrig. dos Sant. Histor. Hispan. part. 1. cap. 3. Resend. lib. 2. de Antiquit. Vasconcel. Descr. Lusitan. pag. 407. Duarte Nun. Descr. de Portug. pag. 33. Nicoláo de Oliveir. grand. de Lisb. pag. 21. Joaõ Salgad Successſ. Milit. pag. 175. D. Francisc. Xavier de Garma no Theatr. de Hesp. tom. 1. pag. 68. e outros muitos.

246 *Timbella.* Nas ſerras de Carrezedo de Monte-Negro, termo da Villa de Chaves, tem eſte rio o ſeu berço. Fertiliza a Villa de Murça de Panoya, e depois de caminhar oito leguas vay deſaguar no Tua.

247 *Tourões.* Eſta ribeira naſce perto do Lugar de Saõ Pedro do Rio Seco, termo da Villa de Almeida; e vindo ſeparando o Reino de Leaõ, entra no Agueda abaixo de Eſcarigo.

248 *Trogalha.* Corre entre Sarzedas, e Caſtello-Branco, e entra no Tejo.

249 *Trovella.* Fertiliza os Coutos de Correlhã, e o da Feitoſa pouco diſtante de Ponte de Lima.

250 *Tua.* Naſce em Galiza proximo ao Lugar de Pias: corre por Mirandella, onde he recebido em ponte de dezanove arcos de cantaria; e fertilizando muitas terras, vay fenecer no Douro no porto de Foz-Tua.

251 *Vade.* Fertiliza com ſaboroſas trutas o termo da Villa da Ponte da Barca.

252 *Val de Abrahaõ.* Pequena ribeira, que naſce, e deſce da ſerra d'Oſſa da parte do Sul.

253 Val

253 *Val de Lobos*. Ribeira, que passa por hum Lugar da Freguezia de Bellas, e faz animar muitas azenhas, e fertilizar muitos pomares.

254 *Valdouro*. Corre esta ribeira huma legua distante da Villa de Ferreira, e a enriquece de grandes bordallos, e pardelhas.

255 *Valla*. Discorre junto da Villa de Mayorga, e com prejuizo de hum formoso campo, que pelo Inverno padece suas inundações.

256 *Varche*. Meya legua distante da Cidade de Elvas corre este ribeiro pelo valle de seu mesmo nome.

257 *Varzeas*. Faz dividir Melgaço de Galiza pela parte do Oriente, e desagua no Minho.

258 *Vascaõ*. Corre por Alcoutim, e entra no Guadiana.

259 *Vez*. Banha este rio primeiramente o Val de Poldros, termo da Villa dos Arcos, onde nasce nas montanhas de Penela; e continuando seu caminho pelos campos de Valdevez, a que dá nome, vay logo perdello dahi a huma

legua;

legua, por ſe miſturar com o Lima junto de Saõ Pedro do Souto, poſto que jà caudeloſo com os muitos regatos, que entraõ nelle.

260 *Vellarva.* He huma ribeira, que rega o Lugar de Santa Juſta, que fica no termo da Alfandega da Fé, onde deſagua a ribeira Alvar.

261 *Velariça.* Naſce na ſerra de Montemel aſſima do Lugar da Burga, termo de Bragança. Deſpenha-ſe pela ſerra atè parar em hum valle, a que dá o nome, e por elle detido o eſpaço de ſeis leguas, fertiliza todo aquelle terreno baſtantemente. Depois vay pagar o tributo ao Sabor meya legua aſſima do Douro.

262 *Vereza.* No ſimo da ſerra da Gardunha naſce eſta ribeira, e vem logo refreſcando o Lugar do Louriçal, que fica no termo da Villa de S. Vicente, e vay aviſtar Caſtello-Branco, paſſando por boa ponte.

263 *Videgaõ.* Paſſa eſta ribeira naõ muy diſtante da Villa de Cabeço de Vide, fertilizando muitas hortas, e pomares.

264 *Vide.* Cerca esta ribeira a Villa de Castello de Vide.

265 *Vizella.* Forma-se de trez regatos, que nascem no Conselho de Monte-Longo; e lavando com suas aguas a Aldeya de Arricanha, se mistura com o Ave, e perdem ambos o nome, mergulhando-se no mar pela Villa do Conde. Alguns lhe chamaõ *Avizella.* Delle cantou Manoel de Faria: (33)

Corre el Visela amado
Progresso sonoroso
O crystallino parto de una peña,
A ser favor de un prado.

266 *Unhaes.* Pequeno ribeiro, que passa pelo pé da Villa de Alvares, e se mette no Zezere.

267 *Vouga.* Assinaõ o nascimento deste rio na fonte da Senhora da Lapa, ou na serra de Alcoba. Daqui vem descendo ao Mosteiro de S. Bento, que ha em Ferreira de Aves, pela parte do Poente; rega muitos Lugares, atè que misturado com os rios Sul, e Agueda, entra

(33) Far. Font. de Aganip. part. 3. Canç. 5.

entra em Aveiro com baſtante ſoberba, ſegundo diz Fr. Joaõ Felis na Iſagoge:

Amnibus innumeris, Agathoque ſuperbus in æquor
Piſcoſo latè gurgite Vacca fluit.

268 *Xewer*, *Xevera*, *Xeverete*, e *Xola*. Saõ ribeiras, que procedem da ſerra de Portalegre.

269 *Xudruro*. Ribeiro, que naſce na fonte Freja do Conſelho do Guardaõ, e fertiliza muito o Lugar de Janardo.

270 *Zacharias*. Com eſte nome corre huma ribeira pelo termo da Villa de Alfandega da Fé ſujeita a huma ponte de quatro arcos, e tem ſeu naſcimento na ſerra de Sambade, que outros chamaõ de Montemel. Tendo corrido ſeis leguas, vay acabar no rio Sabor junto do Lugar dos Picões.

271 *Zezere*. A eſte rio chama Camões caudeloſo, e na verdade o he com as enchentes de outros, que entraõ nelle. Naſce na ſerra da Eſtrella ſobre a Villa de Manteigas pela parte de Levante; e dando volta ao Poente, recebendo varios rios, e ribeiros, enfadado da jorna-

da

da ſe vay a Sudoeſte, e ſe torna para o Sul receber outros reachos, e dá entrada ao Nabaõ, que com o ribeiro da Cortiça, e regatos daquelles montes fertiliza Thomar. Vay finalmente acabar em Punhete, mergulhando-ſe no Tejo com tanto impeto, que na diſtancia de mil e quinhentos paſſos ainda conſerva a meſma cor azul, e ſabor doce das ſuas aguas, como bem adverte o ſempre ſaudoſo Padre Antonio dos Reys. (34)

(34) Reys nas Not. 127. in Epiſt. ad Jamet.

CAPITULO VIII.

Das Fontes mais notaveis.

1 NEſte Capitulo fazemos ſó memoria daquellas fontes, que por alguma particularidade ſe fazem dignas de admiraçaõ; pois ſeria intentarmos hum quaſi impoſſivel querer dar noticia de todas as que circulaõ por noſſas terras, ſendo verdadeiramente innumeraveis.

taveis. Nós em outra obra (1) jà referimos algumas, e o Doutor Francisco da Fonseca Henriques em seu curioso *Aquilegio* faz mençaõ de outras. Repetiremos outra vez as mais singulares, pois que assim o pede o assumpto, e a ordem, que seguimos, nomeando primeiramente para mayor clareza as terras, donde emanaõ, e onde correm.

2. *Abrantes*. Na distancia de quatro leguas desta Villa sobre a ribeira de Sor ha huma fonte, a que chamaõ da Fedegosa, a qual nascendo em mineral de enxofre tem qualidades frescas, e sara muitos achaques, que peccaõ em quentura. E no seu termo junto da Ermida de nossa Senhora do Tojo ha outra fonte de taõ excellente agua, que a mandaõ buscar para os doentes beber: e accrescentaõ os moradores huma cousa totalmente incrivel; e he, que havendo algumas differenças sobre quem ha de encher primeiro, visivelmente se diminue a agua na mesma fonte. (2)

3 *Aguiar*

(1) Recreaçaõ Proveitosa part. 1. pag. 309. & seq.
(2) Corograf. Portug. tom. 3. pag. 190.

3 *Aguiar de Sousa.* Na Freguezia de S. Mamede de Val-Longo ha no mais alto da montanha hum poço muy profundo, que de Inverno secca-se, e de Veraõ tem tanta abundancia de agua frigidissima, que serve naõ só de regalo à gente, mas tambem aos milhos, que com ella se regaõ.

4 *Alandroal.* A fonte desta Villa he memoravel pela grande copia de agua, que expulsa, a qual dizem que se lhe communica de hum rio subterraneo. Formou aqui a natureza huma larga concavidade, a que os moradores chamaõ *Algar*, em cujo fundo se acha hum poço com bocal feito ao picaõ, e delle sahe huma levada de agua muito grande. (3) Nesta mesma Villa na estrada, que vay para Terena, ha outra fonte, que naõ corre de Inverno, senaõ no Estio. (4)

5 *Alcanede.* No termo desta Villa, e no Lugar dos Amiaes debaixo corre huma fonte, que bebendo da sua agua qualquer pessoa, que tiver sanguixugas na

O gar-

(3) Novaes na Relaçaõ dos Bisp. de Elv. (4) Fonseca, Aquileg. pag. 194.

garganta, immediatamente lhas faz expellir, e se comprova com muitas experiencias.

6 *Aljustrel.* Em distancia de meya legua desta Villa, chegado à Ermida de Saõ Joaõ do Deserto, ha huma fonte de agua taõ azeda, que ninguem a bebe, nem ainda os animaes; porèm tomada como medicina, serve de excellente vomitorio, e boa para lançar fóra cezões.

7 *Almada.* Nesta Villa ha huma fonte, cuja agua tem conhecida virtude para os achaques de pedra, e arêas. (5)

8 *Amarante.* No campo chamado da Feitoria, que fica defronte do Convento de S. Gonsalo desta Villa, brota huma fonte abundantes aguas, que tambem tem notoria analogia, e semelhante virtude à de Almada.

9 *Ançaõ.* Nesta Villa se acha huma fonte, que lança de Veraõ agua frigidissima, e pelo Inverno tepida. Tambem por experiencia se tem observado, que a sua agua bebida facilita os partos, e pre-

(5) Duart. Nun. Descripç. de Port. pag. 31. Vasconcell. ib. pag. 404.

preſerva dos achaques de pedra, e outras enfermidades.

10 *Armamar.* Huma fonte ha no termo deſta Villa, que tem virtude as ſuas aguas para varias enfermidades. No ſitio, onde naſce, ha muitas pedrinhas quadradas ſemelhantes àquellas, que vem dà India, e ſe attribue, que a virtude, que tem a agua, ſerá communicada das pedras.

11 *Batalha.* Perto deſta Villa ha huma fonte no Lugar das Brancas, cuja agua com facilidade, e em breve tempo ſe tranſmuta em ſal.

12 *Beſteiros.* Fica eſte Lugar no termo da Villa de Anciães, e aqui exiſte huma fonte de agua taõ delgada, que com ella naõ ſe póde fabricar azeite.

13 *Braga.* Em diſtancia de hum quarto de legua deſta Cidade, na quinta dos Religioſos de Santo Agoſtinho corre de huma fonte agua taõ fria, que no tempo mais ardente do Veraõ mal ſe póde aturar a maõ dentro della nem ainda em quanto ſe reza huma Ave Maria; e em poucos minutos reduz a vinagre hum

frasco de vinho, se o metterem dentro della.

14 *Bragança.* Alèm de outras fontes, que ha nesta Cidade notaveis, ha huma na quinta de Val de flores, que a sua agua he efficacissima para facilitar a digestaõ, e abrir a vontade de comer.

15 *Cadima.* Ha aqui neste Lugar, que fica em distancia de Tentugal duas leguas, a celebre fonte chamada *Fervença*, de que fallaõ muitos Authores, (6) a qual sorve quanto lhe deitaõ dentro da voragem, que sempre está em contínua fervura. A causa deste fenomeno he, porque alli ha alguma occulta cataracta, ou precipicio, como bem explica o doutissimo Feijó. (7)

16 *Caldezes.* Fica este Lugar no Conselho da Povoa de Lanhoso, e tem huma fonte chamada do Tojal, da qual sahem misturadas com a agua muitas pedras

(6) Monarch. Lusit. tom. 1. liv. 2. cap. 5. Resend. lib 2. de Antiq. Duart. Nun. Descripç. de Portug. pag. 30. Costa, Corograf. Portug. tom. 2. pag. 85. Caram. no seu Philipp. prud. Proem. §. 1. num. 3. Plinio lib. 2. cap. 103. (7) Feijó, Theatr. Critic. tom. 9. pag. 43.

dras quadradas, como jà dissemos das de Armamar, e que tem a mesma virtude alexifarmaca.

17 *Cano.* Junto desta Villa ha huma fonte, a que chamaõ dos Olhos, porque em seu nascimento està sempre a agua fervendo, e tem a particularidade de converter sua agua facilmente em pedra as cousas, que lhe lançaõ dentro.

18 *Castello de Vide.* Entre a grande quantidade de fontes, que regaõ esta Villa, pois passaõ de trezentas, ha especialmente huma no arrebalde, que chamaõ da Mealhada, com a excellente virtude de livrar de dores nefriticas aos que costumaõ beber da sua agua: e no termo da Villa do Outeiro ha outra, que dizem ter a propriedade, e natureza do vinho.

19 *Covilhã.* Na cerca dos Religiosos de Saõ Francisco desta Villa està huma fonte de agua frigidissima, e jà tem acontecido algumas vezes acharem convertido em vinagre o vinho, que mandavaõ aqui resfriar.

20 *Envendros.* Existe huma fonte no

sitio

ſitio do Alpalhaõ, termo deſta Villa, cuja agua ao naſcimento he ingrata ao goſto, mas eſtando em caſa, ſe faz de bom ſabor. Attribuem os moradores, que a cauſa de ſe viver aqui muito, e com ſaude, procede da boa qualidade deſta agua.

21 *Ervedal.* Quaſi chegado à eſtrada, que vay do Ervedal para Benavilla, termo de Aviz, corre huma fonte, que no mez de Outubro ſecca-ſe, e vindo Março torna a correr, e dura todo o Eſtio, por mais ardente que ſeja. Reduz tambem a pedra quanto lhe deitaõ dentro. (8)

22 *Eſtremoz.* A fonte da Lagoa, que ha na herdade dos Alens no termo deſta Villa, tem a meſma analogia que a antecedente, pois ſecca-ſe de Inverno, e corre de Veraõ.

23 *Ferreirim.* Huma legua diſtante de Lamego, na cerca do Convento de Santo Antonio de Ferreirim, ha huma fonte de agua taõ fria, que tambem converte promptamente o vinho em vinagre.

24 *Frei-*

(8) Leit. nas Miſcelan. pag. 347.

24 *Freixeda*. Este Lugar, que fica no termo de Miranda, comprehende com admiraçaõ huma fonte de agua muito fria, e taõ corrosiva, que consome no espaço de meya hora a carne, que se lhe lança dentro, deixando os ossos esbrugados.

25 *Grandola*. Da serra dos Algares, que dista huma legua desta Villa, manaõ dous olhos de agua com duas propriedades bem contrarias, sendo irmans no nascimento; porque as que sahem para a parte do Sul saõ excellentes, e as que correm para o Norte naõ ha quem as possa beber, e por isso lhe chamaõ agua azeda. De outro olho de agua, que sahe com mayor abundancia, se tem observado, que toda a terra, que banha a sua corrente, fica infrutifera, deixando tambem hum fortissimo gelo, por onde passa.

26 *Guarda*. Por baixo da Cruz da Faya nos limites desta Cidade emana huma fonte de agua fria com qualidades taõ nocivas, que passaõ a mortiferas.

27 *Guardaõ*. Fertilissimo he este Conselho de aguas admiraveis: tal he a

fonte

fonte da Pipa; junto da Povoa da Longera, a do Lugar das Paredes, a fonte das Amexieiras, a chamada das Donas, e outras de ſingular qualidade, que refere a Corografia Portugueza. (9)

28 *Guimarães*. Afaſtado da Villa para o Sul fica a milagroſa fonte de Saõ Gualter, cuja virtude para varias enfermidades faz attrahir muita gente, que ou bebendo, ou lavando-ſe em ſua agua, experimentaõ conhecida melhoria.

29 *Marmellos*. He eſte hum Lugar, que fica no termo da Villa de Lamas de Orelhaõ, onde exiſte huma fonte de igual virtude curativa de varias enfermidades, que a experiencia tem moſtrado infallivel.

30 *Maſſouco*. Junto da Igreja Matriz deſte Lugar, que he do termo da Villa de Freixo de Eſpadacinta, ha huma fonte, a que chamaõ do *Xido*, a qual principia a correr do mez de Março por diante: e tem os moradores feito obſervaçaõ, que ſe o anno ha de ſer fertil, expulſa muy pouca agua; e quando ha de

(9) Corograf. Portug. tom. 2. pag. 192.

de ser esteril, brota com abundancia; e desta fórma vem a ser hum quasi repertorio para as gentes daquelles contornos.

31 *Monchique*. Com a mesma propriedade ha outra fonte neste Lugar, que fica no Algarve, a qual em Dezembro totalmente se secca. De igual singularidade se admira outra em Monforte meya legua distante da Villa, a qual se secca no mez de Setembro, e em Mayo torna a rebentar com grande torrente. Em Monsanto tambem corre outra com as mesmas circumstancias do tempo.

32 *Olmos*. A fonte chamada do *Gogo*, que fica no termo desta Villa, lança agua de fórma, que faz fio como clara de ovo, e affirma-se ter virtudes medicinaes.

33 *Ouguella*. Bebem os moradores desta Villa a agua de huma fonte, que dizem naõ cria cousa viva dentro em si, senaõ sómente rans. Saõ presentaneas para matar sanguixugas, e lombrigas. Se por acaso, ou inadvertencia põem a cozer legumes com esta agua, he escusado gastar tempo, porque nunca os coze.

34 *San-*

34 *Santarem.* Nos limites desta Villa, e no Lugar de Rio-Mayor ha hum olho de agua salgada seis leguas distante do mar.

35 *Sardoal.* Aqui ha a fonte de Penha, que tem a circumstancia de naõ correr, senaõ tambem de Veraõ, e seccar-se pelo Inverno. Tal he a providencia de Deos.

36 *Serra da Estrella.* Emana do sitio chamado Valderosim huma fonte de agua taõ fria, que em pouco espaço de tempo transmuta em vinagre o vinho, quando o querem resfriar.

37 *Setuval.* Tem a praça desta Villa huma formosa fonte, cuja agua he petrificante, por isso o seu aqueducto he aberto, para se desintupir desembaraçadamente.

38 *Thomar.* Em a Freguezia dos Formiguaes, que he do termo desta insigne Villa, e no Lugar da Quebrada rebenta de Inverno huma fonte com alguns olhos de agua, pelos quaes sahem alguns ouriços de castanha, naõ havendo dalli a trez leguas castanheiros.

39 *Valverde*. Só em dia de S. Joaõ Baptiſta lança agua huma fonte chamada por eſte motivo *Santa*, que exiſte neſte Lugar do termo da Villa da Alfandega da Fé.

40 *Vinhaes*. Affirma-ſe que a melhor agua, que ha no mundo, exiſte no rocio deſta Villa em huma fonte admiravel. Por mais que ſe beba della, nunca offende o eſtomago, e facilita muito a excluſaõ de arêas, e pedra.

41 *Urros*. Chamaõ à fonte, que ha neſta Abbadia da Comarca da Villa de Moncorvo a fonte Santa, porque dizem que Santo Apolinario a fizera rebentar neſte ſitio, e muita gente ſe aproveita de ſuas aguas para algumas moleſtias, uſando dellas com fé: mas naõ conſiſte aqui ſó a maravilha, porque eſtando huma legua diſtante do Douro, ſe communica de ſorte com elle, que tambem ſe altera, quando elle ſe enſoberbece.

42 Com eſtas, e outras innumeraveis fontes enriqueceo a providencia Divina eſte noſſo terreno, encontrandoſe pelas Provincias do Reino aguas nati-

vas de exquisitas propriedades, que se a alguns dos Leitores ou estranhos, ou forasteiros fizerem duvida, offerecemos a fé, e o credito dos mesmos naturaes, que o affirmaõ, quando a verdade desta sincera narraçaõ naõ baste; pois o nosso objecto por agora naõ attende a sondar, nem a averiguar os occultos arcanos da natureza, como cousa impropria ao intento Geografico.

CAPITULO IX.

Das Caldas.

1 DA abundancia das aguas saudaveis procede o beneficio dos banhos, ou Caldas, de que o Reino tambem goza, de cujo assumpto supposto escrevêraõ alguns dos nossos, (1) daremos informaçaõ das mais especiaes; por naõ defraudarmos deste apontamento o nosso Mappa.

2 *Al-*

(1) Jacob de Castr. Histor. Medic. Fonsec. Aquileg. Medicin. Curv. na Polyanth. &c. Vasconcel. Descript. Lusitan. pag. 402. Duart. Nun. cap. 12.

2 *Alcafache*. Huma legua de Viſeu, e no termo de Azurara naſcem de huma fonte, que eſtá chegada ao rio Daõ, aguas ſulfureas, que fazem o meſmo effeito com ſua virtude medicinal como as de S. Pedro do Sul, ainda transferidas para outras partes diſtantes.

3 *Alvor*. Afaſtado quatro leguas deſta Villa no Lugar de Monchique eſtaõ huns banhos medicinaes, onde ſe foy curar ElRey D. Joaõ II. de huma hydropezia.

4 *Anciães*. Junto ao Lugar do Pombal, termo da Villa de Anciães, ha humas Caldas, que naſcem de huma fonte em ſerra aſpera, e as ſuas aguas ſaõ ſulfureas, que tomadas em banhos ſervem para debilidades de nervos, eſtupores, vertigens, e outros achaques deſta claſſe: ha occaſiões, que a experiencia tem moſtrado baſtar ao doente hum ſó banho para ſarar de todo.

5 *Aregos*. No Conſelho de Aregos, Comarca de Lamego, ha muitas Caldas da meſma natureza que as referidas.

6 *Caſcaes*. As Caldas deſta Villa eſ-

taõ na quinta do Eſtoril junto ao Convento dos Religioſos de Santo Antonio: naſcem de trez olhos de agua, e ſervem para parlezias, rheumatiſmos, convulſões, e para todas as queixas eſpurias, e de calor.

7 *Chaves*. Para achaques frios de nervos ſaõ eſtas as melhores Caldas do Reino. Naſcem entre a muralha da praça, e o rio Tamega: procedem de mineraes de enxofre, caparroſa, ſalitre, e pedra hume. Os Romanos uſavaõ muito dellas para as ſuas moleſtias.

8 *Covilhã*. No termo deſta Villa, e no Lugar chamado Unhães da ſerra ha Caldas procedidas de huma fonte de agua ſulfurea, preſentanea para achaques frios de juntas, e nervos.

9 *Evendros*. Debaixo de hum penedo neſta Villa brota hum chorro de agua mais que tepida, a qual tomada em banhos tem grande virtude para achaques frios, e cutaneos.

10 *Favayos*. Eſtaõ no termo deſta Villa humas Caldas, que naſcem de mineraes de enxofre, e uſaõ os naturaes

dellas

dellas para quaesquer moleſtias, que padecem, porque para todas encontraõ virtude naquellas aguas.

11 *Gerez.* Neſta ſerra ha algumas aguas calidas, e ſulfureas, que tem preſtimo para achaques frios de nervos.

12 *Guimarães.* Eſtaõ eſtas Caldas na Freguezia de S. Miguel, diſtante huma legua da Villa, e ſe compõem das aguas calidas, que naſcem de huma fonte por ſete olhos: applicaõ-ſe a achaques frios.

13 *Lagioſa.* No areal do rio Daõ, que corre por eſta Freguezia duas leguas afaſtada de Viſeu, ſe acha em qualquer parte delle agua tepida, e ſulfurea, tomando muita gente os banhos na abertura de covas, que coſtumaõ abrir na meſma arêa, e ſaõ admiraveis para frialdades.

14 *Leiria.* Brotaõ no rocio deſta Cidade duas fontes, que parecem huma ſó pela uniaõ, e lançaõ dous tornos de agua differentes, porque hum he frio, outro tepido, e delles ſe formaõ as Caldas, boas para achaques frios.

15 *Lisboa.* Entre os chafarizes del-

Rey

Rey, e dos Páos estaõ estas Caldas, chamadas vulgarmente os banhos das Alcaçarias: saõ estas aguas admiraveis para intemperanças quentes das entranhas, e mais partes do corpo. A continuaçaõ dos enfermos, que a ellas concorrem sempre, acreditaõ muito o seu prestimo.

16 *Longroiva*, e *Monçaõ*. Participaõ estas Villas de suas Caldas admiraveis para enfermidades frias, e para convulsões, estupores, parlezias, e vertigens.

17 *Obidos*. Chamaõ-se os banhos, que ha junto desta Villa, Caldas da Rainha, porque a Rainha Dona Leonor, mulher delRey D. Joaõ II. mandou fazer alli Hospital para os enfermos se curarem. Vem as suas aguas por mineraes de enxofre, e salitre, infundindo-lhe tal virtude para differentes achaques, como a experiencia frequentadissima o publica. ElRey D. Joaõ V. tomou aqui banhos em Agosto de 1742. com a assistencia de toda a Corte, e continuou nos dous annos seguintes para remedio do ataque da parlezia, que lhe debilitou a parte esquerda.

18 *S. Pe-*

18 *S. Pedro do Sul.* Tambem estas Caldas saõ famosas. Ficaõ trez leguas distantes de Viseu, e se compõem de aguas sulfureas, e nitrosas, e taõ calidas, que mettendo-se no lugar, onde nascem, qualquer animal, logo o pellaõ. Servem para estupores, parlezias, e outros achaques. ElRey D. Affonso Henriques tomou aqui banhos; e delles ha huma Descripçaõ impressa em livro de quarto muito boa, e erudita.

19 *Penagarcia.* Na Comarca de Castello-Branco, e na raiz da serra de Penagarcia se admiraõ varias fontes de agua tepida com a prodigiosa virtude de sarar varias enfermidades, ou bebida, ou applicada em banhos.

20 *Penaguiaõ.* Neste Concelho ha Caldas sulfureas, que remedeaõ achaques frios de nervos.

21 *Ponte de Cavez.* Ao pé desta ponte ha hum nascimento de agua com a mesma virtude, que as que nascem de mineraes sulfureos.

22 *N. Senhora do Pranto.* No termo da Villa de Montemór o velho, e no Lu-

nia, (3) comparando sómente Santarem com Sicilia, naõ quiz que esta Villa cedesse àquelle Reino na fecundidade deste producto. Esta abundancia naõ só de Santarem, mas de outras muitas terras nossas puderaõ os naturaes experimentalla da mesma sorte presentemente, se naõ houvera tanta extracçaõ de farinhas para as Conquistas, e houvera mais applicaçaõ para a agricultura. Tambem este ponto he muy lamentado pelos zelosos da patria. (4)

3 A verdade he, que temos muitas terras baldias, que se quizeramos aproveitar-nos dellas, cultivando-as, dariamos trigo a todo o mundo. No Reino do Algarve ha grandes valles, e fertilissimos, porèm devolutos. No Alentejo há charnecas, que nunca viraõ arado, nem enxada, e por causa da ociosidade se achaõ infrutiferas, que de si o naõ saõ; e neste sentido se deve entender o Padre Mariana, que chama a esta Provin-

(3) *Jactitet se Cereris dono Sicilia, nihil video cur Santareno præferantur.* (4) Duarte Nun. Descr. de Portug. cap. 34.

vincia esteril. (5) Na mesma Provincia, e no sitio das Vendas Novas, que he terreno de arêa solta, e atè aqui tida por infrutifera, desde que ElRey, que Deos guarde, mandou fabricar alli hum grande Palacio no anno de 1728. se principiou a plantar vinhas, pomares, e hortas muito boas, de que se colhe grande renda.

4 Certo Author (6) diz, que se abrirem o lamaraõ de Sacavem atè Alverca com valos por dentro, e fizerem diques pela parte do rio, dará paõ para meya Lisboa, e linho canamo para enxarcias, e amarras. O mesmo se poderá fazer em outras muitas partes do Reino, onde se achaõ lamarões, sapaes, e terras alagadiças, tomando o exemplo dos Romanos, Venezianos, e senhores de Ferrára, os quaes, como diz Botero, (7) assim o executáraõ com as lagoas Pontinas,

(5) P. Marian. Histor. de Hesp. liv. 10. p. 1. cap. 13.
(6) Luiz Mendes de Vasconcel. no Sitio de Lisb. O A. dos Serões do Principe part. 1. disc. 6. §. 9. Sever. de Far. Notic. de Portug. disc. 1. (7) Boter. de Ration. Stat. lib. 8.

nas, campos de Polesene, e valles de Comachio em grande proveito de seus vassallos, e interesse dos direitos Reaes. Deste projecto se aproveitou em outro tempo ElRey D. Sancho I. que se honrou muito de ser chamado o Lavrador, (8) e o mesmo cuidado teve ElRey Dom Joaõ II.

5 Sem embargo de toda esta negligencia, ou ociosidade, que naõ he defeito das terras, mas dos homens, se naõ houvera tanta gente superflua estrangeira, que habita em nosso Reino, e a grandeza de herdades particulares, teria elle para os naturaes paõ superabundante, e do melhor da Europa, principalmente do Alentejo, e termo de Lisboa, onde vemos ainda assim as melhores tercenas, ou celeiros de toda a Europa com o provimento deste vivere. Nas outras Provincias, onde naõ ha tanta abundancia de trigo, suppre o milho, a castanha, a cevada, e o centeyo, de que fazem farinha, e se sustentaõ.

6 *Azei-*

(8) Nun. na Vid. de Sancho I.

6 *Azeite.* He tanta a abundancia de azeite, que efcufamos repetir o que nefte particular affirmaõ noffos Efcritores, (9) principalmente da fertilidade, e bondade, que ha defte genero em Santarem, Abrantes, Thomar, Torres-Novas, Montemór o novo, Coimbra, Evora, Moura, Elvas, Béja, termo de Lisboa, e na Torre de Moncorvo, onde fó o dizimo importa mais de feiscentos almudes, gaftando-fe na fabrica do fabaõ dous mil cantaros, e provendo-fe Galiza, e outras terras de Caftella do muito, que daqui levaõ.

7 *Vinho.* Defte producto foccorre o noffo Reino à muitos dos eftranhos, principalmente das partes feptentrionaes, porque aos Portuguezes lhes he impoffivel dar confumo à grande copia de vinhos, que todos os annos recolhem das Provincias, fendo os mais gabados os de Alvor, Béja, Beringel, Villa de Frades, Vidigueira, Cuba, Peramanca, Al-

(9) Duart. Nun. Defcripçaõ de Portugal cap. 25. Fr. Nicol. de Oliv. grand de Lisb. tract. 1. cap. 4. Macedo nas Flor. de Hefpanh. cap. 3. excel. 4.

Alcouxete, Almada, Caparica, Carcavelos, Camarate, Oeiras, Orem, Lamego, Monçaõ, deixando os da Beira, e Tràs os Montes taõ excellentes, que os naõ tem melhores todo o mundo, ſendo todos eſtes ordinariamente bem encorpados, e com eſpecialidade os tintos, que tem força para lotar os outros. Os Francezes, e Inglezes goſtaõ muito dos vinhos chamados de barra a barra; porque dizem, que ſaõ mais delicados, e menos cubertos, (10) e por iſſo conduzem muitos de Almada, e outras terras daquella banda para as ſuas, naõ deixando de ſe admirar de que nós naõ eſtimemos a Baco tanto como elles, e que as fontes ſejaõ ordinariamente as que nos tiraõ a ſede, e naõ as vides. Os peyores vinhos do Reino ſaõ os do Minho, chamados verdes, (11) porque duraõ pouco, e pela ſua aſpereza lhe chamaõ de enforcado, (ou talvez porque lançaõ as vides, e cachos pendurados

(10) Le Baron de Lahontan tom. 3. Voiages de Portug. pag. 208. (11) Far. Europ. Portug. tom. 3. part. 3. cap. 8. num. 2.

dos nas arvores;) donde veyo a dizer o sentencioso Sá de Miranda, alludindo ao dito de Cineas: (12)

Depois nos Olmos mostrado,
Nunca vi, disse, enforcado,
Que a forca assim merecesse.

8 *Carnes*. Da grande copia em todo o genero de gados, que ha no Reino, ninguem duvída. O grande consumo, que se faz delles no provimento de armadas, e frotas, e a consideravel extracçaõ de lans para o negocio do Norte, e Inglaterra bastava para prova desta opulencia, se jà o naõ tiveramos mostrado só na fecundidade da Provincia do Minho. No que se deve reparar he no sabor, e mimo das *Vacas*, e *Vitellas* da Beira: *Carneiros*, *Cordeiros*, e *Leitões* do Alentejo: *Cabritos* da serra de Cintra, e Caldeiraõ, sem omittir a preciosa provisaõ do *Leite*, *Natas*, *Manteigas*, e *Queijos* muito melhores que os Framengos, e Parmezanos.

9 E que diremos da montaria, e caça Real? Sem encarecimento Castella a naõ

(12) Sá de Miranda cart. 2. est. 10.

naõ tem melhor. Admiraveis saõ as *Corças*, e *Servos* da serra do Algarve: os *Veados* das serras de Mertola, Portel, Almeirim, Arrabida, Cintra, e tapada de Villa Viçosa: *Javalizes* da Tapada, Pinheiro, serras de Portel, Vascaõ, Grandola, e Alcacer: *Lebres*, e *Coelhos* das Berlengas, Alcantara, e N. Senhora do Cabo, pelo especial gosto, que lhe causa o pasto do perrexil.

9 *Aves*. Deixando a grande creaçaõ das domesticas, que em grandes ninhadas, e bandos vemos por todo o Reino em abundancia, *Galinhas*, *Patos*, *Pombos*, e *Peruns*, naõ ha cousa como os *Perdigotos*, e *Perdizes* do termo de Lisboa, das serras de Cintra, Beira, e Caldeiraõ: *Tordos* do Alentejo, *Taralhões* de Cezimbra, *Rolas* de Alcacer, *Adens* dos Paús de Palma, e Benavente, com outros varios bandos de passaros de arribaçaõ, que com o cibato das nossas terras se fazem muito mais saborosos que os *Hortolanos* de Pariz. Aqui se póde aggregar a quantidade grande de canoras, e vistosas aves, os *Rouxinoes*, *Pintasil-*

gos,

gòs, *Chamarizes*, *Codornizes*, *Cochichos*, *Lavercas*, *Verdilhões*, *Tentilhões*, *Melros*, *Pintarroxos*, *Tutinegras*, e outros mil ſuaves paſſarinhos, que pelos boſques, e ramos dos alemos, choupos, freixos, loureiros, e outros arvoredos eſpeſſos divertem os olhos, e os ouvidos com excellente muſica em indiſtinctos córos.

11 E ainda que as terras saõ differentes em arvores, e frutos, os de Portugal saõ tantos, e taõ bons, que ſe produzem nelle todos os que nas outras partes saõ eſtimados; porque de frutas de eſpinho tem por toda a parte admiraveis *Laranjas da China*, *doces*, e *bicaes*, a que os eſtrangeiros chamaõ frutas propriamente de Portugal: prodigioſas *Limas*, *Limões*, e *Cidras* em Colares, Cintra, Peninha, Loures, Póvos, Azeitaõ, Setuval, e Couto do Bouro.

12 Das frutas de pevide tem eſpecial eſtimaçaõ as *Camoezas* de Thomar, Alcobaça, Torres, Lourinhã, Montemór o novo: ſaboroſiſſimas *Peras* de muitas caſtas, e nomes: *De Rey*, *de Conde*, *Ber-*

Bergamotas, *Bojardas*, *Cornicabras*, *Carvalhaes*, *Conforto*, *Framengas*, *Gervasias*, *Codornos*, *de Rio frio*, *Engonxo*, *de S. Bento*, *de Bom Christaõ*, *Virgulosas*, e *Lambe-lhe os dedos*, com as formosas, e appetitosas *Maçans de Abrantes*, *Baunezas*, *Leirioas*, *Melapios*, *Repinaldas*, *Verdeaes*, e atè *Rainetas* de França na Villa de Mafra, com outras muitas, que em dilatados, e frescos pomares daõ que invejar a Reinos estranhos, pois só na Villa de Montemór o novo ha quatrocentos pomares de regadio muy deliciosos.

13 Antecipaõ-se a estes deliciosos productos aquellas frutas de caroço, que lograõ universal estimaçaõ por primeiras, e por gostosas: taes saõ as *Cerejas marouvinhas* de Palayos, e as chamadas de *Saco* da Louzã, Coimbra, e Leiria: as *Ginjas garrafaes* de Lamego, e Alemquer: as *Frutas novas*, e *Ameixas reinoes* de Montemór o novo, com as *Brancas*, *Caragoçanas*, e *Abrunhos* de Cintra, e Collares: os gentis *Figos lampos*, e *Perinhas de cheiro* do termo de Lisboa,

e Se-

e Setuval, com os graciosos *Damascos*, *Alperches*, e *Pessegos* de tantas castas em Abrantes, Aviz, e Villa-Franca; sem nos esquecermos das mimosas *Amoras*, e *Morangos*, e das bellas *Uvas moscateis de Jesus*, *Tamaras*, *Ferraes*, e *Malvazias* de Punhete: do chamado singular *Bastardo* de Cassilhas, e Almada; com os seus excellentes, e incomparaveis *Figos brancos*: dos selectos *Melões* da Vellariça, Chamusca, e Muxagata: das doces, e vermelhas *Melancias* de Patayas junto da Nazareth: das *Romans*, *Marmellos*, e *Gamboas* de Santarem, com a quantidade sem numero de *Castanhas verdes*, e *piladas* da Beira, e Minho: de *Amendoas*, *Passas*, *Figos*, e *Alfarrobas* do Algarve: *Nozes*, *Sorvas*, *Nesperas*, e *Avetans* da Estremadura: *Bolotas*, *Azeitonas*, e *Pinhões* do Alentejo, sem fazermos caso dos *Medronhos*, *Mortinhos*, *Camarinhas*, e *Amoras de silva*, que a natureza como frutos agrestes produz nos matos, e nas charnecas.

14 Seguia-se lembrarmo-nos das hortaliças, que naõ tem que invejar as nos-

sas

ſas couſa alguma às de Italia, ou França; pois em parte alguma haverá *Coves* taõ grandes, e *Nabos* taõ monſtruoſos, que ſe poſſaõ igualar com os da Beira, e muito menos com a riqueza, regalo, e recreaçaõ das muitas quintas, e hortas, tendo ſó Lisboa em ſi, e ſeu termo mais de ſete mil; porèm toda eſta eſpecie naõ cabe na memoria por infinita, e da meſma ſorte a copioſa fertilidade de legumes de todo o Riba-Tejo, raizes, arbuſtos, e hervas comeſtiveis, e aromaticas. Só com as medicinaes pudéra Portugal ſupprir os balſamos, as maſſas, e eſpeciarias da India, ſe os Portuguezes foraõ mais curioſos em ſe dar à intelligencia da Botanica, ou virtude das hervas, e plantas, ſendo certo, como confeſſaõ os eſtrangeiros, (13) naõ haver terreno mais baſtecido, e fertil de hervas medicinaes, que Portugal, ainda no mais eſcabroſo das ſuas ſerras.

15 Aſſim vemos que por ellas cria a natureza prodigamente ſem a diligencia da

(13) Merveilleux Memoir. inſtr. tom. 1. pag. 193. e 216. Barlamont no Elixir do Univ. cap. 4. e 5.

da cultura o *Alecrim*, a *Arruda*, o *Aypo*, a *Argentina*, a *Alfavaca de cobra*, os *Almeirões*, os *Agriões*, a *Agrimonia*, a *Artemija*, a *Avenca*, as *Azedas*, a *Bisnaga*, a *Borragem*, o *Cardo santo*, a *Carqueja*, a *Celidonia*, a *Centaurea*, a *Congossa*, a *Douradinha*, a *Dormideira*, o *Endro*, o *Ensayaõ*, a *Erva cidreira*, a *Erva doce*, a *Escabiosa*, a *Escorcioneira*, a *Eufrazia*, o *Funcho*, a *Filipendola*, o *Gilbarbeiro*, a *Hepatica*, a *Hera*, o *Hyssopo*, o *Jaro*, a *Labaça*, o *Lirio*, a *Lingua de Vaca*, a *Losna*, a *Macela*, a *Malva*, o *Malvaisco*, a *Mangerona*, o *Mastruço*, o *Marroyo*, o *Meimendro*, o *Millefolio*, a *Moleirinha*, a *Murta*, o *Nardo celtico*, a *Neveda*, o *Oregaõ*, a *Ortelã*, as *Papoilas*, a *Peonia*, a *Pimpinella*, os *Poejos*, a *Rabaça*, o *Rosmaninho*, a *Salgadeira*, a *Salsa*, o *Saramago*, a *Segurelha*, a *Sanguinaria*, a *Semprenoiva*, a *Serpentina*, a *Solda*, a *Tamergueira*, a *Tanchagem*, o *Tomilho*, o *Trevo*, o *Trovisco*, a *Valeriana*, o *Verbasco*, a *Versa*, a *Veronica*, a *Viola*, e outras de experimenta-

da

da virtude, e preſtimo, (14) de que tambem os multiplicados enxames de abelhas ſe aproveitaõ para a fabrica do mel nos excellentes colmeares, principalmente nas ſerras de Serpa, Portel, termo de Palmella, e toda a Provincia de Tràs os Montes, que coſtuma repartir com os viſinhos: naõ ſendo menos util a copioſa colheita do *Linho*, *Gran*, e *Eſparto* das Provincias do Minho, Beira, Eſtremadura, e Algarve, de que tanto ſe aproveitaõ as nações eſtrangeiras.

16 Ainda para recreyo dos ſentidos, viſta, e olfato ſe moſtra a natureza taõ provida, e liberal em noſſos campos na producçaõ de infinitas flores, humas brancas, outras encarnadas, outras roxas, outras amarellas, azues, e verdes; que naõ ha monte, nem valle, que no tempo do Veraõ deixe de reſpirar alegria, e ſuavidade com o eſmalte, e fragrancia das *Boninas*, *Junquilhos*, *Moſquetas*, *Lirios*, *Madreſilva*, *Legacaõ*, *Azarei-*

ro,

(14) Gabr. Grisley Deſengan. da Medicin. Duart. Nun. Deſcripç. de Port. Vigier Hiſtor. das Plant.

ro, *Giesta*, *Murta*, *Flor de laranja*, *Cravinas*, e outra muita diversidade, que exhalando agradavel cheiro, nascem, e se criaõ em qualquer prado, compondo hum continuado ramalhete; porque a industria da arte nas cercas, e nos jardins tem em todo o anno constante o Abril, e florente a Primavera com o vistoso matiz de *Assucenas*, *Cravos*, *Rosas*, *Jasmins*, *Angelicas*, *Ambrietas*, *Goivos*, *Esponjas*, *Violas*, *Perpetuas*, *Jacintos*, *Narcizos*, *Margaritas*, *Saudades*, *Amores perfeitos*, *Esporas*, *Gyrasoes*, *Papagayos*, *Pombinbas*, *Borboletas*, *Anemolas*, *Ranunculos*, *Tulipas*, com as frondosas latadas de *Caracoes*, *Trepadeiras*, e *Martyrios*, e o verde adorno dos crespos, e cheirosos *Mangericões*.

17 Quanto ao *Peixe*, alèm de o gabar Marineo Siculo, (15) e Botero, (16) tem Portugal razaõ forçosa para o ter em abundancia, e muy saboroso, por ser hum Paiz verdadeiramente maritimo,

Q lan-

(15) Marin. Sicul. de Reb. Hispan. lib. 1. (16) Boter. Relaç. Univ. part. 1. liv. 1. pag. 14.

lançado, e estendido pela costa do Oceano, onde o mar continuamente o está regalando de differentes peixes, huns mayores, outros menores, merecendo especial memoria os deliciosos *Salmões* do Minho: as gabadas *Azevias* de Alhandra: os raros *Solhos*, e *Tainhas* de Mertola: os saborosos *Saveis*, e *Lampreas* do Mondego: as *Douradas*, *Escolares*, e *Atum* do Algarve: os *Salmonetes*, *Linguados*, *Redovalhos*, *Bezugos*, e *Sardas* de Setuval: as admiraveis *Trutas*, e *Mugens* da Beira, e Minho: as selectas *Bogas*, e *Escalhos* de Caminha: os *Ruivos* de S. Joaõ da Foz, e Villa do Conde: as famosas *Pescadas*, e *Curvinas* de Cezimbra, Cascaes, Ericeira, Caminha, e Esposende: os *Congros*, e *Roballos* de Peniche, e Buarcos: os *Safios*, *Eirozes*, *Cachuchos*, e *Goroazes* do Tejo. E deixando de particularizar outras innumeraveis especies de peixe, que os rios, ribeiras, e lagoas nos tributaõ com a fecunda pescaria de *Sardinhas*, e *Carapáos*, e os celebrados *Camarões* de Villa-Franca, com os saborosos cardumes de *Con-*

chas,

chas, e *Mariscos*, vimos a concluir, que de tanto genero de mantimentos, e regalos, com que nos provê benigna a natureza, se vem a fazer hum todo admiravel contra o que diz Virgilio, que *non omnis fert omnia tellus*, pois todas as cousas vemos em tanta copia juntas nesta opulenta Peninsula.

CAPITULO XI.

Dos Mineraes.

1 A Tanta fertilidade, e mimo de especies sensitivas, e vegetaveis, como temos summariamente mostrado haver neste nosso Reino, quiz Deos tambem ajuntar-lhe as estimaveis riquezas de preciosos mineraes. Os de ouro, e prata saõ muito antigos em toda a Hespanha, como refere a Escritura Sagrada; (1) e taõ naturaes em o nosso Portugal, como affirma Plinio, (2) e o

(1) 1. Machab. 8. (2) Plinio lib. 33. cap. 4.

confirma Estrabo, (3) rendendo ao Senado de Roma cada anno dos direitos, que se tiravaõ das minas de Asturias, Portugal, e Galiza, trinta mil marcos de ouro; sendo este sem dúvida o unico attractivo, e reclamo, que chamou de taõ longe os Frigios, Fenices, Tyrios, Carthaginezes, e Romanos a fazer-nos guerra, e tributarios à sua cobiça.

2 Mas deixando a lembrança das minas antigas, como as de que faz mençaõ Justino (4) que havia na Provincia do Minho, e as que houve na Freguezia de Saõ Mamede de Val-Longo do Conselho de Aguiar de Sousa, e no Lugar de Villa-Verde, termo de Mirandella, (5) e no termo de Grandola, e no sitio de Alfarella da Provincia de Tràs os montes, e no Lugar do Seixo naõ longe de Anciães, (6) e em outras muitas partes do Reino, esgottadas pela ambiçaõ dos Romanos.

3 He

(3) Strab. lib. 3. de Situ Orbis: *Nec in alia parte terrarum tot sæculis hæc fertilitas.* Plin. alleg. (4) Justin. lib 44. (5) Costa, Corograf. Portug. tom. 1. pag. 374. e 452. (6) Ibid. tom. 3. pag. 337. Argot. Antig. da Chancel. de Brag. pag. 224. e 332.

3 He certo que no anno de 1290. concedeo ElRey D. Diniz privilegios aos que tiravaõ ouro na Adiça junto à foz do Tejo entre Almada, e Cezimbra; que era a officina mais antiga, donde se tirava ouro neste Reino em grande copia. Os mesmos privilegios concedêraõ os mais Reys atè ElRey D. Manoel, em cujo tempo com o descubrimento das riquezas da Asia foraõ diminuindo as extracções das minas de Portugal, como tudo conta a Monarquia Lusitana. (7)

4 Tambem no anno de 1608. se descubrio no Lugar de Parame, trez leguas da Cidade de Bragança, huma mina de prata taõ fina, que de oito arrobas de piffarra ficava na fundiçaõ seis de prata; e havia tanta quantidade della, que promettia o Superintendente oito arrobas cada dia livres para ElRey. (8) Bem sabido he, e celebrado pelos antigos o purissimo ouro, que se tirava de entre as arêas do Tejo, (9) e tambem naõ he

para

(7) Monarch. Lusit. liv. 16. cap. 30. (8) Ibid. Monarch. Lusit. (9) Silio Italico, Martial, e outros apud Maced. Flor. de Hespanh. cap. 4. excel. 2.

para esquecer o sceptro, que ElRey Dom Joaõ III. mandou fazer, do ouro extrahido das mesmas arêas; o qual sceptro affirma Duarte Nunes (10) que muitas vezes víra nas mãos dos nossos Monarcas em occasiaõ de Cortes; e que ainda se conservava no Thesouro Regio.

5 Se nós fizermos huma natural reflexaõ àcerca do muito, que nossos primeiros Reys dispendiaõ, jà com o sustento de grandes exercitos em contínuas campanhas; jà com grossas armadas; jà na erecçaõ de Templos, e Palacios sumptuosos; nos thesouros riquissimos, que deixavaõ a seus filhos; nas distribuições generosas, e soccorros poderosissimos, com que ajudavaõ a muitos Principes Catholicos, (11) sem que naquelle tempo houvesse tanta renda dos direitos Reaes, nem o descubrimento das riquezas da Asia tivesse ainda contribuido com seus thesouros para supprir estes gas-

(10) Duarte Nun. Descripç. de Portug. cap. 14.
(11) Resend. Chron. delRey D. Joaõ II. cap. 61. Marian. lib. 25. c. 11. Osor. liv. 2. de Reb. Emman. Andrad. Chron. delRey D. Joaõ III. part. 3. c. 15.

gastos, forçosamente devemos inferir, que em Portugal havia opulentas minas. Este pensamento confirma com bastante erudiçaõ o Doutor Fr. Serafim de Freitas, (12) dizendo, que antes do descubrimento da India naõ havia Reino na Europa mais opulento que Portugal: por isso com remontado episodio, e sabio fundamento introduzio o erudito Botelho na infancia de Portugal a idade preciosa de ouro, (13) que o singular Camões no cant. 9. e 10. attribuio ao tempo, e governo do sempre saudoso Rey D. Manoel.

6. Esta observaçaõ he só por huma natural conjectura; porque he infallivel haver sempre muitas minas de ouro, e prata por todo o Reino, como ainda ha na Villa de Borba, Béja, Evora, no termo de Barcelos, e Thomar, em Tràs os montes, e em outras partes conhecidas.

(12) Freitas de Justo Imperio Lusit. cap. 16. *Ita ut ante Indiæ explorationem nullum ex Europæis Regnum opulentius Lusitano inveniretur.* (13) Botelh. no Alfonso da impressaõ de Salamanc. ann. 1731. liv. 10. est. 76. & seqq.

das, (14) as quaes naõ ſe praticaõ hoje por certa razaõ de eſtado, que aponta Plinio (15) nas de Italia, e Duarte Nunes, (16) e as Memorias inſtructivas de hum viageiro nas de Portugal: ou tambem porque com o deſcubrimento das Minas da America no Eſtado do Brazil taõ fecundas, e com as mais modernas de diamantes, deſcubertas no Cerro do Frio, de cujos riquiſſimos tranſportes reſulta ao Reino taõ copioſo lucro, (pois chega a vinte milhões de cruzados o que nos vem todos os annos das Minas,) attraidos deſta fertilidade, e opulencia os Portuguezes, ſe eſquecêraõ do que tinhaõ mais perto.

7 Naõ ſó enriqueceo a natureza o Reino de ouro, e prata, mas tambem de pedras precioſas. No monte do Outeiro, que cerca a Villa de Borba, achaõ-ſe finiſſimas *Turquezas*, as quaes naõ ſaõ de cor verde, como diſſe Duarte Nunes, (17)

(14) Far. na Europ. Portug. tom. 3. part. 3. cap. 8. num. 10. Corograf. Portug. tom. 3. pag. 171. (15) Plin. lib. 33. c. 4 (16) Duart. Nun. Deſcr. de Port. cap. 14. Memor. inſtruct. tom. 1. pag. 210.

(17) e por sua informaçaõ Manoel de Faria, e a Corografia Portugueza, (18) mas sim de cor azul opaco, segundo bem adverte, e emenda o Padre Bluteau. (19) Na ribeira de Bellas, pouco distante de Lisboa, e principalmente no Lugar do Suimo, ha muita quantidade das pedras preciosas chamadas *Jacintos*, que na cor arremedaõ muito à flor Bem-mequer. (20) No Algarve achaõ-se *Rubís*. Na serra de Cintra ha minas de *Magnetes*, ou pedras de cevar, (21) de que os estrangeiros se tem aproveitado mais do que nós.

8 Tudo isto he muy conforme com o que dizem Botero, e Gil Gonsalves de Avila, (22) que em Portugal naõ só ha muitas minas de preciosos metaes, mas muitas pedras preciosas; donde Fr. Marcos de Guadalaxara Xivier, tratando da nova

(17) Duart. Nun. Descripçaõ de Portugal pag. 44. (18) Far. na Europ. Port. tom. 3. pag. 183. Corogr. Port. tom. 2. pag. 513. (19) Bluteau, Vocab. verb. *Turqueza*. (20) Corograf. Portug. tom. 3. pag. 52. Blut. verb. *Jacinto*. (21) Memor. instruct. tom. 1. pag. 112. (22) Boter. Relaç. Univ. part. 1. liv. 1. Avila, Grand. de Madr. liv. 4.

nova França, diz, (23) que naquella terra se achaõ *Diamantes* semelhantes aos que ha no Tejo: e isto naõ póde causar dúvida, quando sabemos que na Real Capella de Villa-Viçosa ha huma Custodia, cuja pedraria, de que está cravejada, foy toda extrahida das minas de seus contornos. (24)

9 De *Cobre* se descubrio no anno de 1620. na serra de Grandola huma mina muito boa. De *Estanho*, e muy fino temos em Amarante, Bouzella, S. Pedro do Sul, Belmonte, e em outras partes, (25) que nós vimos no anno de 1736. pela diligencia de Monsieur Damy. De *Ferro* ha bastante copia nas Villas de Penella, e Thomar; (26) e affirma o erudito Severim de Faria, (27) que he o melhor ferro do mundo, pois delle se costumaõ fabricar espingardas muy estimadas de todos os Principes. O *Crystal* em muitas partes deste Reino se acha em peda-

(23) Xivier part.5. Pontif. lib.3. cap.4. (24) Serões do Princip. part.1. disc.6. §.10. (25) Corogr. Port. tom.2. pag.393. (26) Duart. Nun. Descr. de Port. pag.42. (27) Sever. Notic. de Portug. disc.1.

pedaços; e refere Duarte Nunes, (28) que na Villa do Crato havia no seu tempo poços, donde se tirava grande quantidade. O mesmo se acha nas montanhas de S. Mamede de Val-Longo, termo de Aguiar de Sousa, e em Saõ Vicente de Caldellas, termo de Pica de Regalados. (29)

10 No Conselho de Gondomar na Freguezia de S. Christovaõ de Rio-Tinto ha minas de *Talco* taõ bom, que se conduz por negocio para muitas partes. *Chumbo* se extrahe de Aremenha. Que diremos das grandes canterias de tantas variedades de pedras, quantas vemos em todo o Reino? Os marmores brancos taõ admiraveis, que se tiraõ da Villa de Estremoz: os pretos de Cintra: os vermelhos, azues, amarellos, e pardos de Pedro Pinheiro, com os quaes se fabricou o Real Templo de Mafra, que, com o adorno de tanta diversidade de pedras, bem podemos dizer, que he huma joya pre-

(28) Duart. Nun. Descripçaõ de Portug. pag. 42.
(28) Corograf. Portug. tom. 1. pag. 244. e 374. Monarq. Lusitan. liv. 16. cap. 30.

preciosa, ou hum vistoso ramalhete, em que está unida a robustez com a delicadeza, o natural com o artefecioso. Com igual estimaçaõ vemos os porfidos de Setuval, e os celebrados marmores da serra da Arrabida, e os de Montes Claros, e os de Villa-Viçosa, dos quaes se tem aproveitado ainda os melhores edificios de terras estranhas. (30)

11 Naõ longe de Coimbra ha huma casta de pedra muy clara, e lustrosa, mas taõ branda, que basta qualquer prego sem maceta para a lavrar. (31) Outra mais admiravel se produz no Lugar das Antas, termo da Villa da Arruda, com a qual costumaõ ladrilhar os fornos, em que se coze o paõ, porque tem ella tal virtude, e calor intrinseco, que basta receber pela manhã a quentura sufficiente para a conservar todo o dia sem ser necessario renovar-se o fogo, ou administrar-lhe mais lenha. (32) A esta especie

(30) Duart. Nun. Descripçaõ de Portug. pag. 45. Luiz Mendes no Sitio de Lisb. pag. 192. (31) Far. Europ. Port. tom. 3. pag. 183. (32) Rodrig. Mend. da Silv. na Poblac. gener. de Hesp. pag. 130. e Duarte Nunes ut supr.

pecie podemos ajuntar as admiraveis pederneiras de espingarda, que ha por Alcantara junto de Lisboa, com todas as suas pedreiras matrizes de muita differença de pedra, que a falta de curiosidade ainda ignora.

12 Poucas terras levaráõ ventagem à nossa na producçaõ dos *Barros* finos, aptos para a fabrica de cousas domesticas. Entre todos merece o primeiro lugar o barro vermelho, e odorifero de Estremoz, de que se fazem preciosos pucaros, os quaes naõ só tem a galantaria de ficarem prezos, e pendurados nos beiços, quando por elles se bebe, mas tem a virtude bezoartica, e alexifarmaca, com que se extenuaõ as qualidades do veneno, (33) pelo que he bem merecida a estimaçaõ, que em toda a parte logra õ. Em Roma no Museo do Padre Kirker, e Bonani, que se conserva no Collegio dos Padres Jesuitas, os vimos com especial recato; e em muitos gabinetes

(33) Aldrovand. in Musæo Metal. lib. 2. pag. 229. Curvo na Polyanth; pag. 592. mihi num. 15. Fonseca no Aquileg. pag. 210.

netes de Monſenhores, e Principes de Italia conſtituem naõ pequeno adorno. Depois deſtes ſeguem-ſe os de Lisboa, chamados pucaros da Maya, ou do Romaõ, feitos com ſumma delicadeza, e formoſura, eſpecialmente aquelles, a que chamaõ de aletria, de hum barro tambem odorifero, com os quaes là lhe achou huma bella analogia o diſcreto Camões (34) para comparar as formoſas Damas Lisbonenſes. Os de Montemór o novo, Sardoal, Aveiro, e Pombal ſaõ fabricados de barros igualmente ſelectos, naõ ſendo para deſprezar a louça de barro, que ſe fabrica na Villa das Caldas.

13 De *Azeviche* ha muitos mineraes, mayormente na Villa da Batalha, de que ſe fazem curioſos brinquinhos, e figuinhas, as quaes trazidas à viſta dizem que ſaõ contra o quebranto, e fantaſmas melancolicas: (35) por iſſo rara he a criança neſte Reino, que naõ ande armada de muitas deſtas figas contra o máo

(34) Cam. cart. 1. (35) Dioſcorid. lib. 5. cap. 103. Plin. liv. 25. cap. 10. S. Auguſt. de Civit. Dei cap. 9. Bluteau, Vocab. verb. *Quebranto*, e *Philtro*.

máo olhado. O Padre Eusebio Nieremberg (36) approva a virtude natural do azeviche para este effeito, mas condena a effigie.

14 A formosura do *Coral* nos contribue muitas vezes o mar de Peniche, lançando-o pelas prayas em ramos, e esgalhos bem galantes, de que temos visto alguns. O *Vermelhaõ* se colhe no rio Minho, donde tomou o nome, e de que falla Justino. (37) No tempo del-Rey D. Manoel se descubríraõ minas de vermelhaõ, e de *Azougue*. (38) O cheiroso *Ambar* acha-se algumas vezes pelos areaes de Troya defronte de Setuval, que o mar lança fóra, quando tem andado tempestuoso. O *Salitre* naõ falta pelas grutas de Alcantara. (39)

15 O *Sal* se coalha copiosamente nas muitas marinhas, que ha em Aveiro, Santo Antonio do Tojal, e em Setuval, bastando só os direitos Reaes destas salinas de Setuval para satisfazerem aos Hollan-

(36) Nieremb. Filosof. Natur. (37) Justin. lib. 44. cap. 4. (38) Monarq. Lusitan. tom. 5. pag. 80. (39) Mervelleux Memoir. instr. tom. 1. pag. 216.

landezes os milhões, que se obrigou o Reino a pagar-lhe pelo Tratado da liga defensiva, concluindo-se o anno de 1703. o seu ultimo pagamento. Bastante prova he desta fertilidade o grande numero de navios estrangeiros, que continuamente vemos em nossos portos a fazerem carregações do sal, que là nas suas terras naõ tem: e he isto taõ antigo, que affirma Pedro de Mariz (40) ver-se em tempo delRey D. Pedro I. nos portos de Lisboa, e Setuval muitas vezes quatrocentos, e quinhentos navios a esta carga, e outras nossas mercadorias. Seguia-se tratarmos agora do Comercio do Reino; mas como reservamos esta noticia para quando descrevermos Lisboa, primario arquivo de todas as grandezas, e trafegos de Portugal, passemos à averiguaçaõ das moedas, que se tem lavrado, com toda a sua diversidade, e valor.

(40) Mariz Dialog.3. cap.6.

CAPITULO XII.

Das Moedas de ouro, prata, e cobre antigas, e modernas, que se tem lavrado em Portugal.

1 AS moedas mais antigas, de que ha noticia serem lavradas em o nosso Reino, saõ as do famoso Sertorio, Capitaõ Romano, o qual vindo a Portugal o anno 83. antes de Christo com o projecto de se fazer senhor de Hespanha, mandou bater moedas. Tinhaõ de huma parte esculpido o seu rosto de meyo perfil, e da outra banda a figura de huma corça, como offerece huma estampada o erudito Chantre de Evora Manoel Severim de Faria, (1) Era ella de prata do tamanho de seis vintens, e semelhante a esta foraõ achadas outras. Foy isto muito antes dos Emperadores Romanos.

(1) Manoel Severim de Faria Noticias de Portug. disc. 4. §. 2.

2 Com a morte porèm de Sertorio, ficando a nossa Lusitania reduzida a Provincia sujeita ao Imperio Romano, o dinheiro, que entaõ corria nestas partes, era o mesmo de Roma; e ainda que se achaõ algumas moedas daquelle tempo abertas em algumas Cidades, e terras nossas, era por especial privilegio dos Emperadores, dos quaes se tem descuberto em todas as nossas Provincias muita quantidade das de ouro, prata, e cobre, como referem o mencionado Severim, e Manoel de Faria, e o Reverendo Padre D. Jeronymo Contador de Argote: (2) podendo tambem nós ser testemunha da grande collecçaõ, que de humas, e outras vimos no Museo do Excellentissimo Conde do Redondo, a qual se o Reverendo Padre D. Antonio Caetano de Sousa chegára a ver, lhe daria sem dúvida a preferencia entre todas as mais da nossa Corte; porque as que refere

este

(2) Sever. Notic. de Portug. ut supr. Far. Europ. Portug. tom.3. part.4. cap.11. Argot Memor. do Arcebisp. de Braga tom. 3. no Supplem. ao liv. 4. pag. LVII.

este grande Escritor na sua Regia Historia, (3) saõ moedas, que se podem contar; porèm as daquelle Conde saõ innumeraveis, e ainda se conservaõ no seu palacio de Santa Martha.

3 Acabado o Imperio dos Romanos seguiraõ-se os Godos; e desde o anno 411. de Christo atè o de 570. que he o em que governou Leovigildo com poder absoluto, tambem naõ ha memoria de moeda alguma. De Leovigildo atè Dom Rodrigo, ultimo Rey Godo, achaõ-se algumas, ainda que mal abertas, de ouro, e prata, como as expressa o allegado Severim no §. 3. sem embargo de que o Padre Argote diga que naõ víra em Author algum moeda de prata do tempo dos Godos. (4)

4 Seguiraõ-se depois os Mouros no anno de 714. ou 716. e introduzíraõ as suas moedas por toda a Hespanha em todos os trez generos de metal, ouro, prata, e cobre, de que se tem achado ainda algumas, principalmente no Alentejo,

(3) Histor. Genealog. da Casa Real Portug. tom. 4. pag. 107. (4) Argot. ut supr. pag. LX.

tejo, e terras do Algarve, e nós vimos bastantes de prata com certos caracteres Arabicos, que se descubrírão em Loulé, e creyo que ainda existem no mencionado Museo do Excellentissimo Conde. Hum dos dinheiros, de que usavaõ os Mouros, era chamado Maravedi, e permaneceo tanto em Hespanha, que atè o reinado delRey D. Fernando I. de Leaõ todas as computações das contas se faziaõ por maravediz, assim como nós as fazemos agora pela valia de reis. Pouco depois se estabeleceo a Monarquia Portugueza com Reys proprios, e das moedas, que estes mandáraõ lavrar, e das que presentemente correm, faremos huma resumida memoria pelo estylo, que observamos.

5. *Alfonsim.* Esta moeda mandou lavrar ElRey D. Affonso IV. que delle tomou o nome, com o consentimento do Clero, e povo (5) Era de trez qualidades, cobre, prata, e ouro: o Alfonsim de cobre valia pouco mais de hum real dos nossos: o de prata era do tama-

nho

(5) Chroniç. delRey D. Fernand. cap. 58.

nho de hum tostaõ, e valia pouco mais de quarenta reis. Tinha de huma parte sobre o nome *Alfo.* huma coroa, e por baixo do nome delRey havia humas, que tinhaõ a letra *L*, por serem abertas em Lisboa, outras a letra *P*, por serem feitas no Porto, e pela orla tinhaõ esta inscripçaõ: *Adjutorium nostrum in nomine Domini.* O mesmo se lia da outra parte, onde estavaõ os sinco escudos do Reino postos em Cruz. O Alfonsim de ouro valia quinhentos e tantos reis. (6) Todas estas moedas tinhaõ o mesmo cunho.

6. *Aureo.* Foy moeda, que correo no tempo delRey D. Sancho II. pelos annos 1240. como se acha em escrituras publicas. O Reverendo Padre Fr. Francisco de Santa Maria em hum Tratado, que fez das moedas de Portugal, e anda incorporado no tom. 4. da Historia Genealogica da Casa Real a pag. 261. he de parecer, que esta moeda fosse daquelles mesmas dobras de ouro, que fez lavrar El-

(6) Fr. Anton. da Purificaç. Chronic. de S. Agost. part. 2. liv. 7. tit. 6. §. 6.

ElRey D. Sancho I. com a sua figura armado a cavallo, com a espada na maõ, e a letra: *Sancius Rex Portugaliæ* de huma banda, e da outra os sinco escudos em Cruz, que nós chamamos quinas, e dentro em cada hum sinco dinheiros naõ mais; e a letra à roda: *In nomine Patris, & Filii, & Spiritus Sancti. Amen*; (7) e sendo esta tal moeda, valia o tal Aureo pouco mais de cento e vinte reis da nossa moeda corrente, e he a mais antiga, que se acha no Reino.

7 *Barbuda*, ou *Celada*. Foy moeda de prata muito ligada, que mandou lavrar ElRey D. Fernando com o valor de 36. reis. De huma parte tinha hum capacete com viseira, e peito de malha, a que tudo chamavaõ Barbuda, ou Celada, donde tomou o nome, e em sima huma coroa, e pela orla da moeda a letra: *Si Dominus mihi adjutor, non timebo*: da outra parte huma Cruz da Ordem de Christo, que tomava todo o vaõ, e no meyo da Cruz hum escudo pequeno com as quinas de Portugal, e nos

(7) Monarq. Lusitan. liv. 10. cap. 7.

nos angulos da Cruz quatro caſtellos, e em roda a letra: *Fernandus Rex Portugaliæ, Alg.* No tom. 4. da Hiſtoria Genealogica da Caſa Real vem aberta a ſua figura, cuja circumferencia ſe póde ver melhor, que por informaçaõ dos Authores, os quaes diſcrepaõ muito nas medidas da ſua grandeza.

8 *Calvario.* Era certa moeda de ouro de 22. quilates, e tambem chamavaõ cruzados, que mandou lavrar ElRey D. Joaõ III. com o valor de quatrocentos reis, que depois ſubio a ſeiscentos reis. Tinha de huma parte a Cruz ſobre o monte Calvario, que daqui tomou o nome, com a letra em roda: *In hoc ſigno vinces*: da outra banda o eſcudo Real coroado, e a letra: *Joann. III. Port. & Algarb. R. D. Guin.*

9 *Ceitil.* Mandou lavrar eſta moeda de cobre ElRey D. Joaõ I. na occaſiaõ, em que tomou a Cidade de Ceuta aos Mouros, como dizem alguns Authores, ou porque era cada dinheiro deſtes a ſexta parte de hum real de cobre, e por iſſo ceitil he o meſmo, que

ſex-

ſextil, e eſta nos parece a mais verdadeira deduçaõ. Lavráraõ-na os Reys ſucceſſores atè ElRey D. Sebaſtiaõ. (8)

10 *Conceiçaõ.* Eſta moeda mandou lavrar ElRey D. Joaõ IV. em ouro, e em prata no anno de 1648. A de ouro valia doze mil reis: tinha de huma parte a effigie da Senhora da Conceiçaõ com trez ſymbolos deſte Myſterio por cada lado, e em circulo as letras: *Tutelaris Regni*: da outra parte eſtavaõ as armas Reaes no meyo de huma Cruz da Ordem de Chriſto, e na cercadura: *Joannes IIII. D. G. Portugaliæ, & Algarbiæ Rex.* A de prata tinha o meſmo cunho, mas era de mayor diametro, que os cruzados novos, e corria com o valor de ſeiſcentos reis. A origem deſta moeda foy aſſim:

11 Depois que o feliciſſimo Rey D. Joaõ IV. fez tributario o Reino de Portugal à Conceiçaõ da Senhora em ſincoenta cruzados de ouro cada anno, appli-

(8) Sever. de Far. Notic. de Portug. diſc.4. §.27. Cunha, Hiſtor. Eccl. de Liſb. tom.1. p.3. cap.10. Far. na Europ. Port. tom. 3. part. 4. cap. 11. n.10.

plicados para a ſua Real Capella de Villa-Viçoſa, jurando, e tomando neſte Myſterio a Senhora por Protectora do Reino em Cortes do anno de 1646. (9) tratou logo de lhe pagar o tributo em moeda eſpecial, e para iſto mandou abrir a França hum cunho da fórma, que temos dito, o qual trouxe, e fez Antonio Ruiter, a quem ſe deo trez mil reis, que diſpendeo com a abertura do ferro; como conſta do liv. 1. do Regiſto da Caſa da Moeda pag. 256. verſ., donde inferimos, que o primeiro anno, em que El-Rey fez a ſobredita offerta, ſeria no de 1648. por ſer eſte anno o que ſe vê expreſſo na dita moeda, a qual deſde o anno de 1651. principiou a ſer moeda corrente pela ley, que ſahio para iſſo. E ſem embargo de que no tom. 4. da Hiſtoria Genealogica da Caſa Real pag. 287. ſe diga, que humas, e outras moedas corriaõ com pezo de huma onça, foy equivocaçaõ; porque da meſma ley, que vem no dito tomo a pag. 359. ſe

vê,

(9) Brandaõ na Monarq. Luſitan. liv. 19. cap. 23. part. 6. Maced. Eva, e Ave part. 2. cap. 15. num. 27.

vê, que as de ouro corriaõ com o pezo de doze oitavas; e valiaõ por doze mil reis; e as de prata com pezo de huma onça, e corriaõ por ſeis toſtões: e pezo de doze oitavas he onça e meya.

12 ElRey D. Affonſo VI. continuou tambem a mandar lavrar as ſobreditas moedas em todo o tempo do ſeu governo, e da meſma ſorte ElRey D. Pedro II. e neſta moeda ſe fazia a offerta de vinte e quatro mil reis no dia da feſta da Conceiçaõ, em cujo dia trazem pendente ao peſcoço os trez Officiaes, que adminiſtraõ a Caſa da Senhora, huma das taes moedas. No anno porèm de 1685. teve fim a fabrica deſtas moedas, porque deſde entaõ nunca mais ſe lavráraõ, entregando-ſe os referidos vinte e quatro mil reis em outra qualquer moeda para a deſpeza da feſta de Villa-Viçoſa.

13 *Coroa.* Foy moeda de ouro, que mandou lavrar ElRey D. Duarte com o valor de 216. reis. ElRey Dom Manoel tambem a mandou lavrar, e valia 120. reis: chamava-ſe *Meya coroa.* Eſte pre-

ço

ço conservou atè o reinado delRey Dom João III. e ElRey D. Sebastião. (10)

14 *Cruzado*. Quando o Papa Pio II. mandou a Bulla da Cruzada para a guerra santa contra os Turcos, ordenou ElRey D. Affonso V. que se lavrasse huma moeda de ouro subido de 24. quilates, e que se chamasse cruzado em reverencia da Bulla, e com o valor de 400. reis. Tinha de huma parte a Cruz de S. Jorge com a letra: *Adjutorium nostrum in nomine Domini*; e da outra o escudo Real com a coroa sobre a Cruz da Ordem de Aviz com estas letras: *Cruzatus Alphonsi Quinti R*. Manoel de Faria (11) mostra que vio huma moeda destas com differente cunho. No anno de 1561. valia cada cruzado destes 500. reis, e depois forão subindo ao valor de 600. reis, e deste ao de 640. (12)

15 Pre-

(10) Fr. Anton. da Purific. allegad. e o illustr. Cunha na Histor. Eccles. de Lisb. allegad. Ordenaç. delRey D. Man. liv. 4. tit. 1. (11) Far. na Europ. Portug. tom. 3. part. 4. cap. 11. num. 12. (12) Cunha na Historia Ecclesiast. de Lisb. tom. 1. part. 2. cap. 20. num. 10.

15 Presentemente correm cruzados novos de ouro, que mandou lavrar nosso Rey D. Joaõ V. desde o anno de 1718. com o valor intrinseco de 400. reis, e na estimaçaõ commua de 480. Por Decreto de 8. de Fevereiro de 1730. mandou o mesmo Senhor que se lavrasse nas Minas quartos de escudo de ouro com o valor extrinseco de 400. reis cada hum, e intrinseco de 375. reis, tendo de huma banda o retrato delRey, e da outra na parte superior huma coroa Real, na inferior a era, em que se fabricaõ, e na circumferencia o nome delRey. A esta moeda chamamos cruzado, dos quaes jà naõ ha muitos.

16 ElRey D. Joaõ IV. mandou lavrar cruzados de prata com o valor de 400. reis, e meyos cruzados com 200. reis de valia. Depois foraõ subindo atè o reinado delRey D. Pedro II. que levantou os cruzados a seis tostões, e os meyos cruzados a trez tostões, mandando tambem lavrar cruzados novos de prata com o valor de 480. e meyos cruzados com o de 240. a que presentemente chamamos

doze

doze vintens, e que ainda correm nos nossos tempos.

17 *Dinheiro*. Foy moeda de cobre, que tinha de huma banda a Cruz da Ordem de Christo com duas estrellas, e duas meyas Luas nos vãos, e a letra *Ai Rex Portugaliæ*: da outra parte tinha as sinco quinas com a letra: *Algarbii*. Valia hum ceitil menos hum decimo. Destes dinheiros faz mençaõ a Ordenaçaõ velha liv.4. tit.1. §.17.

18 *Dobra*. Moeda de ouro de varias castas: *Portuguezas*, *Castelhanas*, *Mouriscas*, ou *Barbariscas*. As Portuguezas chamavaõ-se *Cruzadas*, que mandou lavrar ElRey D. Diniz com o valor de 270. reis: outras se chamavaõ *Dobras delRey D. Pedro*, e valiaõ 147. reis. Das Dobras Castelhanas havia humas, que se chamavaõ da *Banda*, por serem lavradas por ElRey D. Affonso XI. de Castella, e tinhaõ de huma parte a banda, insignia da Ordem Militar, que o mesmo Rey instituio, e valiaõ 216. reis: com este nome faz dellas mençaõ a Ordenaçaõ velha liv.4. tit.1. Tambem se chamavaõ

Va-

Valedias, porque valiaõ, e corriaõ em Portugal. Havia outras dobras com o nome de *Dona Branca*, e outras *Sevilhanas*, que mandou bater em Sevilha ElRey D. Affonſo o ſabio, e valiaõ 600. reis. Tinhaõ de huma parte ElRey armado a cavallo com a eſpada na maõ, e a letra em roda: *Dominus mihi adjutor*: da outra parte as armas de Caſtella, e Leaõ com o letreiro: *Alfonſ. R. Caſtellæ, & Leg.* (13) As *Mouriſcas*, ou *Barbariſcas* valiaõ 270. reis. ElRey D. Pedro I. mandou lavrar *Meyas dobras* com o valor de 73. reis e meyo.

19 *Ducataõ de ouro.* Quando ElRey D. Sebaſtiaõ foy a Guadalupe, mandou lavrar eſta moeda: huma com o valor de quarenta mil reis, outra de trinta, outra de dez cruzados. (14)

20 *Engenhoſo.* Foy moeda de ouro, que fez lavrar ElRey D. Sebaſtiaõ no anno de 1562. com o valor de 500. reis. Tinha de huma parte a Cruz com a letra:

(13) Cunha, Hiſtor. Eccl. de Lisb. part. 2. cap. 20. num. 13. (14) Fr. Manoel dos Sant. Hiſtor. Sebaſt. pag. 488.

tra: *In hoc signo vinces*; e da outra banda o escudo do Reino com a letra: *Sebastian. I. Rex Portugal.* Chamou-se esta moeda do Engenhoso, por assim se chamar Joaõ Gonsalves, natural de Guimarães, que fez o cunho. Ordenou-o elle de sorte, que as moedas sahiaõ fundidas de pezo, e com hum circulo ao redor para naõ se poderem cercear. (15)

21 *Escudo*. Moeda de ouro com muita liga, que mandou fazer ElRey Dom Duarte com a valia de 90. reis. ElRey D. Manoel a mandou desfazer.

22 *Espadim*. Houve neste Reino moedas com este mesmo nome de trez castas. *Espadins de ouro* mandou-os lavrar ElRey D. Joaõ II. com o valor de 320. reis. Tinha de huma parte o escudo do Reino com a letra: *Adjutorium nostrum in nomine Domini*; e do reverso huma espada empunhada com a ponta para sima, e em circulo o nome delRey. Em tempo delRey D. Manoel valia 500. reis. *Espadins de prata*, que mandou abrir ElRey D. Affonso V. com o mesmo

cu-

(15) Barbos. Remiss. à Orden. tit. 21. liv. 4. pag. 30.

cunho que os de ouro, só com a differença de ter a ponta da espada voltada para baixo. Chamou-se Espadim em memoria da Ordem da Espada, que instituio para a Conquista de Fez, como diz Severim. (16) Valiaõ 24 reis. *Espadins de cobre* prateados mandou bater ElRey D. Joaõ II. com o valor de quatro reis.

23 *Forte.* Com este nome mandou lavrar ElRey D. Diniz huma moeda de prata com o valor de dous vintens, ou quarenta reis; e meyos Fortes, que valiaõ hum vintem. Tinha hum, e outro de huma parte o habito de Christo com a letra: *Dionysius Rex Portugal. & Algarb.* da outra parte as armas do Reino, e a letra: *Adjutorium nostrum in nomine Domini.* Houveraõ outros Fortes, e meyos Fortes, que fez bater ElRey D. Fernando em preço de 29. reis, que depois abateo a 16.

24 *Frizante.* Foy moeda de prata, que corria no tempo de nossos primeiros Reys; mas naõ se sabe de que valòr era.

A Mo-

(16) Manoel Severim de Far. Notic. de Portugal disc. 4. §. 29.

A Monarquia Lusitana faz mençaõ desta moeda. (17)

25 *Gentil.* ElRey D. Fernando mandou lavrar esta moeda de ouro, mas de quatro castas. Havia Gentil de hum ponto, e valia 162. reis: Gentil de dous pontos 144. reis: Gentil de trez pontos 126. reis: Gentil de quatro pontos 116. reis. Fr. Antonio da Purificaçaõ (18) diz, que o Gentil delRey Dom Fernando valia 720. reis.

26 *Grave.* Moeda de prata, que mandou bater ElRey D. Fernando do tamanho de meyo tostaõ, e valia 21. real. Tinha de huma parte a letra *F*, primeira do seu nome, e sobre ella huma coroa dentro em hum escudo, e nos lados duas Cruzes, com a letra na orla: *Si Dominus mihi adjutor.* Do reverso tinha a Cruz de Saõ Jorge sobre hum escudo rodeado de quatro castellos, e o nome do Rey na cercadura.

27 *Indios.* Mandou ElRey Dom Manoel no anno de 1499. lavrar esta moeda

S de

(17) Monarq. Lusitan. p. 3. in Append. num. 16.
(18) Purific. Chronic. de S. Agost. allegada.

de prata com o valor de 33 reis em memoria do descubrimento da India. Tinha de huma parte a Cruz da Ordem de Christo com o letreiro: *In hoc signo vinces*; e da outra parte as armas do Reino com a letra: *Primus Emmanuel.*

28 *Justo.* Esta moeda era de ouro, que mandou fazer ElRey Dom Joaõ II. e valia 600. reis. De huma parte tinha o escudo Real jà com as quinas direitas sem a Cruz de Aviz, e o nome delRey na cercadura; e no reverso tinha a effigie delRey sentado em hum throno com a espada na maõ entre dous ramos de palma, e a letra em roda: *Justus ut palma florebit.*

29 *Leal.* Era moeda de prata, que mandou fazer ElRey D. Joaõ II. com valor de doze reis. Tinha de huma parte a letra *Leal* por baixo de huma Cruz; e da outra parte o escudo do Reino com o nome delRey na orla.

30 *Livra.* Foy moeda lavrada em varios reinados, e de varias castas, donde procede a alteraçaõ de seu valor. A *Livra de ouro* em tempo delRey D. Diniz

va-

valia oito vintens : o mesmo valor tinha jà no reinado delRey Dom Affonso III. No tempo delRey D. Joaõ I. valiaõ pouco mais de 82. reis. A *Livra de prata* era de dous generos : *Antigas*, e *novas*. Havia livras antigas, por cada huma das quaes se haviaõ de pagar setecentas das novas, e assim valia cada huma das antigas 36. reis : e havia tambem livras antigas, por cada huma das quaes se pagava quinhentas das novas, e entaõ valia cada huma 25. reis. A *Livra de cobre* era de trez sortes ; porque havia livra de dez soldos, que valiaõ trez reis e meyo : livras de dez livras pequenas, e valiaõ meyo real : livras de trez livras e meya, que valiaõ real e meyo, e corriaõ atè o anno de 1407.

31 *Maravedim*, ou *Morabitino*. Foy moeda, que introduzíraõ no Reino os Mouros Almoravides, ou Morabitos, que significa *Fieis*, segundo o mostra Aldrete. (19) Havia maravedim de ou-

(19) Aldret. no Thesouro da lingua Castelh. Vide etiam Bochart. in Geograf. Sacra no principio da sua vida.

ro, que mandou lavrar ElRey D. Sancho I. com o valor de 500. reis. Tinha de huma parte a effigie delRey a cavallo com a espada nua na maõ, e pela orladura: *In nomine Patris, & Filii, & Spiritus Sancti.* No reverso tinha o escudo Real, e o nome delRey em gyro. Os maravediz Mouriscos naõ tinhaõ mais que huns caracteres, ou attributos de Deos de huma parte, e da outra o nome do Principe, que os mandára abrir. Houve tambem maravediz de prata, que corriaõ com o valor de 27. reis.

32 *Mealha.* Naõ era moeda, que tivesse cunho particular, mas era metade da moeda, que chamavaõ *Dinheiro*, e valia meyo ceitil.

33 *Nomeada.* Moeda de prata, que fez lavrar ElRey D. Joaõ I. e seu filho ElRey D. Duarte. Naõ se sabe o que valia. Tinha de huma banda a Cruz de Saõ Jorge com a letra: *Dominus adjutor fortis*; e da outra o escudo do Reino com o nome delRey na circumferencia.

34 *Pataçaõ.* Era moeda de cobre com o valor de dez reis, que mandou fa-

fazer ElRey D. Joaõ III. Tinha de huma parte o escudo Real coroado com o nome delRey, e da outra parte a letra *X*, com a inscripçaõ: *Rex Quintusdecimus.* Havia tambem meyos patacões com a letra *V*, que valiaõ sinco reis. ElRey D. Sebastiaõ reduzio esta moeda ao valor de trez reis.

35 *Peças.* Moeda de ouro, que corria no tempo do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra. ElRey D. Joaõ II. a mandou desfazer.

36 *Pé-Terra.* Moeda de ouro, que fez lavrar ElRey D. Fernando com o valor de 216. reis.

37 *Pilarte.* Foy moeda de prata, que lavrou ElRey D. Fernando com o valor de treze reis, e dous ceitis. O nome de Pilarte foy posto em attençaõ, ou memoria dos pagens dos soldados estrangeiros, que lhe levavaõ os capacetes, ou barbudas, a que o Francez chama *Pilartes.*

38 *Portuguez.* ElRey D. Manoel, do ouro, que lhe vinha das Conquistas da Asia, fez lavrar humas moedas, que se cha-

chamáraõ *Portuguezes* de 500. ducados cada huma, e depois mandou lavrar outras, que valiaõ quatro mil reis. Destas houve tanta copia, que nas praças naõ se pagava por quasi todo o Reino com outra moeda, senaõ com a chamada Portuguezes de ouro. (20) Tinha de huma parte a Cruz da Ordem de Christo, e a letra em roda: *In hoc signo vinces*; e da outra o escudo Real coroado com as letras: *E. R. P. A. C. U. A. D. G.* que queriaõ dizer: *Emmanuel Rex Portugaliæ, Algarb.q. Citra, Ultra Afric. Dominus Guineæ.* Tinha outro letreiro por fóra junto à garfila, ou orla: *C. C. N. E. A. P. I.* que dizia: *Comercio, Conquista, Navegaçaõ, Ethiopia, Arabia, Persia, India.* ElRey D. Joaõ III. tambem os mandou lavrar da mesma fórma. ElRey Dom Joaõ V. mandou lavrar em Lisboa no anno de 1718. *Portuguezes de ouro* de 22. quilates, e com o valor de 19200. cada Portuguez, os quaes foraõ sómente para se lançar nos alicerses da Real Igreja de Ma-

(20) Far. no Comm. das Lusiad. de Cam. cant. 1. pag. 115.

Mafra. Tambem ElRey D. Manoel mandou fabricar *Portuguezes de prata* no anno de 1504, e valia cada hum 400. reis. A estes Portuguezes depois resuscitou ElRey D. Joaõ IV. e ElRey D. Pedro II. chamando-lhe *Cruzados*.

39 *Quatro vintens*. Mandou lavrar esta moeda de prata ElRey D. Joaõ III. que de huma parte tem o nome do Rey com coroa, e o numero LXXX. e na orla a letra: *Rex Portug. & Algarb.* Da outra parte tem a Cruz de S. Jorge com a sabida inscripçaõ: *In hoc signo vinces*.

40 *Real*. Esta moeda a mandou lavrar em prata varias vezes ElRey Dom Joaõ I. sempre com o mesmo valor, mas cada vez de menor pezo. Os primeiros valiaõ nove dinheiros, os segundos seis dinheiros. Atè o tempo delRey D. Manoel corriaõ Reaes de prata com o valor de vinte reis, e outros de trinta. ElRey D. Joaõ III. tambem os mandou lavrar com o valor de quarenta reis, e com os mesmos cunhos da moeda de quatro vintens, mudando o numero 80. em 40. A mesma moeda fez lavrar D. Joaõ IV. e

he

he o chamado meyo tostaõ, que hoje corre. Havia Real de cobre de varias sortes: huns tinhaõ mistura de estanho, com que ficavaõ mais claros, e se chamavaõ *Reaes brancos*. Mandou lavrallos ElRey D. Duarte, e D. Affonso V. Os que se lavrárãõ antes do anno de 1446. valiaõ dez ceitís. Havia outros Reaes chamados *Pretos*, por serem de cobre puro, e valiaõ pouco mais de hum ceitil. ElRey D. Joaõ II. para desterrar tanta confusaõ de Reaes, fez lavrar Real de cobre de seis ceitis. O mesmo fizeraõ seus successores atè ElRey D. Joaõ III. Tinhaõ de huma parte hum *R*, debaixo de huma coroa, e da outra o escudo do Reino com o nome delRey na orla: ElRey D. Sebastiaõ fez lavrar *Meyos Reaes* com a valia de trez ceitis: tinha de huma banda hum *S*, coroado, e da outra hum *R*, entre dous pontos.

41 *Sinquinho*. Moeda de prata delRey D. Joaõ II. e D. Manoel: valia sinco reis. O delRey D. Manoel tinha de huma parte os sinco escudos do Reino em Cruz com as letras: *Emmanuel P. R. & Al.*

Al. da outra huma malta com a mesma letra. Tambem ElRey D. Joaõ IV. fez lavrar Sinquinhos de prata.

42 *Soldo.* Foy moeda das mais antigas do Reino lavrada em ouro, prata, e cobre. A de ouro valia oito reales, ou dezaseis vintens: a de prata dez reis: a de cobre hum real. Este soldo em tempo delRey Dom Joaõ I. chamava-se *Moeda-Febre.*

43 *Talento.* Corria esta moeda no governo delRey D. Sancho I. no anno de 1188. e valia quatro ducados, ou cruzados, e era de ouro.

44 *Tornezes.* Moeda de prata em tempo delRey D. Pedro I. Tinha de huma parte a cabeça delRey com barba comprida, e a letra: *Petrus Rex Portugal. & Argarbii*: da outra banda o escudo do Reino, e na orla a letra: *Deus adjuva me.* Valia treze reis. ElRey Dom Fernando tambem lavrou *Tornezes*, que valiaõ oito soldos, ou quatorze reis.

45 *Tostaõ.* ElRey D. Manoel mandou bater esta moeda em ouro, e em prata. A de ouro era o quarto de ouro

dos

dos *Portuguezes*: a de prata valia cem reis. Tinha de hum lado a Cruz da Ordem de Christo com a letra: *In hoc signo vinces*; e do outro as armas do Reino com coroa, e o nome do Rey na orladura. Mandou lavrar tambem *Meyos tostões* com os mesmos cunhos, e letras, e valiaõ sincoenta reis.

46 *S. Vicente.* Moeda de ouro, que fez lavrar ElRey D. Joaõ III. com o valor de mil reis. Tinha de huma parte a imagem de S. Vicente com huma náo na maõ esquerda, e hum ramo de palma na direita com a letra: *Zelator Fidei usque ad mortem*: da outra parte o escudo Real com a letra: *Joann. III. Rex Portug. & Algarb.*

47 *Vintem.* Moeda de prata, que teve principio no tempo delRey D. Affonso V. e todos os mais Reys continuáraõ a mandar lavrar, ainda que com a fórma, e figura mudada, mas sempre com o valor de vinte reis. Em tempo dos Reys Filippes houve a moeda de meyo vintem em prata, que valia dez reis.

Di-

Dinheiro, que presentemente corre.

Em ouro.	*Valor.*	*Pezo.*
Dobraõ de	24U000	15. oit.
Meyo dobraõ de	12U800	1. onça.
Dobra de 4. escudos.	6U400	4. oitav.
Meya dobra de 2. esc.	3U200	2. oitav.
Moeda de ouro de	4U800	3. oitav.
Meya moeda.	2U400	oit. e m.
Escudo.	1U600	1. oitav.
Quarto de moeda.	1U200	54. gr.
Meyo escudo.	U800	mey.oit.
Cruzado novo.	U480	21. gr.
Quarto de escudo.	U400	18. gr.

Em prata.	*Valor.*	*Pezo.*
Cruzado novo.	U480	4.oit. 59.gr.
Doze vintens.	U240	2.oit. 29 gr.
Seis vintens.	U120	1.oit. 14.gr,
Tostaõ.	U100	1. oitava.
Trez vintens.	U060	43. gr.
Meyo tostaõ.	U050	36. gr.
Vintem.	U020	17. gr.

Em

Em cobre.	*Valor.*
Moeda de	U010 reis.
Moeda de	U005 reis.
Moeda de	U003 reis.
Moeda de	U001 real e meyo.

Por Ley do anno de 1732. prohibio El-Rey D. Joaõ V. que se naõ lavrassem Dobrões de doze mil e oitocentos, Moedas de quatro mil e oitocentos, nem outras, que excedaõ o valor de seis mil e quatrocentos reis; e que em todas, assim nas que corriaõ, como nas que se lavrassem, se puzesse a serrilha, que tem as de prata.

Noticia do valor, que tem tido o marco de ouro, e prata neste Reino em varios governos.

Rey.	*Metal.*	*Valor.*
D. Sancho I.	Ouro.	6U480
D. Pedro I.	Idem.	7U380
Idem.	Prata.	U945
D. Fernando.	Idem.	U900
D. Joaõ I.	Idem.	2U600

Rey.

Rey.	*Metal.*	*Valor.*
D. Affonſo V.	Idem.	1U260
D. Manoel.	Idem.	2U280
D. Joaõ III.	Ouro.	30U000
Idem.	Prata.	2U600
D. Sebaſtiaõ.	Idem.	2U400
Idem.	Idem.	2U680
D. Henrique.	Ouro.	40U000
Idem.	Prata.	4U000
D. Joaõ IV.	Ouro.	42U240
Idem.	Idem.	51U200
Idem.	Idem.	55U680
Idem.	Idem.	80U000
Idem.	Prata.	3U600
Idem.	Idem.	4U000
Idem.	Idem.	5U000
D. Affonſo VI.	Idem.	4U400
Idem.	Idem.	4U600
D. Pedro II.	Ouro.	85U312
Idem.	Idem.	96U000
Idem.	Prata.	5U600
D. Joaõ V.	Ouro.	96U000
Idem.	Prata.	5U600

CAPITULO XIII.

Da Lingua Portugueza.

1 A Primeira lingua, que se fallou em Portugal, foy a que communicou Tubal ao Turdulos, primeiros habitadores de Lisboa, os quaes multiplicando-se foraõ povoar depois parte da Turdetania, ou Andaluzia; (1) porèm que lingua fosse aquella he toda a difficuldade. Dizem huns, que fora a lingua Hebraica, (2) outros a Caldaica, ou alguma das setenta e duas, em que Deos prodigiosamente dividíra a primitiva na torre de Babel. Muitos se capacitaõ, que a lingua primeira, e geral de toda a Hespanha fora a Vasconça, ou Biscainha.

2 Filippe de la Gandara julga (3) que era idioma particular, e distincto do Cal-

(1) Monarch. Lusit. liv.2. cap.5. (2) Matut. Prosapia de Christ. Edad. 2. cap.4. § 8. Marin. Siculo, Garibay, e outros apud D. Thomaz Tamayo na Desensa de Flavio Dextro pag. 103. (3) Gandara, Triunf. del Rein. de Galiz. no Append. cap. 5.

Caldeo, e Hebreo; mas conforme os caracteres, de que usavaõ os antigos Turdulos Portuguezes, infere Fr. Bernardo de Brito, (4) que seria a lingua dos Hetruscos, usada em Italia desde o tempo de Noé; porèm ou fosse hum, ou outro idioma, he certo que a tal lingua dos Turdulos naõ foy universal em toda esta nossa Peninsula, porque comprehendia differentes nações, e cada huma, em quanto viveo sobre si, conservou seu particular idioma, conforme assevera Plinio. (5)

3 Com a fama, e attractivo das riquezas de Hespanha fizeraõ transito a estas partes muitas gentes de outras nações; (6) e como as linguas entraõ nas Provincias com os seus Conquistadores, introduzíraõ os Carthaginezes, e Gregos muitos vocabulos dos seus idiomas, que ainda conservamos, e retemos. (7)

De-

(4) Monarch. Lusit. ut supr. (5) Plin. lib. 3. cap. 1.
(6) Strab. lib 1. & lib. 15. Vasæus lib. 1. cap. 11.
(7) Resend. lib 1. Antiq. e nas Notas ao Poem. de S. Vicent. liv. 2. not. 44. Far. na Europ. Port. tom. 3. part. 4. cap 9. Matut. ut sup. §. 5. Joaõ Franco Barreto na Ortogr. Portug.

Depois vieraõ os Romanos, e para expulsarem de Hespanha aos Carthaginezes, gastáraõ naõ menos que duzentos annos atè a vinda de Augusto Cesar.

4 Em todo este espaço de tempo foraõ os Romanos intromettendo, e espalhando pouco a pouco as suas leys, costumes, e locuçaõ; (8) e confederando-se com os nossos por casamentos, fundando Colonias, e estabelecendo Conventos Juridicos, para que todo o governo de paz, e guerra dependesse delles, obrigáraõ por este modo politico, e sagaz a que todos os Lusitanos fallassem Latim. Nelle sahíraõ taõ insignes alguns, que depois o foraõ ensinar dentro a Roma. (9)

5 Corria o anno de Christo 409. quando os Godos, Alanos, Vandalos, Suevos, e outras nações barbaras Septentrionaes invadíraõ Italia, França, e Hes-

(8) Resend. lib. 3. Antiquit. *Abiere tandem in Romanorum mores Lusitani, & Civilitatem, linguamque Latinam, sicut & Turdetani accepere.* Aldretenas Antiguid. de Hesp. liv. 1. cap. 11. (9) Manoel Severim de Faria Notic. de Portug. disc. 5. §. 2.

Hespanha ; e assim como esta barbaria Gotica fez descahir da pureza da lingua Latina aos Romanos , produzindo em Italia o dialecto Italiano , em França o Francez , em Hespanha o Castelhano , assim em nossos Paizes fez nascer a lingua Portugueza. (10) Verdade he que os Godos desejáraõ muito accommodar-se com a lingua Romana , mandando verter em Latim os nomes dos officios de seus palacios , Corte , e exercitos ; porèm como era gente mal disciplinada , misturou de tal fórma hum com outro idioma , que enchendo-o de solecismos , barbarismos , e impropriedades , relaxou , e corrompeo totalmente o Latim , que os nossos fallavaõ , mudando-lhe atè os caracteres Latinos em letras Goticas , que introduzio o Bispo Ulfilas , (11) especialmente nos livros sagrados , e Ecclesiasticos.

(10) Kirquer de Turri Babel, lib. 3. pag. 131. *Ex adventu Gothorum , Alanorum , Vandalorum ingentem corruptionem passa , quaternas alias peperit , Italicam , Gallicam , Hispanicam , Lusitanicam.*
(11) Marian. Histor. de Hesp. tom. 1. liv. 9. cap. 18. Yañes liv. 2. pag. 644. de la Era, y Fechas de Hesp.

6 Sobrevieraõ os Mahometanos, e entaõ se acabou de arruinar, e perverter a lingua totalmente com as palavras Arabigas. Hum nosso Author muito erudito (12) diz, que na invasaõ dos Mouros, ficando livres as montanhas de Asturias, para onde foraõ refugiar-se os Hespanhoes, que ficáraõ depois do ultimo Rey Godo D. Rodrigo, se conservára entre elles illezo o Romance, que era vulgar no dominio Gotico, sem mescla do idioma Arabe. Assim seria; mas quem poderá negar que dos Arabes se deduzíraõ, e permanecem ainda em o nosso dialecto muitas dicções, que principiaõ por *al*, e *xa*, e as que finalizaõ em *z*, como observou o insigne Joaõ de Barros? (13)

7 Entrou finalmente em Portugal o Conde Dom Henrique, primeiro tronco dos Reys Portuguezes, e como elle era Francez, e casou com Princeza Castelhana, causou na lingua outra mudan-

ça,

(12) Martinh. de Mendoç. Disc. Philolog. contr. P. Feijó impress. em Madrid ann. 1727. (13) Joaõ de Barr. Dialog. do louv. da nossa linguag. pag. 56.

ça, aggregando-lhe novo complexo de palavras Castelhanas, e Francezas; porque como bem advertio o discreto Bembo, (14) tratando da alteraçaõ, que tinha havido na lingua de Roma atè o anno de 1540. conforme saõ os Soberanos, que governaõ, assim saõ os idiomas, que se fallaõ; porque o discurso como o corpo se costuma vestir, e ornar, segundo o uso, que ordinariamente sempre segue o exemplo do Rey: e attendendo a este peregrino, e verbal matiz, disse o Padre Joaõ de Mariana, (15) que a lingua Portugueza era mesclada de Latim, Francez, e Castelhano. Todavia as composições feitas em vulgar Portuguez, que daquelle seculo permanecem, saõ de fórma, que hoje se fazem imperceptiveis, e de ingrata dissonancia aos mesmos compatriotas. (16)

8 Ainda no tempo delRey D. Diniz,

(14) Bemb. nas Prof. liv. 1. pag. 16 vers. (15) Marian. Histor. de Hesp. lib. 1. cap. 5. (16) Veja-se a Far. na Europ. Portug. tom. 3. part. 4. cap. 9. e no Comm. das Rim. de Cam. tom. 4. part. 2. pag. 81. Brit. Chronic. de Cister liv. 6. cap. 1.

do qual affirma Manoel de Faria (17) que fora douto, e Poeta, e que o nosso idioma grangeára por esse respeito mais perfeita cultura, se conferirmos, e cotejarmos o estylo, e as palavras daquella era com as de agora, acharemos infinita differença. O Padre D. Antonio Caetano de Sousa (18) transcreve huma carta daquelle Rey em resposta de outra de sua Santa consorte a Rainha Santa Isabel, cuja locuçaõ bem confirma o que dizemos. Veyo ultimamente o grande Virgilio Portuguez Luiz de Camões com as suas Poezias epicas, e lyricas, e o incomparavel Demosthenes Lusitano o Padre Antonio Vieira com as suas declamações Euangelicas, para communicarem o ultimo resplandor, formosura, e perfeiçaõ à lingua Portugueza.

9 Com este augmento, e estado participa ella presentemente de todos aquelles attributos, que a podem fazer summamente estimavel entre as melhores da Europa, porque tem abundancia de

(17) Far. na Europ. Portug. tom. 3. part. 4. cap. 9.
(18) Sousa no Agiolog. Lusit. tom. 4. pag. 58.

de termos, e copia de palavras, com que se explica; e algumas taõ efficazes, que as que saõ nativas, e propriamente Portuguezas, em nenhuma outra lingua se encontraõ semelhantes, nem ainda equivalentes. Só o Portuguez com a unica palavra *Saudade* sabe exprimir com muito mayor força, e energia a constancia do amor ausente; e com a voz *Mágoa* a penetrante dor do sentimento. Para fallar em todo o genero de assumptos tem a extensaõ necessaria de vocabulos, e modos abundantes: por isso disse bem o Tito Livio Portuguez Joaõ de Barros, (19) que se Aristoteles fora nosso natural, naõ fora buscar lingua emprestada para escrever na Filosofia, e em todas outras materias, de que tratou; e se lhe faltára algum termo sucinto, fizera o que vemos em muitas partes aos presentes, que quando carecem de termos Theologaes os Theologos para entendimento real da cousa, os compuzeraõ, e assim os Filosofos, Mathematicos, Juristas, e Medicos: e o recurso

(19) Joaõ de Barr. Dialog. ut supr. pag. 55.

curſo a idiomas eſtranhos na introducçaõ de vozes novas naõ ſó he licito, mas preciſo.

10 Nós naõ podemos negar que a noſſa lingua ſe tem valido, enriquecido, e aproveitado das vozes, e frazes de outras nações, como atè agora temos viſto; mas qual ſerá o idioma, que naõ tenha uſado deſte ſubſidio? Naõ nos dá o breve methodo, que ſeguimos, lugar para nos deter com exemplos demonſtrativos; porèm ſó notamos, que a lingua Caſtelhana, (da qual intenta moſtrar hum Author (20) que a Portugueza he ſeu dialecto,) mendigou tambem da noſſa algumas palavras; e ſe nós foramos mais ſolícitos nas traducções Latinas, como tem ſido a gente Caſtelhana, Italiana, e Franceza, tiveramos avocado muitos mais vocabulos, e vozes da lingua Latina, em fórma que a Portugueza naõ pareceſſe jà corrupçaõ ſua, como lhe chamou Camões, (21) mas muito

(20) Gregor. Lop. Madeira no Diſc. del monte Santo de Granad. part. 2. cap. 19. pag. 70. (21) Camões Cant. 1. Luſiad. eſt. 33.

to ſemelhante a ella, como filha legitima de mãy taõ nobre. (22) E aſſim como por meyo das Conquiſtas da Aſia, e Africa adquirimos as palavras: *Laſcarim*, *Chatino*, *Zumbaya*, e outras muitas, que nos ſaõ jà domeſticas, da meſma ſorte tiveramos conquiſtado inteiramente a lingua Latina, cujos vocabulos ainda aſſim tem degenerado taõ pouco no idioma Portuguez, que ſem violencia podem nelle compor-ſe muitos diſcurſos com a meſma conformidade com a Latina, (23) o que naõ ſuccederá facilmente às outras locuções, que ſe prezaõ de ſerem ſeus dialectos.

11 Participa mais a lingua Portugueza da eſtimavel circumſtançia de ſe poder articular com huma pronunciaçaõ ſonora, deſembaraçada, e ſuave; porque nem he gutural, nem finaliza as dicções em conſoantes aſperas, como ſaõ; *d*, *n*,

(22) Kirquer de Turri Babel lib.3. cap.1. pag.131.
(23) Joaõ de Barros, Manoel de Far. Joaõ Franco Barreto jà allegados, Manoel Severim de Far. Diſç. var. diſc.2. Macedo nas Flores de Heſpanh. cap. 22. excel. 7.

d, *n*, *t*, *x*, assim como ouvimos a muitas linguas da Europa. E quando naõ houvera a confissaõ constante de muitos Authores graves Castelhanos, (24) que affirmaõ haver na lingua Portugueza esta mesma suave prolaçaõ, bastava para o provar aquella aptissima, e notoria facilidade, com que os Portuguezes adquirem, e fallaõ com cadencia todas as linguas estrangeiras, a que se applicaõ, o que naõ he taõ factivel aos outros com a nossa, que poucas vezes atinaõ com a sua verdadeira pronunciaçaõ. (25)

12 Attribuem muitos esta difficuldade àquella frequencia do nosso dipthongo *aõ*, corruptamente deduzido do *om* Francez, e Gallego, em que nossos compatriotas antigamente acabavaõ todas as dicções, que hoje terminamos em *aõ*, excepto os da Provincia do Minho, que pela mayor visinhança de Galiza ainda clau-

(24) Marian. Histor. de Hesp. liv. 1. cap. 5. Lope da Vega na Descr. da Tapada, e na Dorot. act. 2. scen. 2. pag. 40 (25) Veja-se a Faria no Prologo do tom. 1. da Europ. Port. e a D. Bernarda Ferreira na España libertada cant. 1. est. 6.

claudicaõ niſſo. A quem ſe faz mais difficil articular eſte dipthongo, he à gente Caſtelhana, porque tem o coſtume, ou vicio de finalizar com a letra *n* quaſi todas as palavras, que nós acabamos em *m*. Eſte embaraço pertendeo deſterrar do noſſo idioma Antonio de Mello da Fonſeca no ſeu *Antidoto da lingua Portugueza*, cujo arbitrio naõ foy bem aceito pelo ſabio, e prudente juizo dos criticos; porque eſte proprio mytaciſmo, (ſe aſſim lhe quizermos chamar) convem muito com o *am* dos Latinos, terminaçaõ frequente aſſim de nomes, como de verbos, e com tudo a defende Quintiliano; (26) nem deixa de parecer grave, e ſuave a cadencia Latina com eſtas terminações, que com mayor facilidade ſuavizaremos, uſando do remedio, que em outra parte advertimos (27) para a boa elegancia, e eloquencia Portugueza.

13 Deſta mageſtoſa armonia procede fazer-ſe o idioma Portuguez apto, e op-

(26) Quintil. lib.9. cap. ult. (27) No Eſpelho da Eloquencia §.7. num.4.

opportuno para todos os eſtylos, e aſſumptos, e para o verſo com eſpecial propriedade. Tal era o apreço, e eſtimaçaõ, que as Muſas Caſtelhanas faziaõ da noſſa lingua para expreſſar quaesquer affectos por meyo do Numen, ou Enthuſiaſmo Poetico, que deixavaõ a ſua lingua para compôr no rithmo Portuguez. Aſſim o affirma Argote de Molina, (28) allegando humas Coplas Portuguezas de Macias, Poeta Caſtelhano: *Si alguno le parecer que Macias era Portuguez, eſté advertido, que haſta los tiempos delRey D. Enrique III. todas las Coplas, que ſe hazian, communmente por la mayor parte eran en aquella lengua.* De maneira, que aſſim como em Italia entre todos os idiomas era a lingua Provençal a eſcolhida para o verſo por todos os Poetas, ainda que naõ foſſem Provençaes, (29) aſſim na Heſpanha era reputada mais propria para a Poezia a locuçaõ, e fraze Portugueza por todos os Poetas Heſpanhoes, por lhe acharem ge-

(28) Molina liv. 2. de la Nobleza de Andaluzia pag. 273. (29) Bembo nas Prof. pag. 10.

genio, e carecter especial para isso. Com o governo porèm delRey D. Joaõ I. que mandou usar da lingua Castelhana nas cousas publicas, de entaõ para cà deixáraõ os Castelhanos de compôr versos no idioma Portuguez. (30)

14 A ventagem de escrevermos da mesma sorte, que pronunciamos, tambem he huma das perfeições, que se encontra na lingua Portugueza, e que se naõ acha nas outras, porque só assim se dá huma regra geral, para que todos observem huma igual ortografia; pois as etymologias ainda das linguas mais doutas sempre saõ distantes, e incertas; e como jà mortas se tem corrompido, e alterado muito, havendo varias palavras Portuguezas, que se derivaõ de outras linguas mais modernas, e naõ entroncaõ com a Latina, Grega, Arabiga, e Hebraica, senaõ depois que as nações menos antigas bebêraõ nas fontes, e alteráraõ a sua nativa pureza.

15 Neste particular tem grande força o uso, e por isso o grande P. Vieira, re-

(30) Sever. de Far. Disc. var. disc. 2. pag. 85.

revendo os ſeus proprios livros, (aos quaes ſó elle podia emendar,) diſſe onde imprimírão: *Devoçaõ*, lea-ſe: *Devaçaõ*; mas o primeiro ficou prevalecendo. Alguns Compoſitores ſe tem moſtrado nimiamente declarados por eſta parte, querendo que a palavra *Homem*, e outras aſſim ſemelhantes ſe eſcrevaõ ſem *H*, como os Italianos. O melhor he ſeguir a mediania, como fazem os doutos, cujo exemplo he ſó aſſequivel, e naõ proceder com affectaçaõ, e exceſſo, aſſim como fez certo Author moderno, (poſto que engenhoſo) em huma nova ortografia, que uſa, pondo tambem ligados dous *rr* no principio da dicçaõ, (31) contra toda a norma, e coſtume dos eruditos. Outras muitas propriedades, e predicados da noſſa lingua obſervou curioſamente o Chantre de Evora Manoel Severim de Faria no diſcurſo, que temos allegado.

(31) Veja-ſe o tom. 1. das Cart. Famil. de Franciſco Xavier de Oliv. Cart. 7. pag. 54.

CA-

CAPITULO XIV.

Do Genio, e costumes Portuguezes.

1 HUm dos pontos mais preciosos, e uteis, que se costuma sinalar no assumpto Geografico, he a informaçaõ, e pintura dos genios, usos, e inclinações das gentes de qualquer Paiz: (1) por isso depois de ter dado noticia do material do sitio, qualidade, abundancia, e outras especies memoraveis do terreno Portuguez, como primeira baze do nosso intento, segue-se expôr as propensões naturaes, e costumes de seus habitadores.

2 E se nós houveramos de deduzir esta informaçaõ desde a raiz de sua primeira origem, e segundo a examinou diligentemente Estrabo, (que por agora omittimos,) com serem os primeiros Portuguezes povos incultos, e agrestes, nem por isso veriamos as suas condições

taõ

(1) Bentivoglio tom. 4. Relac. pag. 86.

taõ barbaras, e injurioſas, que preſentemente nos pudeſſemos envergonhar de ſerem elles noſſos progenitores. (2) Com a melhor cultura, e Religiaõ ſe melhoráraõ alguns abuſos, que depois ſe foraõ alterando com a entrada de outras nações; mas como os ramos naõ degeneraõ da ſubſtancia do tronco, nenhuma ſe atreveo atè agora a queſtionarnos o esforço, eſpirito, valentia, e gloria militar.

4 Eſta primeira prerogativa, e brazaõ, que como herança alcançáraõ os Portuguezes de pays a filhos ſempre com a meſma honra, que os antepaſſados, ſe acha ſoberanamente acreditada, e expendida nos Annaes, e Hiſtorias do mundo em todos os ſeculos. Diodoro Siculo affirmou, (3) que os Luſitanos eraõ os homens entre Heſpanhoes os mais fortes, e valentes. O meſmo conceito ratificáraõ Ve-

(2) Reſend. liv. 1. de Antiquit. *Neque tunc quidem malos, neque modo nobis erubeſcendos.* (3) Diodor. Sicul. lib. 6. cap. 9. e Boem. de morib. gent. lib. 3. cap. 25. e Fern. Nun. no Commento à Copla 48. de Juan de Mena.

Vegecio, Plutarco, Tito Livio, Valerio Maximo, e outros muitos Authores antigos, e estranhos, com quem os modernos se conformaõ, (4) cujos testemunhos, e ditos naõ referimos por extenso, por ser este hum ponto de mayor grandeza, e indubitavel.

4 Só he preciso conhecer que o caracter desta valentia naõ he furor, que offusca o juizo, mas sim hum valor virtuoso, que obra por impulso da razaõ. He

(4) Justin. lib 44. Bos. lib. 5. cap. 23. e outros apud Maced. nas Flor. de Hespanh. cap. 14. per totum. Justo Lipsio lib. 5. Epist. 66. Famian. Strad. de bel. Belgico lib. 4 pag. mihi 188. Boter. nas Relaç. p. 2. liv. 4. pag. 93. e 101. Joaõ Baptista Moreli na Reducion, y Restaur. de Port. pag. 15. e 183. Garivay tom. 4. liv. 35. cap. 16. Fr. Anton. de S. Roman. Histor. da India liv. 1. cap. 16. Sandoval Histor. de Carl. V. part. 2. liv. 22. §. 4. Marian. Hist. de Hesp. tom. 1. liv. 10. cap. 13. Lope da Vega na Arcad. liv. 3 pag. 109. Dos nossos veja-se a Gaspar Estaço nas Antiguid. de Portug. cap. 74. Monarch. Lusit. tom. 3 liv. 10. cap. 15. Bento Pereira na Pallas togata, & armata clas. 4. pag. 319. Fr. Francisc. de Maced. no Propugnac. Lusit. part. 1. cap. 6. p. 146. Far. nos Comm. das Lusiad. pag. 245. Fr. Manoel Hom. na Mem. das arm. cap. 37.

He hum natural movimento, que, segundo a opportunidade das acções, sabe sempre usar com bizarria. Como todo o Portuguez só estima o apreço da honra, despreza qualquer perigo para o conseguir. Este brio, e alento intrepido faz ser aos Portuguezes homens de ferro para o trabalho Marcial, commettendo, e executando façanhas, que tem mais de verdadeiras, que de verosimeis, e conforme disse nosso Poeta, (5) excedem as sonhadas, fantasticas, e fabulosas, que as estranhas Musas tanto souberaõ engrandecer.

5 A *Lealdade a seus Principes soberanos* he outra admiravel prenda, de que só os corações Portuguezes podem blazonar com grande singularidade. Todas as Chronicas do mundo, se bem repararmos, estaõ salpicadas do sangue de parricidios, e inconfidencias dos vassallos para seus Reys; só da naçaõ Portugueza naõ consta que faltassem jà mais à fé promettida de seu verdadeiro Soberano. Foy observaçaõ do doutissimo Thomaz

(5) Cam. Cant. 1. est. 11.

maz Bosio, (6) natural de Gubio, Cidade de Urbino, e de outros gravissimos Authores. (7) Ardem os Portuguezes no amor do seu Rey, e com esta preclara segurança triunfaõ nossos Monarcas de todo o receyo, podendo-se chamar Reys naõ de vassallos, mas de filhos. (8)

6 Com as dilatadas viagens das Conquistas acabáraõ elles de confirmar, e appropriar-se a virtude desta fiel obediencia, e respeitosa constancia, sem ser possivel desviallos, ou arrancallos em obsequio della ainda os immensos traba-

V lhos,

(6) Bosio tom. 1. de Signis Ecclesf. Dei cap. 1. lib. 8. *Nulla natio ab orbe condito præter Lusitanicam reperitur, quæ per tot sæcula civilibus bellis minùs adversùs Reges suos fuerit commota. Immo nunquam commota adversùs Reges communi decreto constitutos ... Hanc laudem deberi Lusitanicæ genti, ut Regum suorum studiosissima fuerit... Catholicis hoc Lusitanis ab orbis exordio divinitùs est concessum, ut nunquam Reges suos communi decretò constitutos armis petiverint.* (7) Barr. decad. 4. liv. 1. cap. 6. Duart. Nun. na Vida delRey D. Sancho II. e na Descripç. de Portug. cap. 85. Monarq. Lusitan. liv. 1. cap. 20. Freit. de Just. Imper. Lusit. cap. 15. num. 2. (8) Cam. cant. 10. est. 148.

lhos, e perigos; que padecêraõ, (e padeceráõ, quando a occasiaõ o peça,) de climas encontrados, e asperos; de fomes, sedes, frios, e traições malevolas de inimigos. Foy o que disse Vasco da Gama por boca do nosso inclyto Poeta (9) ao Rey de Melinde:

Crês tu que se este nosso ajuntamento
De Soldados naõ fora Lusitano,
Que duràra elle tanto obediente
Por ventura a seu Rey, e a seu Regente?

Crês tu que jà naõ foraõ levantados
Contra seu Capitaõ, se os resistíra,
Fazendo-se piratas obrigados
De desesperaçaõ, de fome, de ira?
Grandemente por certo estaõ provados,
Pois que nenhũ trabalho grande os tira
Daquella Portugueza alta excellencia
De lealdade firme, e obediencia.

Com termos de grande elogio particularizaõ tudo Authores de grave authoridade.

(9) Cam. cant. 5. est. 71. e 72. das Lusiad.

dade. (10) A mesma fé, e palavra estipulada na correspondencia de qualquer negocio ou com o estrangeiro, ou nacional, se observa sempre inviolavel. (11)

7 O heroico titulo de *Conquistador* he huma das excellencias felicissimas, que particularmente compete tambem ao genio Portuguez. Desde o feliz reinado delRey D. Joaõ I. pelos annos de 1415. mettêraõ os Portuguezes o braço, e asseguráraõ o pé nas quatro partes do mundo com inveja gloriosa de todo elle; e se as generosas ousadias conseguem o brazaõ de grandes jà desde o seu primeiro intento, muitos annos antes da sua execuçaõ residia no sublime peito, e mente Regia de nossos antigos Principes

(10) Franc. de Monçon Espejo de Princip. lib. 1. cap. 89. Zurita tom. 5. liv. 3. cap. 30. Gil Gonsalv. d'Avila Grandez. de Madr. liv. 4. Marian. Histor. de Hespanh. tom. 1. liv. 10. cap. 13. e liv. 12. cap. 4. Joaõ Baptista Moreli na Reducion, y Restaur. de Port. pag. 39. (11) Veja-se a Macedo nas Flores de Hespanh. cap. 13. per totum. Monarq. Lusitan. part. 4. pag. 165. Miguel Leit. nas Miscel. pag. 47.

o mesmo glorioso projecto. (12) Por este meyo se vio a Monarquia Portugueza augmentada sem diminuir os Reinos alheyos: fez-se grande sem fazer nenhum pequeno; e com grandeza verdadeiramente propria atè o tempo del-Rey D. Joaõ III. numerou 32. Reinos rembtos tributarios, e 433. praças presidiadas, com outras muitas Ilhas consideraveis, (13) naõ havendo no mundo

(12) Cam. cant. 8. est. 70. (13) Bos. de Sign. Eccl. tom. 1. lib. 8. sign. 32. cap. 1. num. 2. 3. 4. *Nulla unquam gens, ex quo mundus est productus, tot maria transmisit, ac tàm longè dissitas terras obivit, ut Lusitanica.... Nulla unquam gens ab humani generis exordio in tot, ac tàm longè positis oris sedes fixit, coloniasque deduxit, ut gens Lusitanica. Videbatur hoc esse Romanorum, vel etiam Macedonum, Phœnicumque: sed his proculdubiò Lusitani superiores. Romani namque Colonias nullibi posuerunt, nisi intra Imperii sui confinia, quæ non protendebantur ultra gradus nonaginta ab Occidente in Orientem; Lusitanorum verò sunt ultra gradus 250. Nulla unquam natio tàm remota regna, terrasque in suam potestatem redegit, ut Lusitanica. Plures quidem plura, sed non adeò longinqua. Igitur Lusitani non modò remotissimas oras adierunt, & in hoc omnibus præcellunt, sed & in iis domos posuerunt, amplius etiam subegerunt imperio suo.*

do clima, em que as Sagradas Quinas Portuguezas naõ se exaltassem triunfantes. (14)

8 Mas sobre todas as prendas, nenhuma acredita melhor de estimavel o genio Portuguez, que o zelo, e fervor, com que abraçáraõ, dilatáraõ, e conservaõ a Fé de Christo. Elles foraõ os primeiros, que na Europa erigíraõ Templos Sagrados para o culto da verdadeira Religiaõ: elles foraõ os que debelláraõ, e expulsáraõ de suas Provincias aos Sarracenos muitos centos de annos antes que outro algum Reino de Hespanha pudesse sacudir-se de taõ vil gente: elles foraõ os que depois de limpar as suas terras da infecta naçaõ Arabe, continuáraõ em perseguilla na Asia, e Africa, naõ com outro motivo, senaõ para lhes intimar, e propagar a Fé Catholica. Aos Portuguezes devem todos aquelles dilatados povos do Oriente o conhecimento da verdade Euangelica, a obediencia aos Sum-

(14) Bucanan. e Scaliger. apud Freit. de Just. Imper. pag. 29. 82. e 83. Maced. no Ulyssip. pag. 24. est.60. Cam. cant.1. est.8. e cant.7. est.14.

Summos Pontifices da Igreja, e a salvaçaõ das suas almas: (15) elles saõ finalmente os que para gastar no culto Divino tem mais ambiçaõ que o mundo todo cobiça para adquirir ouro, e riquezas. Todo este zelo, e piedade he ponto, que para caber no breve espaço deste nosso Mappa, he preciso resumillo, e assinalallo com caracteres miudos. Em outra parte apparecerá com alguma mayor extensaõ.

9 Nas

(15) Freit. de Just. Imper. Lusit. cap. 18. num. 12. 13. e 14. Bosio de Sign. Eccles. tom. 1. lib. 4. cap. 2. pag. mihi 245. *Toti Lusitanicæ genti debetur hæc laus, ut nobis ad remotissimas oras, & antiquis invias, facillimus, ac tutus fuerit aditus apertus, ita ut Christiana in amplissimis regionibus religio longè, latèque potuerit disseminari.* Aubert. Miræus in Politica Ecclesiast. liv. 2. cap. 15. *Lusitanis itaque in Indiam commigrantibus, & Imperio latè propagato, Christi cultus, ac reverentia per vastissimum illum Asiæ tractum sese erigere cœpit.* Gerard. Mercat. in Tabula Lusitan. Marian. tom. 1. liv. 10. cap. 13. Joaõ Pinto Ribeiro, Desengano ao parecer enganoso. Gil Gonsalv. d'Avil. Grandez. de Madrid: *Siendo (los Portuguezes) los primeros hombres, que seminaron en el Indo la semilla de la palabra Divina, aumentada con el riego de su sangre, haziendo-se mas gloriosos con las palmas del martyrio.*

9 Nas *Sciencias* supposto que antigamente florecêraõ nellas alguns Portuguezes, de que faz mençaõ Antonio de Sousa de Macedo, (16) com tudo naõ era com aquella fertilidade, com que pelos seculos mais chegados aos nossos deraõ os Portuguezes a conhecer a extensa capacidade do seu talento, e engenho. A confusaõ, e estrondo das armas, e das guerras naquelles primeiros tempos taõ continuas, e o accommettimento de inimigos taõ differentes naõ permittiaõ a tranquillidade, e socego, que requerem as Musas. Havia mais Portuguezes valerosos, que letrados; Produzia Portugal Scipiões, Cesares, Alexandres, e Augustos no valor, mas distituidos do adorno das sciencias, como lamentou Camões, (17) e Francisco de Sá de Miranda: (18)

Dizem dos nossos passados
Que os mais naõ sabiaõ ler,
Eraõ bons, eraõ ousados,
Eu naõ gabo o naõ saber.

10 Atè

(16) Maced. nas Flor. de Hesp. cap. 8. (17) Cam. est. 95. do 5. (18) Sá de Miranda na epist. 4.

10 Atè o tempo delRey D. Diniz, decimo Rey deste Reino, ainda naõ se conhecia nelle que cousa eraõ gráos de Doutores, nem de Bachareis, nem de Mestres: aos que sabiaõ alguma cousa chamavaõ-lhe Escolares, porque hiaõ estudar fóra do Reino. De sorte, que o primeiro Rey, que instituio Escolas publicas para se aprenderem as sciencias, foy ElRey D. Diniz, o qual fundou tambem a insigne Universidade de Coimbra, donde continuamente se estaõ produzindo Mestres eruditissimos, e formando infinitos homens prodigiosos em todo o genero scientifico. Tudo cantou Camões na 97. do 3.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva,
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.
Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do Baccaro, e do sempre-verde louro.

11 Esta

11 Esta habilidade intellectual confirmaremos com provas mais evidentes; quando mostrarmos o genio, e engenho dos Portuguezes em toda a faculdade literaria. Passemos a expressar outros predicados. Na producçaõ de alguns inventos saõ elles naõ só fecundos, mas utilissimos. Henrique Garcez foy o primeiro, que achou na America o uso do azougue para purificar o ouro. Portuguezes foraõ os que usáraõ primeiro que outrem comer sentados em cadeiras. Bartholomeu Dias descubrio o Cabo da Boa Esperança; e Fernando de Magalhães o Estreito, a que deo nome. Os famosos Mestres Rodrigo, e José, Medicos delRey Dom Joaõ II. inventáraõ o Astrolabio, instrumento Mathematico, o qual abrio caminho a taõ estupendas navegações. O Infante D. Henrique inventou a carta de marear; e em outros muitos raros inventos tiveraõ nossos nacionaes a primazia, e industria, que largamente mostra Manoel de Faria. (19)

12 Saõ

(19) Far. na Europ. Portug. tom.3. part. 4. cap. 8. e no Comm. do Cant.5. de Cam. est.25. e Joaõ de Barr. Decad.1. liv.4. cap.2.

12 Saõ os Portuguezes commummente pouco inclinados a aprender linguas estranhas, com a sua se contentaõ, que muito prezaõ. Para as que mais se dedicaõ alguns, saõ a Latina, Castelhana, Italiana, e Franceza, e nas duas primeiras fallaõ, e compõem com energia, e elegancia. Parece que nos reinados gloriosos delRey D. Manoel, e Dom Joaõ III. havia mayor curiosidade em se applicarem os nossos às linguas Orientaes pela precisa interpretaçaõ conducente a facilitar o comercio daquelles povos, em cujos idiomas foraõ insignes, alèm de outros, Pedro da Covilhã, e Fernaõ Martins, dos quaes se lembraõ Joaõ de Barros, e Camões. (20)

13 O primor, brio, e bizarria saõ attributos muy proprios da gente Portugueza. Naõ emprendem cousa alguma, por difficultosa que seja, que gloriosamente naõ a consigaõ. Affectaõ muito nas occasiões publicas ostentar-se pomposos com gravidade, mayormente os no-

(20) Joaõ de Barr. Decad. 1. liv. 3. cap. 5. Camões Cant. 5. est. 77.

nobres, e quando estaõ fóra do Reino. Daqui nasce serem os Fidalgos Portuguezes reputados por vãos, presumidos, e soberbos; donde o Criticon de Gracian (21) disse: *Que serian famosos, si no fuessen fumosos*; porèm naõ póde deixar de haver muito fumo, onde ha muito fogo: e como bem observou o eruditissimo Feijó, (22) toda esta jactancia da Fidalguia Portugueza naõ he mais que hum chiste, garbo, e desafogo da vivacidade do seu espirito. A urbanidade, cortezania, e attençaõ, com que trataõ a todos, he incompativel com a soberba, e orgulhosa arrogancia, e inchaçaõ, que se lhes attribue. Saõ muito amigos de valer a quem busca o seu patrocinio; e nas acções de piedade excedem a todo o mundo, dispendendo com maõ generosa, e liberal.

14 Com desconfiança sua nos reputaõ os estrangeiros (23) por naçaõ extre-

(21) Gracian part.3. do Criticon crisf.8. (22) Feijó tom.6. do Theatr. Critic. disc.3. §.4. num. 6. (23) Mervelleux Memoir. instr. tom. 1. pag. 86. Gracian. no Critic. ibid.

tremosamente aferrada às maximas, e costumes nacionaes, que só estimamos, e encarecemos por ventajosos. Póde ser que se assim fora em todos esta constancia, naõ nos levariaõ elles muita parte da honestidade, verdade, compostura, modestia, honra, e desinteresse, que nossos antepassados professáraõ, e que em lugar destas boas prendas nós naõ vissemos agora cheyos de cautella, ambiçaõ, ociosidade, soltura, brindes, banquetes, e outras desordens, que as nações estrangeiras nos introduzíraõ; (24) porèm este conceito naõ se compadece com o que ordinariamente estamos vendo, que he o nimio apreço, que quasi todos fazem das acções, modas, e costumes estrangeiros, desamparando com aleivosia aquelles, em que foraõ creados, sem mais razaõ que por serem os outros estranhos. Este vicio nacional foy reprehendido por hum dos nossos Poetas antigos, (25) dizendo:

Se

(24) D. Franc. Man. na Visita das Font. pag. 218.
(25) Simaõ Machad. na Comed. de Alfeo pag 72. Veja-se tambem a Man. de Får. na Font. de Agan. part. 3. Ode 15. est. 11. Franc. Rod. Lobo Eglog. 1.

Se hum eſtranho à terra vem,
Dizeis todos em geral:
Nunca aqui chegou ninguem;
E do voſſo natural
Nada vos parece bem.
Em fim que por natureza,
E conſtelaçaõ do clima
Eſta naçaõ Portugueza
O nada eſtrangeiro eſtima;
O muito dos ſeus deſpreza.

15 Quanto ao traje, e modo de veſtir, naõ ſe póde dizer que o temos proprio: as invenções dos eſtrangeiros ſaõ os modelos, ou moldes dos noſſos habitos. Atè o tempo delRey D. Joaõ III. pouca alteraçaõ, e mudança houve no modo de trajar. Naquelle feliz ſeculo delRey D. Manoel, em que o Reino nadava em ouro, trajavaõ os Principes veſtidos, que hoje deſprezariaõ os filhos de qualquer mecanico humilde. ElRey D. Joaõ III. ſendo ainda moço, e vendo em differentes occaſiões variar de traje, nunca deixou o Portuguez, dizendo, que nenhuma couſa havia de ſer baſtan-

te a fazello parecer eſtranho em ſua patria. (26) Neſte meſmo reinado, e pelos annos de 1530. he que em Portugal começáraõ a entrar as galas de Caſtella, e as delicias Aſiaticas, que nos corrompêraõ a modeſtia, e parcimonia antiga, de que tanto ſe lamentou Sá de Miranda. (27) Concorreo depois a communicaçaõ das gentes de outros paizes, que com ſuas extravagantes invenções nos tem feito ſervos dos ſeus caprichos, e por imitar o alheyo perdemos o proprio. Bem o diſſe, e deplorou Simaõ Machado. (28)

Vellos-beis, diſſe, à Franceza,
Depois diſſo à Caſtelhana,
Hoje andaõ à Bolonheza,
A' manhã à Sevilhana,
E jà nunca à Portugueza.

Confirma-o Franciſco Rodrigues Lobo na Egloga 4.

Por

(26) Faria no Comm. das Luſiad. Cant. 2. eſt. 97.
(27) Idem nos Com. das Rim. de Cam. Eglog. 1. eſt. 2. Franciſc. Nun. de Velaſco no Dialog. 11. Sá de Mirand. cart. 2. (28) Simaõ Machado na Comed. de Alfeo part. 1.

Por isso qualquer profano
Nos toma para entremez,
Porque fazemos cada anno
Té no traje Portuguez
Mais mudanças que hum sigano.
Naõ tomamos isto em grosso,
Vestimos por tantos modos
Cada hora, que dizer posso,
Que naõ temos traje nosso,
Porque o tomamos de todos.

16 O que tem mais permanecido; he na gente Civil a capa, e volta, e na plebe o uso do capote, de que os estrangeiros naõ gostaõ, porque dizem ser contrario à boa politica, por causa de servir de grande rebuço às pessoas mal intencionadas; (29) porèm a boa commodidade, que este habito faz no Inverno, e ainda às vezes no tempo calido, póde justificar o seu uso, e dissimular a indifferença da má intençaõ, que se lhe attribue. As espadas antigamente se traziaõ debaixo do braço sem a prizaõ do boldrié: os Italianos he que inventáraõ,

(29) Description de la Ville de Lisbone pag. 92.

raõ, e nos introduzíraõ a moda do talim; donde Camões nos ſeus chamados Diſparates veyo a picar eſta introducçaõ.

Vereis mancebinhos de arte
Com eſpada em talabarte,
Naõ ha mais Italiano, &c.

Tambem ſe coſtumavaõ adagas, que hoje eſtaõ prohibidas; e atè o adereço das eſpadas jà tem degenerado em eſpadins, e cotós. As barbas compridas atè à cintura ſe foraõ diminuindo no tempo delRey D. Joaõ IV. em que ainda ſe uſavaõ bigodes: depois no governo do Senhor Rey D. Pedro II. ſe extinguíraõ, e entrou o uſo das cabelleiras jà agora taõ domeſticado, que ſe faz reparavel o que naõ uſa dellas; e ainda neſte genero de compoſtura ha cada dia differentes novidades.

17 Entre todas as nações do mundo he ſó a Portugueza conhecida por namorada. Derretidos de amor nos chamaõ os Caſtelhanos; mas eſte affecto foy, e he ſempre exercitado por aquelle theor, e mo-

modo, que aperfeiçoa as pessoas, e as incita a acções decorosamente galantes. As venerações, e cultos do amor candido saõ taõ antigos em Portugal, que jà em tempo dos Carthaginezes havia templo em Villa Viçosa dedicado a Cupido, a cujo idolo, que era de prata, e chamavaõ *Endovelico*, hiaõ em romaria os Portuguezes fazer os seus sacrificios, offerecendo no principio de cada mez por victima hum cordeiro branco, (30) para mostrarem o sincero, e racionavel exercicio da mais poderosa paixaõ da alma. Daqui se infere, que na chamma do amor Portuguez naõ há fumo de torpeza: por isso Valerio Maximo reprehendeo asperamente a Q. Metelopio por delinquir nos excessos de Venus dentro da Provincia Lusitana, que só amava os furores de Marte. (31) Assim o deraõ à

X en-

(30) Monarch. Lusitan. part. 1. liv. 2. cap. 11. (31) Valer. Maxim. lib. 9. cap. 1. num. 5. *En ubi ista? Non in Græcia, neque in Asia, quarum luxuria severitas ipsa corrumpi poterat; sed in horrida, & bellicosa Provincia, cum præsertim accerrimus hostis Sertorius Romanorum exercituum oculos Lusitanis telis perstringeret.*

entender tambem aquelles Cavalleiros da Ordem Militar dos Namorados, que na celebre batalha de Algibarrota obráraõ tantas maravilhas em pura, e honesta contemplaçaõ das suas damas; (32) e por desafronta de outras passáraõ a Londres no anno de 1390. os doze celebrados Portuguezes, que com gloria, e lustre da patria ficáraõ vencedores. (33) Foraõ finalmente os Palacios dos nossos Reys sempre escolas universaes da fina galantaria. Celebravaõ-se saráos, e festins entre Damas, e galantes nas bodas, nascimentos de Principes, e vindas de Embaixadores, e a este exemplo o faziaõ os particulares com toda a modestia. Hoje está muy sincopada, ou, para melhor dizer, extinta a galantaria; (34) donde o grande Sá de Miranda (35) dizia jà no seu tempo:

Tras-

(32) Fr. Jacinto de Deos no Escudo dos Cavall. §.59. (33) Cam. Lusiad. cap.6 est. 43. & seq. e seu Commentador Manoel de Faria tom. 2. pag. 113. (34) D. Franc. de Portug. na Arte de Galantaria, e D. Francisc. Man. na Visit. das Fontes pag. 279. (35) Sá de Miranda cart. 2. est. 76.

Traſpuzeraõ os amores,
E deixáraõ o Paço às cegas.

18 Eſte amor, e eſtimaçaõ para com o bello ſexo faz ſer aos Portuguezes mais cioſos de ſuas mulheres, do que merece a ſua grande honeſtidade, e por conta dos zelos praticaõ cautelas bem eſcuſadas, de que os eſtrangeiros naõ coſtumados a ſemelhantes precauções baſtantemente ſe admiraõ, e eſtranhaõ. As mulheres civis raras vezes ſahem de caſa; e quando chega a occaſiaõ, que he no Domingo, ou dia Santo, vaõ acompanhadas de ſuas criadas, e cubertas com hum manto de ſeda preta, mas com tal ar, e garbo, que os meſmos eſtrangeiros reconhecem eſpecial genero de attractivo na ſua grave compoſtura, e meneyo. Antigamente uſavaõ de guardinfantes: pouco ha ſe extinguíraõ os donaires: hoje todo o luxo anda pelos pés, e de raſtos, bom ſinal para ſe acabar. Na formoſura, talento, e ſagacidade excedem as Portuguezas às mulheres de todo o mundo: parece todavia que

com a prenda natural da formofura naõ vivem algumas com toda a fatisfaçaõ, obrigando-as a fua mal fundada defconfiança, ou ambiçaõ de parecer melhor, a pôr no rofto alguns unguentos, e certos finaes, ou retalhinhos redondos de tafetá negro, porque imaginaõ fe fazem daquelle modo mais bellas, e que realçaõ muito a alvura da cara, de cujo accidente nem todas participaõ, porque de ordinario as mais dellas faõ de cor algum tanto morena; porèm o cabello, e olhros pretos com graça, e vivèza.

19 Nos cafamentos ufavaõ as antigas Portuguezas da Provincia do Minho naõ fahirem de cafa de feus pays para as de feus efpofos, fenaõ como violentadas: os feus parentes faziaõ a ceremonia de puxarem por ellas para fóra da porta arrebatadamente; e indo no meyo de dous padrinhos, adiantava-fe a toda a comitiva hum moço, que levava a roca cheya de linho, e o fufo. No tempo do Doutor Joaõ de Barros ainda permanecia quafi efte coftume; porque a noiva, quando fahia da cafa de feus

pays,

pays, chorava muito, dando assim a entender saudosa que se apartava da sua companhia contra vontade. Tambem costumaõ, quando sabem que alguma moça está contratada para casar, juntarem-se as visinhas, e parentas della; e fiarem todas à porfia huma noite atè pela manhã, a que chamaõ fazer seraõ; e como ordinariamente todas as mulheres desta Provincia saõ grandes fiandeiras, chegaõ em semelhante empreza a fiar cem, duzentas, e às vezes trezentas varas de pano para o enxoval da noiva. (36) Desta sorte ajudaõ huns aos outros para o dote das filhas, e no dia da voda fazem grandes festas, e banquetes.

20 Muitas vezes acontece escolherem as filhas o marido contra a vontade dos pays, e para obviar esta opposiçaõ na eleiçaõ livre do seu estado, e de seu esposo, consentem que os seus amantes as tirem por justiça. Vaõ logo ser depositadas pelo Meirinho Ecclesiastico em alguma casa de pessoa honesta; e proce-

(36) Joaõ de Barr. na Descripç. do Minho cap. 9.

cedendo a perguntas, se persistem na mesma vontade, se recebem, ficando os pays da noiva obrigados a contribuir com o dote proporcionado aos bens, que lhe competem.

21 O divertimento da caça he generico em todo o Portugal. Ulysses, quando veyo reedificar Lisboa, (37) introduzio o da altenaria, que se pratíca com açores, falções, e gaviões, de que compoz huma excellente arte Diogo Fernandes Ferreira; porèm este exercicio nobre foy mais proprio dos nossos Principes, e muito usado atè o tempo del-Rey D. Sebastiaõ. Permanecem hoje os outros generos de caça mais laboriosos em grande risco das mais ligeiras aves, que se naõ livraõ da destreza dos tiros para abonarem à custa da sua vida o primor, e acerto da espingarda Portugueza. Offerecem igualmente hum admiravel passatempo as muitas ribeiras, e rios com a pescaria de seus peixes. Os jogos da pella, tabolas, bola, e cartas entertem a muitos ociosos, e às vezes passa a oc-

(37) Figueiroa na Plaça Univ. disc. 12. §. 1. n. 3.

a occupaçaõ cheya de danos, e perigos. Nas academias, ou casas publicas destes jogos he costume dar barato, ou alguma porçaõ do lucro aquelle, que tiver ganhado, aos que estaõ em roda vendo. De algumas casas destas de mayor concurso saõ inseparaveis certos Cortezãos de industria, que naõ vivem de outra cousa, senaõ da golozina destes baratos.

22 Sobre todos os divertimentos, o mais celebre, e plausivel he o combate dos touros, ou seja de pé, ou de cavallo, a que todos concorrem com grande gosto, e se fazem estas festas com muito apparato, e magnificencia. (38) Esta he só a occasiaõ, em que os estrangeiros dizem (39) que podem livremente, e à sua vontade ver as Damas Portuguezas ornadas com todos os seus enfeites; mas todavia he este genero de espectaculo taõ perigoso, que só o costume lhe podia tirar o horror. Mais vistosas

(38) Veja-se a Bluteau no Vocab. verb. *Tourear*, e a Colmenar. nas Delicias de Portug. pag. 857.
(39) Memoires pour un voyageur tom. 2. pag. 131.

tosas saõ as outras festas, que às vezes fazem os Cavalleiros Portuguezes, chamadas Justas, Torneyos, Alcancias, e Cavalhadas, onde se vê a destreza, brio, e desembaraço de andar a cavallo, em que algumas pessoas de qualidade saõ insignes.

23 Amaõ os Portuguezes com especial affecto a Poezia, e a Musica. Hoje anda muito em moda no applauso de qualquer acçaõ meritoria transferir o Parnaso para o sitio do elogiado, e alli glosando motes, e compondo versos de improviso, mostraõ as Portuguezas Musas nestes outeiros laudatorios que naõ tem inveja de Apollo no seu aprasivel monte de Acaya. O instrumento musico, a que chamaõ *Viola*, he propriamente Portuguez, e que serve em todos os festejos domesticos, e publicos, a cujo som entoaõ ordinariamente motetes, e cantigas pateticas com aquella variedade, que pede a intençaõ do divertimento. O grave aspecto da compleiçaõ nacional parece que insinúa pouca familiaridade entre huns, e outros

com-

compatriotas : daqui vem ferem raras as pessoas, que convidaõ a seus amigos para jantar com elles ; mas quando o fazem, he com meza farta, limpa, e saborosa, e as mais das vezes ostentando grandeza, vaidade, e disperdicio.

24 Outros muitos costumes omittimos, naõ só porque seria preciso hum grande volume se houvessemos de descrevellos pontualmente, mas porque estas extensas narrações saõ mais proprias para a Historia, que para a Geografia. Com tudo antes de clausular este Capitulo, diremos alguns sentenciosos attributos dos Portuguezes para mayor conhecimento do seu genio, segundo a discreta observaçaõ, e experiencia de alguns Authores nossos.

Os Portuguezes sempre tiveraõ pouca dúvida nos grandes casos.

Lastíma muito mais aos Portuguezes o louvor alheyo, que o esquecimento do seu proprio.

Tem o Portuguez por disfavor usado com elle o favor, que vê usar com o seu companheiro.

He

He muito proprio de Cavalheiros Portuguezes com a inveja da primeira gloria estorvarem-se a si o logro da segunda, querendo mais ficar sem alguma, que ver a outrem com ventagem.

Cada hum dos Portuguezes da primeira grandeza tudo querem para si, e todos nada para alguem.

Cada hum dos Portuguezes presume que se lhe deve tudo, e assim qualquer cousa, que se dá aos outros, cuida que se lhe rouba.

Sempre o animo Portuguez esteve alegre nos perigos, e ainda nos tormentos.

Amou sempre mais hum Portuguez a fidelidade, que a fortuna.

Nenhuma cousa logrou a mayor antiguidade, que a naõ lograsse a gente Portugueza.

A gente Portugueza para com seus desejados Principes mil vezes substituio a adoraçaõ pelo decoro.

Naõ se sujeitou jà mais a gente Portugueza sem alguma soberania.

Nunca a espada Portugueza deveo

triunfos à multidaõ dos exercitos, senaõ à grandeza dos corações.

Mil vezes tem ſido a confiança natural cutello da naçaõ Portugueza.

Na gente Portugueza deſde os fundamentos eſtá de poſſe encommendar ao eſpirito o que outras nações à copia.

A naçaõ Portugueza ſempre ſe prezou mais de ſer acredora da voz da fama, que de ſujeita a ſeus favores.

A gente Portugueza ſempre foy affectadora de eſtimações, e decoros pela oſtentaçaõ do pomposo, e do grave, e ainda do vaõ.

Mais cabem no mundo os Portuguezes, que elle nelles.

Ao coraçaõ Portuguez ainda hum mundo lhe vem eſtreito.

Com a gente Portugueza nunca pode tanto o furor da guerra, como a afabilidade dos Principes.

Os Portuguezes ſaõ como o mar, muy ſerenos no ſocego, e na colera inſoportaveis.

As mulheres Portuguezas em ſeguindo o caminho da modeſtia, ſaõ unicas

nella;

nella; e tambem unicas em liberdades, ſe tomaõ o caminho de livres.

Naõ poucas vezes as matronas Portuguezas depuzeraõ a roca pela eſpada, fiando vidas aſſim como linho.

Todo o zelo he mal ſoffrido, mas o zelo Portuguez mais impaciente que todos.

He natureza, ou má condiçaõ da noſſa Luſitania naõ poder conſentir que luzaõ os que naſcem nella.

He timbre da noſſa naçaõ tanto que ſahe à luz quem póde luzir, tragallo logo, para que naõ luza.

Os Portuguezes deraõ fundo com as ancoras, onde Santo Agoſtinho naõ achou fundo com o entendimento.

Nenhum golpe deo a eſpada dos Portuguezes, que naõ accreſcentaſſe mais huma pedra à fabrica da Igreja.

Os Portuguezes para os infieis tem a eſpada, para os Catholicos tem o eſcudo.

Os Portuguezes primeiro ſe chamáraõ Mundanos, e depois Luſitanos, para trazerem no nome a luz do mundo.

O ma-

O mayor louvor da nossa naçaõ he chegarem os Portuguezes com a espada, onde Santo Agostinho naõ chegou com o entendimento.

Em Portugal esteve sempre certo o descuido com quem mereceo cuidado.

A naçaõ Portugueza mais se préza de fazer, que de dizer.

Quem quizer inteirar-se mais do genio Portuguez, e sem a desconfiança de ser informado por algum nacional, póde ver entre os estranhos sem suspeita aos Authores abaixo citados, (40) e outros, que allega Hoffman. (41) porque nós concluimos com o que promette aos Por-

(40) Justo Lipsio na epist. 96. do liv. 5. Andr. Scot. na Bibliotheca Hispanica tom. 2. clas. 9. & tom. 3. clas. 2. Bosio tom. 3. de Sign. Eccles. lib. 8. cap. 1. Cæsar de Bello Gallico lib. 3. Fr. Jeronym. Rom. Republic. do mund. liv. 4. cap. 18. Magin. in nova Geograph. §. *Portugalenses*. (41) Hoffman. Diccion. verb. *Portugalia*. Veja-se tambem a Mons. de la Hontàn, Mervelleux, Davity, Maffeu, Historia da India, Sanson, Moreri, Coronelli, e outros muitos, que por brevidade deixo de allegar.

Portuguezes o grande Camões em hum dos ſeus Epiſodios do Cant. 10.

Por mais que da fortuna andem as rodas.
Naõ vos haõ de faltar, (gente famoſa)
Honra, valor, e fama glorioſa.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

D. O. M.

sIt LaUs, IUXtaqUe VIrtUs, per ſæCULa sIne fIne.



PROTESTO.

TUdo o que eſcrevi neſte Livro offereço à cenſura, e doutrina da Santa Madre Igreja Catholica Romana; e ſe houver nelle alguma couſa menos conforme ao ſeu enſino, eu me retrato, e deſdigo promptiſſimamente.

J. B. de C.

